

UNQUIET



B O T S U A N A · C A N A D Á · T A S M Â N I A · B É L G I C A

C6Carbon

A inovação
do C6 Bank,
agora com dois
especialistas
para te atender



Baixe o app
e abra
sua conta

C6BANK



Às vezes a melhor
forma de se conectar
é ficando **off**.

NO TRÂNSITO, ESCOLHA A VIDA!
IBAMA
SUSTENTABILIDADE

Tech and Soul

OFF

ENTRE NO
MODO **MIT** 
E CONECTE-SE COM O QUE
REALMENTE IMPORTA.

PAJERO SPORT

pajerosport.com.br



**MITSUBISHI
MOTORS**
Drive your Ambition

Sumário

- 018 **360º** – Novos refúgios e experiências para desbravar o planeta
- 028 **Festivais** – Música e arte no festival que celebra a cultura *queer*
- 034 **Sustentabilidade** – Um novo lar para animais silvestres em risco
- 038 **Check-in** – Escolhas conscientes e consumo ecológico
- 042 **48 horas** – Tiradentes para viajar no tempo e nos sabores mineiros
- 048 **Biblioteca** – Livros e personagens que nos levam para longe, por J.R. Duran
- 054 **Brasil** – Boas surpresas entre rótulos de vinhos, azeites e cafés no sul de Minas Gerais
- 064 **Cultura** – Nepal, um roteiro de corpo e alma pelo Vale de Katmandu
- 074 **Arte** – MONA, o museu que é uma viagem, na Tasmânia
- 082 **Esporte** – Esportes radicais no gélido inverno canadense
- 090 **Bem-estar** – A natureza é a anfitriã da experiência *wellness* nos Açores
- 100 **Proudly** – Dias de luta e dias de glória na trajetória da causa LGBT+
- 108 **Ensaio** – Os registros sinceros da rica cultura indígena brasileira
- 116 **Gastronomia** – Em busca das cervejas trapistas na Bélgica
- 124 **Aventura** – Botsuana, um lugar para sentir a supremacia da vida selvagem
- 138 **Entrevista** – Os bons exemplos de Sonu Shivdasani para salvar o planeta
- 144 **Crônica** – A jornada que virou destino, por Gregorio Duvivier
- 146 **Inspiradores** – Glória Maria, a mulher que mostrou o mundo para o Brasil



A CELEBRAÇÃO DO AGORA

BMW MOTORRAD

100 YEARS

MAKE LIFE A RIDE

“A verdadeira viagem de descoberta
não consiste em procurar novas paisagens,
mas em ter novos olhos.”

Marcel Proust



UNQUIET
Movement is life

PUBLISHER

Corinna Sagesser

DIRETOR EDITORIAL

Fernando Paiva (*in memoriam*)

DIRETOR EXECUTIVO

André Cheron

DIRETORA DE CONTEÚDO

Nathalia Hein

CONSULTOR

Erik Sadao

DIRETOR COMERCIAL

Ricardo Battistini

DIRETOR DE ARTE

Ken Tanaka

EDITOR DE ARTE

Raphael Alves

GERENTE DE MARKETING E CONTEÚDO DIGITAL

Carolina Sagesser Rodrigues

COORDENADORA DIGITAL

Patrícia Poli

PRODUTORA DE CONTEÚDO DIGITAL

Marjorie Luz

PROJETO GRÁFICO

Ken Tanaka e Raphael Alves

GERENTES DE CONTAS E NOVOS NEGÓCIOS

Fernanda Espindola, Gabriel Matvyenko, Mirian Pujol e Ney Ayres

COLABORARAM NESTE NÚMERO

Texto: André Fischer, Arthur Veríssimo, Erik Sadao, Gregorio Duvivier, Karina Olini, J.R. Duran, Lalai Persson, Leilane Neubarth, Luciana Lancellotti, Mari Campos, Mari Silvani, Marjorie Luz, Nathalia Hein, Beto Pandiani e Rosana Hermann

Fotos: Bernardo Neubarth, Beto Pandiani, Karina Olini, Marina Bandeira Klink, Renato Soares, Getty Images e Istock

Ilustração: Amanda Pinho e Antônio Tavares

Revisão: Paulo Kaiser

CAPA

Crookes and Jackson/Wilderness/Divulgação

CUSTOM EDITORA LTDA.

Av. Nove de Julho, 5.593, 9º andar – Jardim Paulista
São Paulo (SP) – CEP 01407-200

Tel. (11) 3708-9702
revistaunquiet@customeditora.com.br

ASSINATURAS revistaunquiet.com.br/assine

@revistaunquiet

/revistaunquiet

revista unquiet

/revistaunquiet

@revistaunquiet

A versão digital está disponível no site revistaunquiet.com.br



Hub de conteúdo: A Editora Custom presta serviços de *branded content* para empresas, produzindo e publicando conteúdos customizados em todos os canais da marca UNQUIET.



Editorial

A diversidade é um dos pilares da UNQUIET. Nós acreditamos que viajar com um olhar generoso, para entender a cultura do outro, contribui para a criação de um mundo mais diverso, plural e sem preconceitos. Por isso, nossa edição, que sai no mês de comemoração do Orgulho, apresenta uma matéria especial sobre a história do movimento LGBTQIA+ a partir dos principais centros urbanos do mundo, onde a história dos direitos humanos começou a ser construída.

Nossa busca por lugares surpreendentes nos levou novamente até a África, dessa vez a Botsuana. A matéria de capa desta edição traz o relato da aventura vivida por Leilane Neubarth no maior delta interior do planeta, considerado exemplo de conservação e respeito ao meio ambiente, às culturas e às tradições locais.

A gastronomia da Bélgica, famosa pela produção das seculares cervejas trapista, até hoje produzidas em seletos mosteiros, é apresentada a partir de um roteiro na vibrante região de Flandres.

Na principal ilha dos Açores, novo e improvável destino de bem-estar, a mescla de tratamentos com atividades esportivas e mesa farta é a receita do aconchego.

Na Ásia, apresentamos a cultura do Nepal com sua filosofia intrínseca de equilíbrio e paz, a partir do sincretismo entre o budismo e o hinduísmo peculiar da região.

E na Tasmânia, a segunda maior ilha da Austrália, um centro de artes projetado por um *enfant terrible* propõe uma vivência *artsy* reflexiva e inesquecível.

A grandiosidade do Canadá e suas variadas opções para esportes de inverno, como *snowkite* e escalada em cachoeiras congeladas, são nossa receita para os aficionados por adrenalina.

Uma viagem de carro pelo sul das nossas Minas Gerais revela vinhedos e fazendas onde a produção de azeites e cafés premiados coloca o Brasil no mapa *foodie* mundial.

Como ler um bom livro é como viajar, JR Duran sugere alguns títulos que surpreendem até os viajantes mais experientes.

E a entrevista com Sono Shivdasani, nome por traz do Sonewa, uma das redes hoteleiras mais sustentáveis do planeta, inspira a todos a perseguir caminhos com baixo impacto o meio ambiente e respeito às culturas locais.

Que a UNQUIET continue a inspirar suas jornadas pelo mundo, contribuindo para a transformação individual que cada um de nós precisa viver...

Stay alive.
Be Unquiet.



CORINNA SAGESSER
PUBLISHER

Chegou o Extrato de Carbono

Acompanhe suas emissões,
descubra formas de
reduzi-las e, se quiser,
compense pelo app



Saiba mais

C6BANK



Colaboradores



Botsuana transformou profundamente o olhar de **Leilane Neubarth**, uma das mais experientes e viajadas jornalistas brasileiras, sobre o planeta. Com o filho, Bernardo, autor das imagens da matéria de capa desta edição, ela se hospedou nos *lodges* da Wilderness no país africano – viagem que conta em detalhes à UNQUIET. Também é dela o depoimento emocionante da seção Inspiradores, sobre a saudosa Glória Maria.



Rosana Hermann é jornalista, escritora, colunista de entretenimento e dona de um humor raro, talento que já compartilhou com o público como roteirista em programas como *Sai de Baixo*, *Vai que Cola* e *Porta Afora*. Entre seus livros recentes estão *Celular*, *Doce Lar*, sobre o vício em celular, e *Sempre Raia um Novo Dia*, o livro de memórias de Claudia Raia. Ela visitou as vinícolas e fazendas de azeite do sul de Minas, experiência que divide na seção Brasil.



Ator, escritor e roteirista, **Gregorio Duvivier** forma o time de sócios-fundadores do grupo Porta dos Fundos. Múltiplo em suas vocações, ele roteirizou e atuou em diversos espetáculos, programas de televisão e filmes, além de assinar várias obras, incluindo o recente *Sonetos de Amor e Sacanagem*. Gregorio comanda desde 2017 o *Greg News com Gregorio Duvivier*, na HBO. A convite da UNQUIET, ele escreveu a crônica afetiva deste mês.



Fotógrafo e documentarista, **Renato Soares** dedica seu trabalho para retratar as diferentes formas de expressão cultural dos vários grupos étnicos brasileiros. Ele desenvolve projetos editoriais e colabora com as revistas *National Geographic* e *Scientific American*. Sua obra fotográfica, retratada nas belas imagens do Ensaio desta revista, tem figurado em importantes exposições pelo mundo, reúne mais de 500 mil imagens e faz um mergulho profundo na cultura dos povos originários.



Médica especializada em “medicina de áreas remotas”, **Karina Olini** é uma aventureira por vocação. Cofundadora do Instituto Dharma, que leva a medicina a comunidades carentes e remotas, ela foi a única sul-americana a escalar o Everest pelas suas duas faces e a primeira brasileira a conquistar o K2, e tem ainda um recorde registrado no *Guinness* como a primeira pessoa a atravessar o maior lago de lava do planeta, entre outros feitos.



J.R. Duran dispensa apresentações, embora nunca seja demais elencar seus (muitos) feitos. Nascido em Barcelona, é reconhecido como um dos mais prestigiados fotógrafos brasileiros. Tem vários livros de fotografia publicados e três romances policiais, além do título *Cadernos de Viagem*, com diários de suas andanças pelo mundo e aquarelas dos apartamentos de hotel que conheceu. São dele as recomendações de livros “para viajar” na seção Biblioteca.



André Fischer é um dos nomes mais importantes do movimento LGBT+ no país. Criador e diretor do Festival MixBrasil de Cultura da Diversidade, é coordenador do Centro Cultural da Diversidade, em São Paulo. Tem sete livros publicados, incluindo o *Manual Ampliado de Linguagem Inclusiva*. É palestrante e consultor sobre diversidade, comunicação inclusiva e curadoria transmiídia e mes-trando em imagem e som na UFSCar.



Formada em jornalismo e publicidade, **Mari Silvani** foi diretora criativa nas mais importantes agências de propaganda do país. De forma independente, ela continua criando e escrevendo, mas também encontra tempo para fazer o que mais gosta, do jeito que sempre sonhou: viajar, e cada vez mais. Ela narra sua saborosa viagem pelas cervejarias trapistas da Bélgica na matéria de Gastronomia desta edição.



VIAGEM AO ALTIPLANO ANDINO

Na direção da L200 Triton Sport, Beto Pandiani desbrava a Ruta 40, que corta a Argentina

POR BETO PANDIANI

Quando cruzei o Oceano Ártico, encontrei uma terra árida, deserta e vazia, mas com muito espaço. Agora, no Altiplano Andino, novamente me vi em um lugar com muitas possibilidades.

Quando estamos em lugares cheios de pessoas, costumamos dizer que não tem espaço, mas, quando me deparei com essa vasta porção de terra, que tem a média de altitude de 4.000 m, me surpreendi com a quantidade de lugares diferentes e, ao mesmo tempo, inóspitos.

Por muitas vezes, eu poderia jurar que estava em Marte, e o mais incrível da viagem foi encontrar “marcianos argentinos” falando castelhano. Minha

L200 Triton Sport se converteu em uma nave espacial e assim, por caminhos fora das estradas, mergulhamos por rotas pouco conhecidas.

RUTA 40

Tudo começou quando tive a ideia de viajar pela Ruta 40, a estrada mais longa da América do Sul dentro de um país. A Ruta Nacional 40 é uma rodovia argentina que percorre o território de sul a norte, desde a província de Santa Cruz até a divisa com a Bolívia, tornando-se dessa forma a mais extensa rodovia da Argentina, com 5.224 km.

Para isso, contactei um amigo, Eladio Scalamogna, que conhece muito bem a região e poderia dar

Acima, Beto Pandiani com seus companheiros de viagem, Pepe, Eladio e Tape, e os cenários extremos da Ruta 40. Na página ao lado, a L200 Triton Sport desbrava o Campo de Piedras Pomez

alguma dica. Desse bate-papo sem muita pretensão, surgiu um convite. Eladio propôs montar um grupo com outras oito pessoas, em quatro carros, para me guiar. Detalhe: a turma explora a Argentina por caminhos fora de estrada há 30 anos. Melhor impossível. Marcamos uma data para nos encontrarmos em San Antonio de los Cobres para, no dia seguinte, partirmos em nossa viagem.

Saí de São Paulo cinco dias antes para cumprir os 2.700 km, assim teria a certeza de que não iria atrasar a viagem. O grupo, como combinado, se encontrou e o nosso anfitrião, Eladio, se encarregou de fazer as apresentações.

Partimos no dia seguinte, com os carros abastecidos, além de mais 40 litros de reserva de diesel. Todos estavam autossuficientes em até uma semana, tanto de água como de alimentação.

Saímos de San Antonio de los Cobres em direção a Tolar Grande, inicialmente por uma estrada de terra, que logo foi deixada para passarmos a viajar por um

caminho de terra arenosa. As montanhas, não muito altas, eram de terra bem marrom, formando um ambiente de vários tons. O que deu para perceber imediatamente é que teríamos dias de muita poeira e uma buraqueira danada. Os companheiros argentinos adoram buracos.

No final do dia, começamos a subir por um caminho espetacular, abandonando o Salar de Arizaro, que contornamos durante duas horas. Já era final de tarde quando chegamos a Estación Caípe, ruína de uma estação de trem que funcionou até 1990, depois que minas de enxofre pararam de funcionar, na década de 1970.

Montamos acampamento dentro de uma pequena igreja abandonada a fim de organizar o jantar. Como estava levando uma barraca de teto, preferi dormir nela, apesar do vendaval durante toda a noite. Logo cedo, tomamos café da manhã e desmontamos o acampamento. Saímos por uma estrada espetacular, que serpenteava abismos de terra e

FOTOS BETO PANDIANI



rochas. Percebia-se que aquela configuração era fruto de muita atividade vulcânica, pois, além de estarmos em uma região com centenas de vulcões, víamos muitas pedras no caminho. Eu procurava guiar com muito cuidado, pois uma distração poderia acabar com a viagem, com dano ao carro ou um acidente.

CAMINHOS SINUOSOS E VISTAS IMPRESSIONANTES

Nosso destino nesse dia era a famosa Mina de Casualidad. A história de La Casualidad está intimamente ligada ao desenvolvimento da mineração de enxofre no Cerro Estrella. No caminho, tentamos subir uma trilha na encosta de uma montanha onde se localiza um trem descarrilhado há muitas décadas. Mas não fomos bem-sucedidos, pois o solo era muito arenoso e fácil de atolar. Seguimos viagem contornando salares, subindo e descendo montanhas espetaculares. As cores eram surpreendentes e mudavam de acordo com a luz do dia, sempre com um azul límpido no horizonte.

No meio da tarde, chegamos à Mina de Casualidad, na verdade as ruínas do que foi uma vila mineira de 600 pessoas. De lá, continuamos subindo por uma estrada bem precária, que nos levaria a Mina Julia, o ponto de extração do enxofre.

A Mina Julia se desenvolveu na encosta sudeste do Cerro Estrella, à altura média de 5.505 m. A produção de enxofre da Mina Julia começou em 10 de agosto de 1953 e terminou em 22 de novembro de 1979. Creio que foi uma das visões mais impressionantes da viagem, pois lá de cima pode-se avistar 360 graus de montanhas, vulcões e salares. Estávamos em cima da fronteira com o Chile, fazia 1 °C e ventava muito.

Voltamos à Mina de Casualidad para um pernoite, e novamente o grupo encontrou outra igreja para dormir. O dia amanheceu gelado. Levantamos acampamento e saímos

Acima, vista da impressionante Laguna Verde. Na página ao lado, a L200 Triton Sport sobre o Salar da Laguna Negra

em direção ao Salar de Arizaro para avistarmos o Cono de Arita, uma montanha no meio do nada, na forma de uma perfeita pirâmide. Em seguida, subimos uma enorme serra, que dividia outra planície com o Salar do Homem Muerto, uma planície de sal de 588 km².

Algumas vezes, éramos obrigados a andar a menos de 20 km por hora devido à enorme quantidade de pedras no caminho. Por isso, não éramos capazes de fazer muitos quilômetros por dia. Sempre na hora do almoço, parávamos os carros e comíamos em lugares inimagináveis. Chegamos a Antofagasta de la Sierra de noite e, merecidamente, nos instalamos em uma pousada, já que um bom banho seria muito bem-vindo.

Logo cedo, partimos para aquele que seria o dia mais complicado em termos de estrada, se é que posso chamar de estrada. Fomos para Campo de Piedras Pomez, Cordilheira de San Buenaventura e Las Papas e, à noite, chegamos a Fiambalá. Um dia repleto de aventuras, por estradas beirando abismos e com vegetação, além de 40 km acompanhando um rio por um cânion, sendo que muitas vezes an-

dávamos dentro do próprio rio. As estradas sumiam e viravam apenas uma grande erosão. Foi um teste bem radical para a minha L200 Triton Sport.

No último dia, juntamente com os amigos argentinos, fomos para Cortaderas, perto da fronteira chilena. Lá conhecemos um dos lugares mais espetaculares da viagem, o Balcão de Pissis, onde é possível avistar um grande salar com várias lagoas de cores verde, preta e azul.

Nessa minha primeira viagem com a L200 Triton Sport, fiquei positivamente surpreso com seu desempenho, tanto no asfalto como na terra. Esse é o meu quinto carro da Mitsubishi e, de longe, o mais surpreendente. Nas estradas acima de 4.500 m de altitude, ele continuava com uma excelente resposta, mesmo nos trechos de “areião”. Além do desempenho, o baixo consumo de combustível foi outra grata surpresa.

Nossa despedida aconteceu no dia seguinte, quando começamos a retornar para o Brasil. A única certeza que tenho é que voltarei para o Altiplano Andino o mais breve possível e espero que os amigos argentinos façam um novo roteiro. 📍

360º

O novo frisson do verão em Maiorca, arte contemporânea em Istambul, uma casa de veraneio nos Lençóis, um refúgio romântico na Riviera Maya, um resort a favor do vento no Ceará e um lodge para grandes experiências na Nova Zelândia

POR NATHALIA HEIN



Continue viajando nas nossas dicas 360º

Aponte a câmera do seu celular para o QR code ou acesse revistaunquiet.com.br/dicas

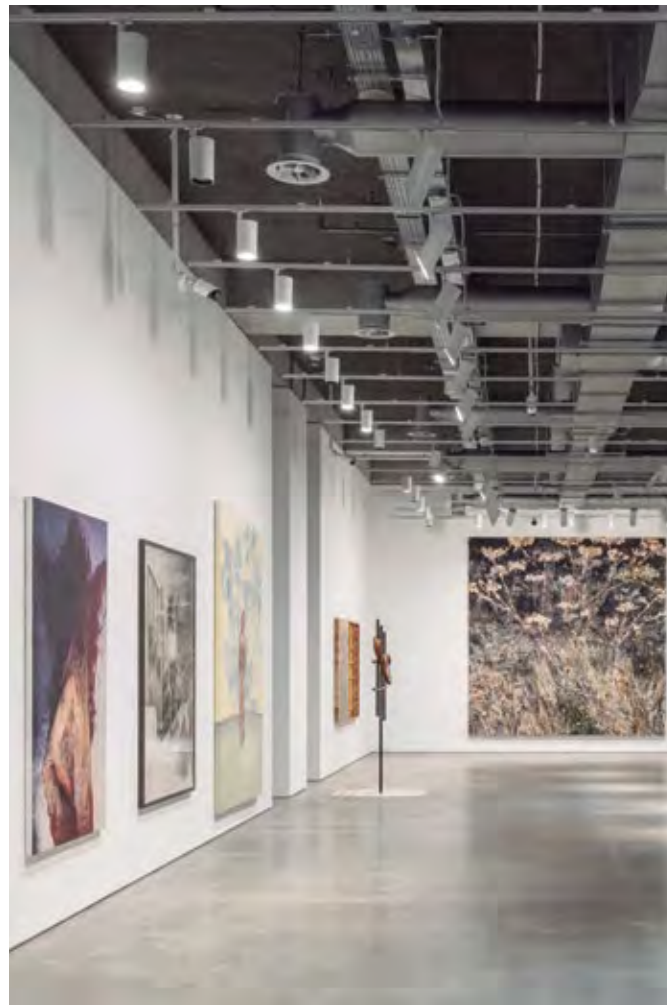


SON BUNYOLA HOTEL

Uma quinta do século XVI totalmente restaurada, mantendo as características originais da propriedade histórica, agora atende pelo endereço mais cobiçado da região de Tramuntana, na Ilha de Maiorca. Novo empreendimento da coleção de hotéis e *retreats* da Virgin Limited Edition, o Son Bunyola Hotel é composto da quinta principal e da *tafona*, ocupada anteriormente por um histórico lagar de azeite, bem como vários edifícios anexos. São 28 acomodações, incluindo duas suítes Tower (uma das quais era uma torre de defesa medieval), três vilas privativas, dois restaurantes gastronômicos, lounges e piscina, com uma vista panorâmica para a famosa Foradada, uma formação rochosa que é uma das atrações mais famosas da ilha espanhola. Embora manter o caráter histórico da propriedade rural tenha sido a premissa do projeto, objetos de design que priorizam materiais locais foram utilizados para conferir contemporaneidade. Prática essencial na coleção de *sir* Richard Branson, a sustentabilidade é um fator relevante também no Son Bunyola, com ações como reutilização de água e energia eficiente, além da contratação de locais para o *staff* do hotel, entre outras.

virginlimitededition.com





ISTANBUL MODERN

A celebração do 100º aniversário da República da Turquia, em outubro de 2023, fez a vibrante Istambul investir na modernização de suas estruturas históricas. Entre elas, o Istanbul Modern, o primeiro museu de arte contemporânea da cidade, que reabriu suas portas em maio, no bairro histórico de Karaköy, após cinco anos de reformas. Instalado na convergência entre o Bósforo e o Corno de Ouro, o edifício futurista foi projetado pelo premiado arquiteto italiano Renzo Piano. O traçado do prédio remete aos navios que por milênios têm cruzado o estreito, da Europa para a Ásia, bem como às criaturas marinhas que ali habitam. Na fachada, painéis de alumínio brincam com a mudança da luz solar, criando um efeito arco-íris, que evoca as escamas de peixe. Com 10.500 m², o novo Istanbul Modern oferece um espaço dedicado especificamente a exposições temporárias, programas educacionais interdisciplinares, exibições de filmes e sua extensa coleção de arte. O acervo abrange o período desde 1945 até o presente, reunindo obras de artistas internacionais que refletem a criatividade artística da Turquia e têm desempenhado um papel ativo na transformação mundial da arte.

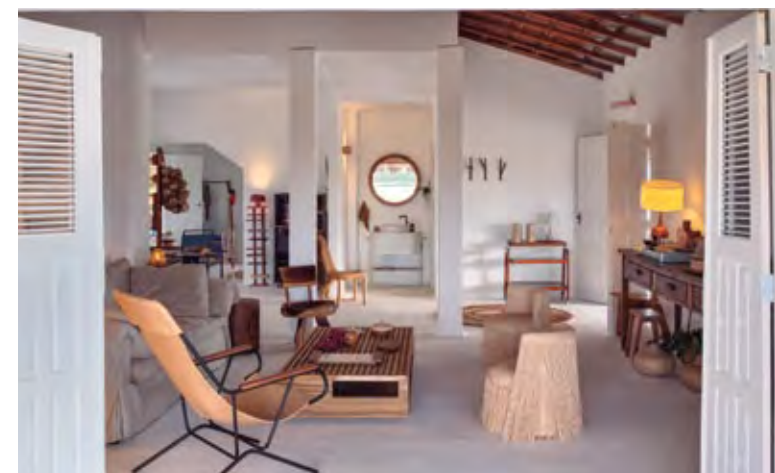
istanbulmodern.org



OIÁ CASA LENÇÓIS

O infinito mar de areia marcado por lagoas azuis do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses se mantém como um dos grandes tesouros quase intocados do Nordeste brasileiro. De ares primitivos e natural por essência, o destino foi o lugar escolhido pelo empresário Tomas Perez, em parceria com o francês Thierry Teyssier, proprietário da empresa de experiências de viagem 700.000 Heures e do hotel marroquino Dar Ahlam, entre outros, para o lançamento da Oiá Casa Lençóis. Esse projeto de hospitalidade, inédito na região, conta com apenas seis suítes, que ocupam o espaço da antiga Fazenda Boca da Ilha, totalmente renovada para receber o empreendimento, que abre as portas no final de junho. Circundado pela natureza bruta do lugar, com lagoas que se formam na época da chuva, a estrutura tem uma casa principal, com duas suítes, e área social e dois bangalôs, um pouco mais afastados, também com duas suítes, cada um. O programa de hospedagem, ideal para famílias e grupos de amigos, pode ter saídas de quadriciclo pelas dunas do parque, exploração em caminhadas e mergulhos nas lagoas, *stand-up paddle*, cavalgadas, piqueniques e visitas aos vilarejos próximos.

oiaexperience.com





CASA CHABLÉ

Informal como a casa de um amigo querido, excepcional como um cinco estrelas renomado. Esse é o contraponto perfeito que confere todo o charme à hospedagem no Casa Chablé, o novo hotel boutique do grupo Chable Hotels, instalado na reserva da biosfera de Sian Ka'a, um santuário natural perto de Tulum, na Riviera Maya, México. Entre o mar turquesa e uma lagoa de águas límpidas e cristalinas, o hotel é pé na areia e faz o estilo *soft chic*. De um bom gosto impecável, ele faz uso de elementos naturais no décor e lança mão de muita integração com a natureza e dos recursos locais para receber hóspedes que busquem privacidade e experiências únicas. A rotina pode ser personalizada conforme o desejo e o ritmo de cada um, incluindo passeios de barco a qualquer hora do dia, mergulhos livres ou para explorar a rica flora e a fauna marítima da costa mexicana, imersão na herança da cultura maia, tão latente na região, ou ioga à beira-mar, apenas para citar algumas possibilidades desse raro paraíso.

chablehotels.com



JAGUARÍNDIA VILLAGE

Conceito relativamente novo em hotéis brasileiros, o *slow-travel* pautou a concepção do Jaguaríndia Village, no Fortim, na costa leste do Ceará, que se junta aos irmãos Vila Selvagem e Jaguaribe Lodge nessa jornada de *staycation*, uma tendência mundial de viagens.

A ideia é que o hóspede viva cada momento de forma integral, conectando corpo, mente e natureza – o que fica muito mais fácil diante de uma ampla praia selvagem, na área de 50.000 m² às margens do Rio Jaguaribe. O convite ao desapego de tudo que não pertence à experiência em meio à natureza chega por meio de diversos estímulos. Os 30 bangalôs têm decoração inspirada na cultura indígena, com peças exclusivas, confeccionadas pelos artesãos locais da Arte e Madeira e da artista plástica Anne Brunet. Entre as experiências esportivas, a prática de *kitesurf* é destaque, já que se trata de um dos lugares com melhor potencial para o esporte no Brasil. O Ywi Spa oferece terapias que utilizam apenas produtos provenientes da Amazônia brasileira.

jaguarindiavillage.com



FLOCKHILL HOMESTEAD

As montanhas cobertas de neve, o rio sinuoso e o lago cristalino do grandioso Craigieburn Valley, na Ilha Sul da Nova Zelândia, estão sempre ao alcance dos olhos no Flockhill Homestead, instalado na Flock Hill Station, uma tradicional fazenda de ovelhas distribuída por 14,5 mil hectares. Recentemente renovado, o *lodge*, construído com materiais naturais e janelas do chão ao teto, possui apenas quatro acomodações, piscina e spa. Além da atmosfera aconchegante, os viajantes desfrutam da autêntica hospitalidade kiwi, com uma equipe dedicada, incluindo um chef à disposição. Mas as melhores experiências estão ao ar livre. O amplo menu abarca atividades como uma aventura pelo Cave Stream, um riacho subterrâneo, *mountain bike* no sopé dos Alpes do Sul, trilhas que levam a cachoeiras e lagos e um sobrevoo de helicóptero para um piquenique alpino. No inverno, diferentes montanhas ao redor proporcionam as emoções do esqui e do *snowboard* para toda a família. Acessível de helicóptero ou de carro a partir de Christchurch, o Flockhill prevê uma expansão, com mais 14 chalés.

flockhillnz.com

UNQUIET APRESENTA

Regent
SEVEN SEAS CRUISES

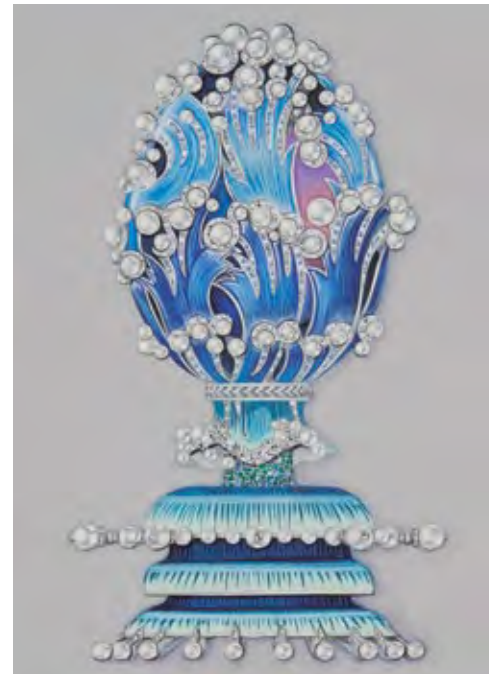


Ilustração do ovo Fabergé (à esq.), que estará a bordo do navio *Seven Seas Grandeur*

Jornada única

Novo navio Regent Seven Seas Cruises carregará o primeiro ovo Fabergé em alto-mar. Companhia também prepara novas viagens ao redor do mundo

A Regent Seven Seas Cruises leva a palavra exclusividade muito a sério. Prova disso é a parceria de companhia de cruzeiros com a *maison* Fabergé. A partir desse acordo, o *Seven Seas Grandeur*, mais nova embarcação da empresa, levará um ovo Fabergé feito sob medida.

Literalmente, o navio levará um tesouro a bordo. Será a primeira vez que a *maison* produziu uma peça que ficará no mar. Previsto para zarpar em novembro deste ano, o *Seven Seas Grandeur* terá a peça como parte de sua coleção de arte – não para venda.

Com o nome *Journey in Jewels*, nome do ovo Fabergé para Regent Seven Seas Cruises, será o item mais precioso do navio. Aliás, a empresa de cruzeiros proporciona verdadeiras viagens artísticas aos seus passageiros, tanto que seu acervo tem obras de Marc Chagall, Joan Miró e Pablo Picasso.

Para a Regent Seven Seas Cruises, cada nova embarcação oferece novas oportunidades de descoberta. Isso vale para os destinos, mas também para a sua própria jornada. “Da mesma forma, cada objeto Fabergé tem uma história diferente

para contar, e sabíamos que nosso próprio Fabergé poderia se tornar o tipo de peça inspiradora, que cativaria nossos hóspedes ao longo de sua viagem conosco. É a obra de arte perfeita para colocar a bordo do nosso mais novo navio, o *Seven Seas Grandeur*”, afirma Andrea DeMarco, presidente e CEO da companhia. “Essa joia rara viverá permanentemente no mar. Trata-se de um marco nos 180 anos de história da Fabergé”, completou Josina von dem Bussche-Kessel, diretora criativa da *maison*.

Também vale destacar as cinco grandes viagens dos navios da companhia para a temporada 2025-2026. As embarcações passarão por cinco continentes e atracarão em 194 portos, por América do Norte, África, Ásia, Europa e Oceania. Para ter uma ideia, o *Seven Seas Mariner* fará a Grand Arctic Adventure, zarpando de Nova York até Barcelona, em uma jornada de 83 noites. Já o *Seven Seas Navigator* partirá da capital da Catalunha rumo a Sydney, passando por portos da África e da Ásia, numa viagem de 84 noites. Reserve desde já!

rssc.com

VERSATILIDADE SEM LIMITES

DISCOVERY
SPORT



No trânsito, escolha a vida!

FESTIVAIS

WHOLE, tudo junto e misturado

Festival foge do óbvio para celebrar a comunidade queer na Alemanha

POR LALAI PERSSON

O final de agosto do ano passado chegou na Alemanha com alertas de tempestades. O pedido era para ficar em casa, mas, na agenda, tinha um fim de semana acampando em Ferropolis (escrito originalmente assim, na nossa língua), em Gräfenhainichen.

Corri para comprar itens básicos para sobreviver à eventual tempestade, que ameaçou cancelar o festival, antes de embarcar em Berlim num ônibus fretado superanimado. Para a nossa sorte, a ventania a levou para outro lugar, ocorrendo apenas algumas horas de chuva, que não comprometeram a diversão.

Era a minha primeira vez no WHOLE, um festival que celebra a comunidade *queer* e reúne coletivos artísticos e de festas LGBTQIA+ de vários países do mundo, incluindo a Mamba Negra, que representou o Brasil em 2022.

LET THE FUN BEGIN

Chegamos numa sexta-feira ao entardecer, o primeiro dia do festival, que se estenderia até às 10 horas, de

segunda-feira. Uma fila gigante se esticava para fora dos portões. Todo mundo, com as malas e o arsenal necessário para acampar nos dias seguintes, esperava pela sua vez de ser revistado, por seguranças que não demonstravam ter a menor pressa.

Ferropolis é um espetáculo à parte, onde cinco máquinas industriais gigantescas, de meados do século XX, transformaram o lugar num cenário de filme de futuro distópico. Algumas chegam a ter 30 m de altura e 120 de comprimento. A Cidade de Ferro, que no passado funcionou como uma mina de carvão, é hoje um espaço impressionante, que abriga festivais de música de todos os tipos. Uma parte da antiga estrutura foi inundada para dar lugar a um belo lago, cercado por uma prainha de areia branca, ótima para se refrescar pela manhã, antes de se jogar na maratona de festas.

Diferentemente da maioria dos festivais dedicados à comunidade LGBTQIA+, o WHOLE passa longe da música pop e do EDM. São cinco palcos, três deles dedicados ao house, techno e techno progressivo. Mas o coletivo brasileiro Batekoo, no line-up de 2023, promete colocar todo mundo para rebolar com o funk brasileiro. Participam nessa edição co-





O palco principal do evento. Na página ao lado, em sentido horário, o coletivo inglês Drag Syndrome, a diversidade do público do festival e momento relax à beira do lago na Cidade de Ferro

FOTOS LUCAS ROSA, CHRIS PHILLIPS, SARA HERRLANDER, SPYROS RENT E VICTOR LUQUE



letivos de Tóquio, Kiev, Kampala, Chengdu, Nova York, Istambul, Lisboa, Barcelona e vários de Berlim, incluindo alguns internacionais, o que promete manter a diversidade no *line-up* e aumentar ainda mais a pluralidade musical.

FORA DO COMUM

Nada no WHOLE é óbvio, e nem mesmo o cor-de-rosa, tão presente em eventos *queer*, tem lugar por lá. Uma visão global assertiva, que não se preocupa com grandes nomes da música, deixa a curadoria impecável e uma das mais inclusivas que eu já vi. No ano passado, o palco de performances abrigou o Drag Syndrome, um coletivo inglês de *drag queens* com síndrome de Down.

A audiência é muito diversa, com uma participação bem grande de pessoas trans, reunidas à vontade no mesmo lugar. Na praia, corpos nus de todos os tipos se estendem à vontade. Para quem não sabe, a Alemanha é adepta ao FKK (a cultura do corpo livre, ou seja, a nudez é natural).

Os palcos ficam espalhados em volta de todo o maquinário, e eu já soube que 2023 ganhará um

Sem se preocupar com grandes nomes da música, o WHOLE tem curadoria diversa e inclusiva

novo. Um deles fica escondido numa floresta, outro flutua sobre o lago, enquanto o principal fica embaixo da maior máquina de todas e conta com uma iluminação dramática, dando uma cara de festa do fim do mundo. Além da música, há um tablado dedicado à performance e outro para leituras, palestras e uma concorrida aula matinal de ioga. E adivinha? Tem também uma área de *cruising*.

DE OLHO NA LOGÍSTICA

Uma das coisas mais importantes para ter uma boa experiência no WHOLE é acampar o mais longe possível dos palcos. Eu, que caí de gaiato, quase acampeí atrás de um deles, mas por fim fui salva por um amigo, para ficar numa área reservada para o *staff* e amigos do festival.

O ideal é ir de trailer ou alugar uma van equipada, para diminuir bastante o perrengue de acampar. Encarar a fila para comprar café da manhã, caso não se tenha

levado o seu próprio, era de doer o coração e as pernas. A comida também deixou a desejar, sem muitas opções saudáveis. Não encarei a fila nos bares, mas comprar uma bebida exigia deixar 2 euros de depósito, que eram devolvidos em troca do copo. O problema era que só aceitavam copos comprados no próprio bar, o que não fazia muito sentido, já que estamos sempre em movimento. Mas este ano o próprio festival será responsável pelos bares, resolvendo esses problemas.

O WHOLE tem por trás três coletivos de festas *queer* de Berlim, um deles é a Pornceptual, produzida por dois brasileiros, a Raquel Fedato e o Chris Phillips. Ou seja, espere pela comunidade brasileira presente.

Para mim, foi uma experiência única, que me mostrou a possibilidade de um mundo mais diverso, divertido e inclusivo. A próxima edição acontece entre 28 e 31 de junho. Mais informações [instagram.com/whole.festival](https://www.instagram.com/whole.festival). Ingressos € 215. 📍

BENEFÍCIOS
EXCLUSIVOS UNQUIET



Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou [revistaunquiet.com.br](https://www.revistaunquiet.com.br)

Conheça os novos SUVs híbridos da Kia: Sportage, Niro e Stonic



kia.com.br



- Isentos do rodízio em São Paulo
- Descontos e isenções no IPVA em determinados estados



Movement that inspires

No trânsito, escolha a vida!





Em sentido horário, o lobo-guará Canelinha, um macaco bugio e uma anta (sob os cuidados de Raquel) estão entre os animais acolhidos. Na página ao lado, a médica alimenta araras-canindés resgatadas

SUSTENTABILIDADE

EM DEFESA DA FAUNA SILVESTRE

Instituto Libio acolhe animais selvagens resgatados, conserva biomas do país e promove a educação ambiental

POR MARJORIE LUZ

O grasnar das araras-canindé é o primeiro som que escutamos ao chegar ao Instituto Libio, em Porto Feliz, a 120 km da capital paulista. Vítimas do tráfico de animais silvestres – a terceira maior atividade ilícita do mundo –, as aves foram retiradas de forma traumática da natureza e encontram nesse projeto de conservação um ambiente de bem-estar, ainda que não possam viver livremente.

Quem preside o instituto é a dermatologista mineira Raquel Machado. Em busca de um refúgio na natureza próximo à capital paulista, a médica adquiriu em 2006 um sítio em Porto Feliz. Seu plano inicial era trabalhar pela proteção da área, mas tudo mudou quando encontrou um papagaio engaiolado, deixado pelo antigo proprietário.

Indignada com a situação, Raquel buscou infor-

mações junto ao Ibama para ter um mantenedor em sua propriedade. Após criar o primeiro recinto para acolher animais, conseguiu a licença no Ibama e, no dia seguinte, recebeu outros 18 papagaios em situação de abandono.

CRIAÇÃO DO INSTITUTO

A construção de recintos para receber outras espécies levou a médica a criar, em 2010, o Mantenedor Raquel Machado. Hoje, o lugar abriga mensalmente 130 animais em 15 recintos espaçosos. São mais de dez espécies protegidas, entre araras, papagaios, periquitos, antas, cachorros-do-mato e macacos, além de espécies ameaçadas de extinção. Exceto filhotes de macacos-bugios, órfãos devido à febre amarela, os outros bichos são advindos do tráfico.

Com uma equipe composta de veterinários e biólogos, o mantenedor trabalha com três pilares: acolhimento dos animais resgatados, reabilitação e soltura das espécies aptas a voltar para a natureza. Exemplo do último caso é o lobo-guará Canelinha, que tem o mínimo contato com humanos, para em breve ser reintroduzido no seu habitat natural.

Todo o trabalho de Raquel foi feito com recursos próprios. Visando ampliar sua atuação, ela criou em 2020 o Instituto Raquel Machado. “Após dez anos acolhendo animais, decidi criar o instituto para causar um impacto maior tanto no meio ambiente como para conscientizar sobre esse problema enorme que acontece no nosso país”, conta. Em 2023 o projeto passou a se chamar Instituto Libio, em homenagem a seu avô, sua grande inspiração no trabalho de preservação.

CONSERVAÇÃO DE BIOMAS

Com o intuito de reabilitar e devolver algumas espécies aos seus habitats naturais, Raquel visi-

tou diferentes biomas brasileiros. Ao testemunhar áreas devastadas, decidiu criar as Reservas Particulares do Patrimônio Natural (RPPN) para conservar a biodiversidade de algumas regiões. São elas as Reservas Saci e Santuário, em Bonito (MS), a Reserva Santa Sofia, no Pantanal (MS), e a Reserva São Benedito e Rio Azul, na Amazônia paraense, onde também é desenvolvido um projeto de ecoturismo. Hoje, a atuação do Instituto Libio se estende por quatro biomas – Mata Atlântica, Cerrado, Pantanal e Floresta Amazônica –, com sete refúgios de vida silvestre.

Além de presidir o instituto, Raquel é também Conselheira da Fundação Neotrópica do Brasil e do Onçafari e vice-presidente da SOS Pantanal.

O Instituto Libio não é aberto à visitação do público em geral, pois é necessário preservar a integridade dos animais. A exceção são as visitas de pequenos grupos de alunos das escolas municipais da região para um trabalho de educação ambiental. Para apoiar o projeto, visite institutolibio.org.br 📍



Padrão Suíça

Com as melhores clínicas da Europa, o país aposta no turismo de saúde a partir da união do melhor da medicina, hotelaria e tecnologia. E sempre com discrição

Ao embarcar para a Suíça, espera-se uma única coisa ao chegar ao destino: excelência. Isto vale para manufaturas de relógios ou de chocolates, bancos e instituições de ensino. Essa expectativa também se reflete na confiança da sua medicina. Não por acaso, o turismo de saúde é um dos principais pilares do país para os próximos anos.

Nada menos que 79 mil pessoas foram para a Suíça com o intuito de fazer algum tratamento, de acordo com dados de 2019. De olho nessa tendência, o departamento de turismo da Suíça está conveniado com 26 das melhores clínicas do mundo para atrair brasileiros e outros turistas para fazer seus tratamentos médicos. “A Suíça tem uma grande vantagem. Além de sua excelência e infraestrutura em tratamentos, os voos diretos diários entre São Paulo e Zurique ajudam muito no processo de tomada de decisão para uma viagem com essa finalidade”, afirma Fabien Clerc, diretor do turismo da Suíça no Brasil.

As montanhas da Suíça e o seu ar fresco são mais do que conhecidos para tratamentos de reabilitação, especialmente para problemas pulmonares. A natureza preservada se tornou uma importante aliada de uma crescente infraestrutura médica, que envolve tecnologia, inovação e formação de alto nível dos profissionais da área. Por causa disso, o país foi escolhido, em 2018, pelo Euro Health Consumer Index (EHCI), como o sistema de saúde número um da Europa. A discrição, a segurança e o alto nível dos serviços também pesam na decisão em embarcar para um tratamento por lá.

O país europeu também presa pela tolerância cultural e religiosa. Isso faz parte do cotidiano na vida de seus habitantes e visitantes. O pacote se torna ainda melhor quando se leva em consideração a estrutura hoteleira das clínicas, que também são capazes de atender os seus familiares. Tudo, claro, com um serviço cinco estrelas e fácil acesso. As distâncias são curtas, e os meios de transporte, culturalmente pontuais.

Grand Resort
Bad Ragaz,
rodeado por
uma paisagem
exuberante



Confira as 26 clínicas parceiras do Turismo da Suíça neste QR Code.



Em sentido horário, a partir do alto, The Kusunacht Practice, uma das sedes do Swiss Medical Network, o Waldhotel Health & Medical Excellence e o Neoviva



Aponte a câmera para este QR Dode para saber mais sobre Turismo de Saúde na Suíça.

TUDO O QUE VOCÊ PRECISA

Da cardiologia às doenças pulmonares. Dos tratamentos de câncer às clínicas de reabilitação por dependência. As 26 clínicas parceiras do turismo da Suíça apresentam tratamentos em todas as áreas. Vale destacar algumas delas.

The Kusunacht Practice é uma das principais clínicas de reabilitação de dependências e transtornos psicológicos. Combina o tratamento psiquiátrico com a restauração biomolecular. Já o Grand Resort Bad Ragaz carrega uma tradição do século 13, com centros de saúde e nutrição aliados ao seu spa e águas curativas.

O Swiss Medical Network é um grupo que reúne centros médicos, hospitais e clínicas por todo o país, com destaque para a Clinique de Genolier, especializada no tratamento do câncer, e a Privatklinik Bethanien, que conta com 250 médicos e cirurgias torácicas feitas por robô.

Também está na lista o Waldhotel Health & Medical Excellence. Localizado nos Alpes, a 1.100 m de altitude, o lugar utiliza o conceito Healthy by Nature e busca introduzir hábitos saudáveis aos pacientes. Por fim, a Neoviva se utiliza da sua localização às margens do Lago Lucerna para auxiliar em tratamentos de dependência química. Além de toda a base científica e de uma paisagem única, a clínica transborda empatia. “O paciente não está sozinho. Estamos aqui para ajudar”, exorta Oliver Neubert, fundador e presidente da clínica. Toda a excelência da Suíça não seria tão eficiente se não tivesse a humanidade de quem acolhe. 📍

Estilo e consciência ecológica

Escolher produtos sustentáveis pode ajudar a reduzir nosso rastro de carbono e preservar os lugares que visitamos. Confira as dicas UNQUIET e faça escolhas conscientes para a sua próxima viagem

POR LUCIANA LANCELOTTI



DESCOMPLICADA E PERFEITA

Uma câmera fotográfica ecológica e customizável, elaborada com o mínimo de plástico e menos peças do que as câmeras convencionais. Assim é a Paper Shoot, que recebeu esse nome por ser feita de papel. No caso, papel de pedra, produzido com carbonato, um subproduto de calcário recuperado de pedreiras e dos desperdícios das indústrias de construção. A praticidade é outra característica da câmera. Ela cabe no bolso e conta com apenas um botão, que funciona como *on/off* e *shutter*. Os filtros de cor trazem um toque antigo, que captura memórias lindamente, com um sensor de 13 megapixels. O aparelho também grava vídeos de até dez segundos com qualidade 1080p e tem compensação automática de exposição. A cereja do bolo: é disponibilizada em vários layouts, um mais incrível que o outro.

[amazon.com](https://www.amazon.com)



FUNCIONAL E SUSTENTÁVEL

Produzida com materiais 100% reciclados, com revestimento impermeável, a mochila *outdoor* Ecodiver, da Samsonite, é ultraversátil para o cidadão global – o mesmo vale para a mala de mão, com o tamanho ideal para a cabine. Vai bem como bagagem de mão nos voos e também durante a prática de atividades ao ar livre, de aventuras a passeios urbanos. Além da funcionalidade e do design contemporâneo, o acessório oferece segurança e fácil mobilidade, já que conta com cadeado TSA e rodas duplas. Disponível nas cores preta e amarela, com garantia de dois anos, pode ser adquirida na loja online oficial da marca ou em uma das lojas físicas espalhadas pelo Brasil.

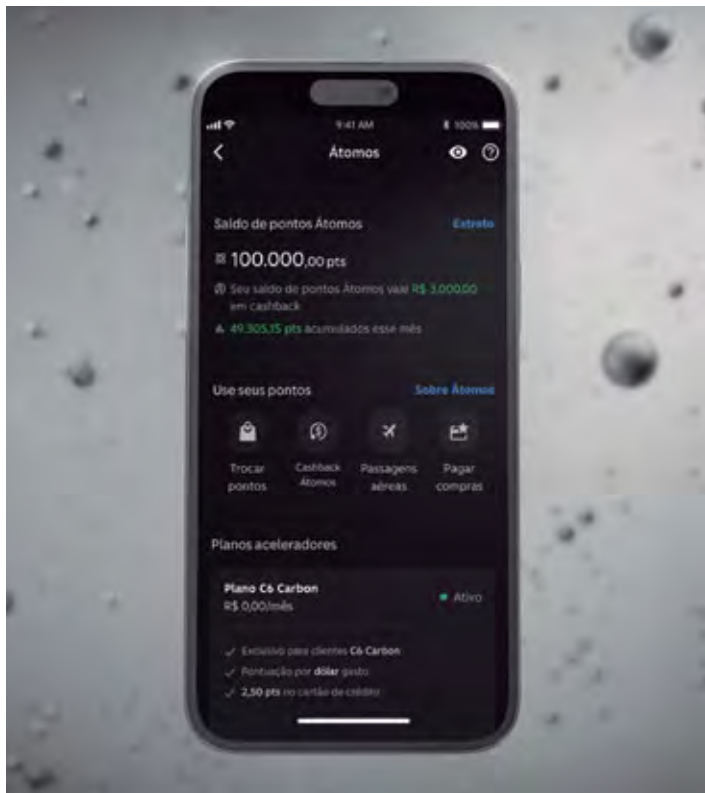
[samsonite.com.br](https://www.samsonite.com.br)

ESTILO ATÉ DEBAIXO D'ÁGUA

Panerai Submersible QuarantaQuattro eSteel™ é um relógio de mergulho que combina sustentabilidade com design de alta qualidade e refinamento técnico. Pouco mais da metade de seu peso total é produzida com materiais reciclados – o destaque é o eSteel™, com as mesmas propriedades do aço convencional. Outra novidade é o material cerâmico polido, nunca antes usado pela marca. As duas pulseiras intercambiáveis, de um azul profundo (a mesma do mostrador), também são feitas de material reciclado: uma de tecido PET e outra de borracha. Resistente à água até 300 m, o relógio tem movimento automático, reserva de marcha de três dias e inclui dispositivo antichoque. Não é apenas ecologicamente correto, mas também funcional e elegante.

[panerai.com.br](https://www.panerai.com.br)





C6 ÁTOMOS

Um programa de pontos e vantagens que dá a você liberdade de escolher quando, como e onde usar sua pontuação! Esse é exatamente o diferencial do C6 Átomos, do C6 Carbon. Além da segurança e praticidade, já que os pontos podem ser usados como moeda, o programa não tem custo e todo cliente C6 pode juntar pontos. Acumular também é fácil, basta usar a conta ou o cartão de crédito C6 (dependendo da modalidade): quanto mais usar, mais pontos são gerados. Também não há prazo para o resgate, já que os pontos não expiram e é possível optar pelo resgate dos pontos em dinheiro ou em produtos pela C6 Store, com mais de 60 mil produtos disponíveis, incluindo passagens aéreas e outros atrativos.

c6bank.com.br

VERSÁTIL E ACONCHEGANTE

Quem viaja com frequência sabe a importância de contar com um cobertor quentinho e confortável para enfrentar as mais diversas situações, do interior de aviões e ônibus a trens e acampamentos. Para aquecer esses momentos, o Puffy Blanket Travel Size é um cobertor de viagem fácilimo de transportar. Sem ser grande e volumoso, ele cabe facilmente na bolsa e pode ser preso à mochila por meio de um saco impermeável, que acompanha o cobertor. O material é 100% reciclado, com isolamento alternativo premium e revestimento resistente a água, odores e manchas, barrando, por exemplo, sujeira, areia, bebidas derramadas e pelos de animais. A garantia é de um ano. Disponível na **amazon.com** e no site da marca.

SOLIDAMENTE ÚTIL

Lançamento da saboaria natural Baobá, o kit de viagem sólida acaba com a preocupação sobre o limite de líquidos na bagagem de mão, pois todos os produtos são apresentados em barra ou pastilha. É também uma ótima alternativa às embalagens plásticas de uso único. Outra vantagem: o kit, cujos itens são produzidos com componentes naturais e veganos, é personalizável. É possível escolher opções de xampu, em barra ou pastilha, com essências diferentes, como maracujá, algas e carvão ativado. Ele também traz condicionador, creme para mãos (que pode ser usado no corpo) e um sabonete à escolha, de argila rosa a karité e lavanda. Tudo embalado em um nécessaire de lonita 100% algodão, exclusivo e pintado à mão.

baobasaboaria.com.br



TECH



SOUL

A Tech&Soul é uma agência independente, duas vezes premiada pela Advertising Age como uma das melhores agências do mundo. Nós criamos e produzimos a comunicação de grandes marcas nacionais, inclusive algumas que você vê aqui na Unquiet, como C6Bank, Mitsubishi e a da própria revista Unquiet.

Gostou? Fotografe o QR Code e conheça um pouco mais da agência que tem técnica, mas também muita alma.





Em sentido horário, uma das salas do Museu Sant'Ana, ambiente do restaurante UaiThai e cachoeira Paulo André, ideal para mergulhos pós-trilha. Na página ao lado, o casario colonial do Centro Histórico de Tiradentes



48 HORAS

Princesinha Barroca

48h em Tiradentes, uma das mais charmosas (e gastronômicas) cidades históricas de Minas Gerais

POR MARI CAMPOS

Ladeiras e ruelas que contam muito da história brasileira, as exuberantes montanhas da Serra de São José, cachoeiras, pousadas charmosas e boa mesa em todo canto. Tiradentes, com seu inconfundível conjunto arquitetônico, tombado ainda nos anos 1930, tem hoje restaurantes quase tão importantes quanto seu casario colonial. Mas ainda mantém o mesmo charme interiorano de outrora e é perfeita para uma escapada de final de semana.

Centro Histórico: ruas e becos com calçamento em pé de moleque, fachadas multicoloridas, cafés, lojinhas (destaque para os objetos e acessórios inspirados em viagens de Daniela Karam e os queijos da Ouro Canastra Q'jaria) e uma profusão de igrejas (como a Matriz de Santo Antônio, a mais antiga da cidade, e a icônica Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, erguida e frequentada pelos escravos) são alternativas para longas caminhadas a qualquer hora do dia.

Morro de São Francisco: prepare-se para uma das mais belas vistas panorâmicas de Tiradentes, emoldurada nas montanhas da Serra de São José, ainda mais bonita durante o pôr do sol.

Instituto Mário Mendonça: instalado na casa do artista plástico, ele tem uma mostra permanente das obras desse artista, mescladas a um acervo de 1,4 mil peças de outros pintores, incluindo Dalí, Picasso, Degas e Portinari. Visitas guiadas gratuitas.

Museu de Sant'Ana: no prédio da antiga cadeia da cidade, ele reúne 300 imagens brasileiras e portuguesas da Santa da Fertilidade e dos mineiros. Esse acervo foi doado pela empresária Ângela Gutierrez ao Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional).

UaiThai: deliciosamente inventivo, o restaurante tem cozinha fusion tailandesa e mineira com ingredientes bem regionais, como o surpreendente pad thai com cachaça, tamarindo e melado, além de deliciosos coquetéis apotecários.

Angatu: tradicional cozinha mineira servida em versão gourmet, em impecável menu degustação, harmonizado com interessantes vinhos produzidos no estado.

Café da tarde: o farto café da tarde mineiro mistura os sabores das “delícias da vovó” à criatividade contemporânea em bolos, pães, tortas, cafés e maçãs confeitadas da Jane's Apple e da Marcas Mineiras, ambas com deliciosas mesas em meio ao verde.

Pequena Tiradentes: charmosa, a pousada ocupa uma elegante mansão colonial bem no centro da cidade, com piscina coberta e ao ar livre, jacuzzi, sauna, academia, spa e restaurante de culinária regional – famoso também pelo extenso e variado bufê de café da manhã. A decoração, feita com móveis e objetos produzidos por artesãos locais, inspirados pela herança barroca e colonial, está disponível para venda, caso os hóspedes queiram levar para casa um pedacinho de Tiradentes.

Solar da Serra: mais afastada do centro, já no caminho até Bichinho, essa charmosa pousada tem a

mais bela piscina da cidade, vista panorâmica para a Serra de São José e deliciosos cafés da manhã e da tarde, incluídos na diária.

Caminho das Cachoeiras: com trilhas bem marcadas, com diferentes graus de dificuldade, é ideal para passeios em áreas de reserva de biosfera (incluindo uma das maiores concentrações de libélulas do planeta), e sempre com uma perfeita cachoeira para banho no final!

Bichinho: esse distrito, colado a Tiradentes, se converteu num originalíssimo centro de artesanato e é também um programa divertido para as crianças (o espaço lúdico Casa Torta é imperdível!). Fica ali também o alambique da Cachaçaria Mazuma, produzida de maneira sustentável e aberta a visitas e degustações.

Tiradentes é tão fértil em atrações e atividades que rende bem mais que 48 horas de visita. Um belo final de semana, rodeado por suas montanhas e imerso em sua alma, história e boa mesa, é um caminho fácil para se apaixonar e voltar muitas outras vezes. 📍



Donere Kebab.

Rochstraße 6 a, 10178 Berlin, Germany.

Berlim,
além
do
óbvio.

UNQUIET



UM OLHAR PLURAL E ORCULHOSAMENTE INQUIETO PELO MUNDO



Winnie's Jazz Bar.
63 W 38th St, New York, NY 10018, United States.

Nova York,
além
do
óbvio.

UNQUIET



GROENLANDIA - SRI LANKA - URUGUAI



BIBLIOTECA

RELATOS DO MUNDO

Toda viagem vale uma história. Por meio de grandes nomes da literatura é possível desvendar novos e velhos destinos, desbravar culturas, reconhecer personagens e viajar no tempo

POR J.R. DURAN

Há várias maneiras de viajar pelo mundo. Entre elas, deixar a paisagem desfilar pela janela de um trem; de carro, com as janelas abertas, para sentir o cheiro da grama; espremido na poltrona de alguma fileira do avião; balançando suavemente sobre o deck de um veleiro; de carona na boleia de um caminhão ou até pisando na poeira de algum caminho com a mochila nas costas. É só escolher sua opção, abrir a porta e ir embora.

Mas tem outro jeito de rodar o mundo sem precisar sair de casa, sem ter de se mexer: basta estar dei-

tado em um sofá, lendo, com um livro de viagens nas mãos – aí não tem tempo ruim nem atraso de voos. A única coisa necessária, porém, é saber escolher o livro certo para cada destino.

Aqui estão algumas das viagens que já fiz, sem sair do lugar, graças a autores (verdadeiras figuras, às vezes mais fascinantes do que os lugares visitados) que, com suas inquietudes, curiosidade e coragem, me abriram portas para universos deslumbrantes. Se, de acordo com os versos de T.S. Eliot, “é a jornada, e não o destino, o que importa”, é bom lembrar que é preciso escolher o destino com cuidado para que possamos fazer viagens que valham a pena.



FACING THE CONGO, de Jeffrey Tayler
(Little, Brown, 2000)

Se William Langewiesche decidiu cruzar o deserto do Saara, Jeffrey Tayler achou que seria uma boa ideia dar um passeio pelo segundo maior rio da África, o Congo.

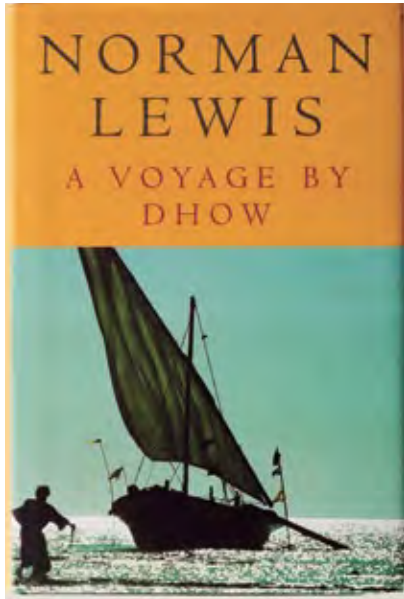
O americano Tayler, depois de ter sido parte do Peace Corps durante alguns anos, no Marrocos, na Polônia e no Uzbequistão, morava em Moscou e trabalhava como sócio de uma firma que prestava serviços de guarda-costa a executivos americanos que visitavam o país. Frustrado, com um livro pronto que ninguém queria publicar, ele precisava fazer alguma coisa diferente para chacoalhar o marasmo de sua vida. Comprou um monte de mapas do Rio Congo e planejou sua aventura.

Saindo de Kinshasa, a capital do Zaire (hoje República Democrática do Congo), Tayler foi subindo o rio em barcos de passageiros até Kisangani, que fica a 1.736 km de distância – nem mais nem me-

nos. Quando chegou lá, decidiu fazer o caminho de volta. Só que de canoa! Este era seu objetivo desde o começo: durante os longos dias da ascensão no rio, queria entender a vida, as pessoas e os lugares para poder voltar em uma canoa feita à mão.

Acontece que, na metade de sua viagem de volta, seu guia ficou extremamente doente. Nesse momento, Tayler decidiu encerrar a jornada. A decisão foi tomada a partir desta percepção: “Me senti picado pelo meu fracasso e, tentando negar o que mais tarde viria a ser óbvio: que tinha explorado o Zaire como um parque de diversões para resolver meus próprios dilemas existenciais de menino rico”.

A leitura do trajeto até a desistência é envolvente, e o conselho de Tayler para escrever uma boa narrativa de viagem é: “Conheça o lugar sobre o qual você se propõe a escrever, ou saiba o que deseja pesquisar lá antes de ir. Você pode aprender coisas novas ao longo do caminho, mas deve começar com um plano e ser capaz de oferecer uma perspectiva de quem está por dentro”.

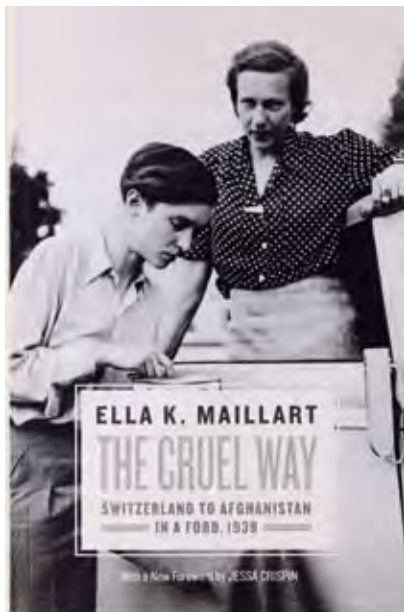


A VOYAGE BY DOHW, de Norman Lewis (Jonathan Cape, 2001)

Graham Greene achava que Norman Lewis era “um dos melhores escritores, não de uma década em particular, mas do nosso século”. Lewis, além de ficção e autobiografia, publicou 20 livros de viagem. Ele estava interessado em observar e conhecer as populações que viviam na periferia do século XX.

A Voyage by Dhow, um dos seus últimos trabalhos publicados, é uma coleção de narrativas dos lugares mais díspares: a bordo de um pequeno barco a vela na costa da Somália, nas selvas da América do Sul, pelas ruas de Nápoles durante a Segunda Guerra Mundial e numa viagem ao Iêmen, além de uma visita-cortesia do Sindicato dos Escritores da desaparecida URSS às estepes russas.

Para onde Lewis vai, ele sempre traz de volta um relato sobre universos onde o tédio acaba sendo interessante e o que poderia ser exótico se torna familiar.



THE CRUEL WAY: SWITZERLAND TO AFGHANISTAN IN A FORD, 1939, de Ella K. Maillart (The University of Chicago Press, 2013)

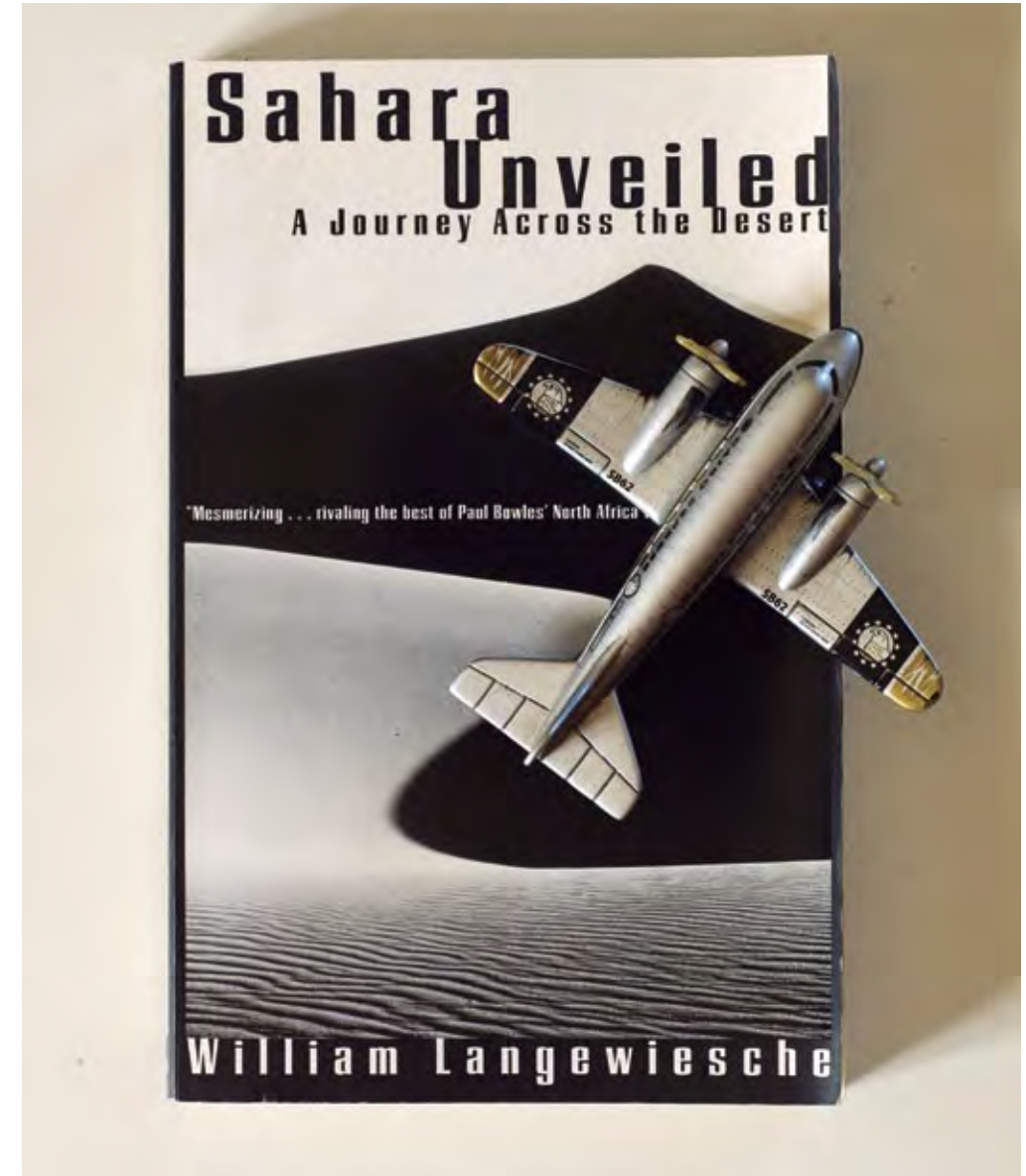
Ella K. Maillart nasceu em Genebra, em 1903. Velejadora e esquiadora, fez parte, como única mulher, da equipe suíça que participou dos Jogos Olímpicos de 1924 e 1930. A disposição de atleta e o talento de jornalista fizeram com que ela circulasse por lugares impensáveis naquela época. Nos anos 1930, ela estudou cinema na Rússia, viajou pelo Turquistão, foi até a Manchúria (de onde voltou, cruzando a Ásia, em companhia de... Peter Fleming!), passando por Pequim, Kashmir e Tibete, até chegar a Nova Délhi.

Em *The Cruel Way*, ela descreve a viagem que fez desde Genebra, dirigindo um Ford zero-quilômetro, até Istambul, e depois passando por Teerã até chegar a Cabul, cruzando o norte do Afeganistão – o que, mais tarde, nos anos 1970, acabaria sendo a trilha dos hippies em direção à Índia.

A viagem de Maillart foi feita em companhia de sua amiga An-nemarie Schwarzenbach, uma escritora, fotógrafa e jornalista (suíça também, além de glamourosa e andrógina), com a vontade de se aventurar pelo mundo para fugir do seu próprio entorno sufocante, e de uma depressão. As duas colocam o pé na estrada com uma mistura de entusiasmo e ousadia, sem medo algum, enfrentando situações perigosas de maneira quase ingênua, mas com absoluto sucesso¹. Como disse Maillart: “Escrevo com os olhos do fotógrafo. Com olhos que adoram ver. Ver esse incrível mistério que é a vida”.

A chegada delas a Cabul coincidiu com o começo da Segunda Guerra Mundial e as duas amigas se separaram. Maillart seguiu em frente, até chegar a Madras, no sul da Índia, onde ficou até o fim da guerra, meditando e escrevendo. Schwarzenbach voltou para a Europa, onde morreu três anos depois, em um acidente de bicicleta.

As fotos de Maillart que aparecem nas páginas do livro são deslumbrantes.



SAHARA UNVEILED: A JOURNEY ACROSS THE DESERT, de William Langewiesche (Vintage, 1997)

William Langewiesche é jornalista, colaborador do *New York Times*. Já foi piloto de avião (uma vez piloto, piloto para sempre), correspondente do *Atlantic Monthly* e da *Vanity Fair*. Depois dos ataques de 11 de setembro às Torres Gêmeas, em Nova York, ele foi o único jornalista a ter acesso irrestrito ao World Trade Center. O resultado foi uma intensa reportagem, que ocupou por inteiro quatro edições seguidas do *Atlantic Monthly*.

Antes de tudo isso, quando escrevia para revistas diversas e se sustentava pilotando aviões pelos quatro cantos do mundo, Langewiesche – em um estilo que parece o cruzamento de Paul Bowles com Bruce Chatwin – contou seu périplo através do Saara, saindo de Dakar até chegar a Algiers, passando por lugares como Bamako, Mopti, Timbuktu, Niamey, Agadez, Tammasaret e Ourgala. Uma viagem que hoje em dia seria impossível devido à situação política da região – que já era difícil naquela altura.

Langewiesche viaja de olhos abertos e atento a todos os assuntos: à história dos tuaregues, à maneira de as dunas se formarem e se movimentarem, ao sabor do vento, aos contrabandistas, que cruzam com ele em diferentes pontos do caminho. Reportagem, antropologia, detalhes, pessoas, está tudo lá.



CARTAS DA ABISSÍNIA, de Arthur Rimbaud (*Ediciones del Viento, 2001*)
e VOYAGE EN ÉTHIOPIE, de Curzio Malaparte (*Arléa, 2020*)

A Etiópia é um dos mais antigos países do mundo. O único na África que nunca foi colônia (sofreu com os anos de ocupação italiana, durante a Segunda Guerra Mundial). A religião é a ortodoxa copta. Ao norte do país, no século XII, o rei Lalibela se proclamou herdeiro da dinastia salomônica, saída diretamente da rainha Sabá, e fundou uma cidade com seu nome, com 11 igrejas esculpidas na rocha. Foi justamente na Etiópia que foi encontrada Lucy, a primeira de nossos antepassados. Foi também nesse país, na cidade de Harare, que Arthur Rimbaud, depois de ter escrito os mais belos poemas simbolistas, chegou em 1881, para começar uma carreira de comerciante, sempre à procura de novos horizontes. O negócio consistia na venda de “(...) peles, café, marfim, ouro, perfumes, incenso, almíscar...”.

Mas ele lamenta, sempre inquieto: “Não encontrei o que esperava (...) pretendo encontrar algo melhor daqui a pouco”. As cartas que Rimbaud envia a seus familiares na França são o testemunho de alguém que perdeu seu lugar no mundo. É fascinante acompanhar como um gênio como ele pode estar sempre perdido em projetos irreais, mergulhado na tristeza e na solidão de quem apenas queria ter uma família burguesa.

Curzio Malaparte é uma figura fundamental da literatura italiana. Jornalista, ele se indisputou com Mussolini pelo teor de seus escritos e, depois de ter passado algum tempo confinado nas Ilhas Lipari, Malaparte conseguiu autorização para viajar até a Etiópia² (a Abissínia, para os italianos da época) como correspondente do jornal *Il Corriere della Sera*. Percorreu 6 mil quilômetros pelo país, grande parte no lombo de uma mula. As descrições de Malaparte – “A noite estava fria; lisa e fria como um objeto de aço cromado (...) A risada queixosa das hienas e o latido dos chacais foi sumindo pouco a pouco na neblina matinal” – são precisas e envolventes.



UN AVENTURIER AU BRÉSIL, de Peter Fleming
(*Éditions Payot et Rivages, 1993*)

Ian Fleming, o criador de James Bond, não era o gênio da família – apesar de ter descoberto uma mina de ouro, com seu agente especial 007. Na família Fleming, Peter, o irmão mais velho, educado em Eton e Oxford, foi o viajante, o aventureiro, o jornalista, o soldado e o escritor perfeito. A primeira das aventuras dele foi em 1932, quando respondeu a um anúncio do jornal *The Times*, de Londres³, que procurava pessoas para se juntar a uma expedição que sairia à procura dos restos do geógrafo inglês Percy Fawcett, desaparecido na Amazônia⁴.

O humor de Fleming é tipicamente inglês: “Depois de ter cruzado o Atlântico pedalando”, diz ele, se referindo ao fato de que ficou durante os 15 dias da travessia pedalando todos os dias uma bicicleta no deck do navio que o fez desembarcar no Brasil. Logo depois de ter chegado em terras tropicais, ele se desentende com o líder da expedição e decide partir, juntamente com um amigo de escola, que também formava parte do grupo, por sua própria conta e risco. Não acharam nem indícios nem os restos de Percy Fawcett, mas a narrativa de Fleming é absolutamente irreverente.

Fleming por ele mesmo: “Sou uma daquelas pessoas que prosperam em um clima de incerteza. Também não temos qualidades de heróis. (...) Se nos arriscamos, é por pura preguiça: abandonamo-nos nas mãos da providência. Em qualquer situação, quanto mais confiamos nele, menos somos

forçados a colocar o nosso. Dada a falta de eficiência, visão e sentido de responsabilidade que nos caracteriza, preferimos deixar que a sorte decida por nós”. Ou seja, a maneira exata de não encarar uma aventura.

O livro foi um sucesso de vendas na Inglaterra – e depois no mundo – e deu a largada para uma série de aventuras de Fleming pela Ásia, saindo de Moscou e chegando até Pequim. 📍

1. O escritor francês Paul Morand descreveu Maillart como “vestida com botas de pele de cordeiro, sua pele queimada pelo ar da montanha e pelos ventos do deserto, explorando regiões inacessíveis da terra na companhia de chineses, tibetanos, russos e ingleses, cujas meias ela conserta, cujas feridas ela cura e com quem ela dorme com toda a inocência sob as estrelas...”. Já Schwarzenbach foi descrita pela fotógrafa alemã Marianne Breslauer – com quem ela fez uma viagem pelos Pirineus espanhóis, em 1933 – como: “Ela não era nem homem nem mulher, mas um anjo, um arcanjo”.

2. Antes de ir para a Etiópia,

Malaparte teve tempo de construir, em Capri, a deslumbrante Villa Malaparte, no Cabo Massoulo. A direção que ele deu para o arquiteto, Adalberto Libera, foi apenas: “Faça uma casa como eu”. A casa serviu como cenário a *Le Mépris*, o clássico filme da nouvelle vague dirigido por Jean-Luc Godard.

3. O texto do anúncio: “Expedição exploratória e esportiva, sob orientação experiente, saindo da Inglaterra em junho para explorar os rios do Brasil central e, se possível, averiguar o destino do coronel Percy Fawcett; caça abundante, grande e pequena; pesca excepcional; espaço para mais duas pessoas; boas referências são esperadas

e serão dadas”.

4. Percy Fawcett foi um oficial de artilharia, cartógrafo, geógrafo, arqueólogo e explorador inglês. Ele desapareceu na Floresta Amazônica – com seu filho e dois amigos – procurando uma cidade perdida no Mato Grosso. Ele tinha encontrado alguns papéis na Biblioteca Nacional do Brasil, o Manuscrito 512, em que o bandeirante português João da Silva Guimarães teria relatado o descobrimento, em 1753, das ruínas de uma cidade com estátuas e hieróglifos. A história de Fawcett foi a inspiração de Steven Spielberg para o personagem de Indiana Jones.



BRASIL

AS NOVAS RIQUEZAS DA MANTIQUEIRA

Ao longo de 300 km, numa roadtrip entre o nordeste de São Paulo e o sul de Minas, produtores de azeites, vinhos e cafés premiados oferecem visitas guiadas e degustações ao viajante, com momentos de prazer real em tempos de amores líquidos. Para desfrutar de paisagens, sabores e aromas, basta tirar o carro da garagem e botar o pé na estrada

POR ROSANA HERMANN
FOTOS MARINA BANDEIRA KLINK



Um dos ambientes da Fazenda Irarema. Na página ao lado, pôr do sol no olival e a loja de azeites da mesma propriedade



Em São Sebastião da Grama (SP), na divisa de Minas Gerais, ficam as fazendas Irarema e Rainha, que produzem azeites e cafés de qualidade graças ao clima e ao relevo de terras altas e solo vulcânico. Ambas estão situadas dentro da Caldeira Vulcânica de Poços de Caldas, uma formação típica de caldeira de um vulcão que teria existido há cerca de 80 milhões de anos. Nosso roteiro passa pela Capela Santa Clara, projetada por Oscar Niemeyer, e rumo ao norte, em direção a Botelhos (MG), até um jequitibá milenar na Fazenda Sertãozinho. De lá, segue para as vinícolas Estrada Real e Bárbara Eliodora, nas cidades mineiras de Caldas e São Gonçalo do Sapucaí, produtoras de vinhos finos de inverno.

Além da emocionante *roadtrip* a bordo de uma Mitsubishi Pajero Sport, trata-se de uma viagem afetiva, que mistura paixão pela terra, história, tecnologia e sustentabilidade. Vem com a gente!

FAZENDA IRAREMA

Do café ao azeite com energia solar

Ao entrar na Irarema, que durante dois séculos foi produtora de café, as primeiras oliveiras remetem à história de Maurício e Mônica Carvalho Dias, que em 2014 recompraram a propriedade, que havia sido da família, para iniciar o cultivo orgânico de oliveiras.

Em 2015, sob a supervisão do filho Moacir Carvalho Dias, olivicultor e azeitológico, foram plantadas 5 mil oliveiras. Três anos depois, a primeira safra resultou em 260 garrafas de azeite. Curioso para avaliar seu blend e incentivado pela irmã, Gabriela,



Moacir mandou uma amostra para o New York International Olive Oil Competition. Resultado: o Irarema foi escolhido o melhor azeite da competição, recebendo o prêmio Best in Class.

Hoje a Irarema tem uma linha completa de azeites condimentados, sendo o carro-chefe o Azeite de Oliva Extra Virgem Suave, feito com azeitonas recém-colhidas, que apresenta aromas herbáceos e acidez de apenas 0,2% (medalha de ouro de 2022 no EVO IOOC, na Itália).

A Irarema ainda mantém uma pequena produção de cafés especiais, em homenagem a seus antepassados, mas toda a família se dedica ao turismo rural e à produção sustentável. O Irarema é o primeiro azeite do Brasil a ser produzido exclusivamente com energia solar. Mauricio, o simpaticíssimo pai de Moacir, mostra com orgulho o aplicativo que controla a eficiência dos painéis solares. “Olha aqui”, diz, apontando a tela de seu celular, “em três anos, já gerou energia para 466 mil banhos de chuveiro e evi-

tou mais de 64 toneladas de emissão de CO₂. E faz um ano que eu pago zero de energia.”

Além disso, os excedentes e subprodutos da fábrica de azeite são usados na elaboração de cosméticos e sais de banho 100% naturais, vendidos na loja administrada por Mônica, mãe de Moacir. Na produção de azeites da Irarema, nada se perde. Quem ganha é o planeta

fazendairarema.com.br





Plantação de oliveiras na Fazenda Rainha e sua produção de azeites (abaixo). Na página ao lado, a Capela Santa Clara, na mesma propriedade, e o jequitibá milenar da Fazenda Sertãozinho

FAZENDA RAINHA

Pioneira em olivicultura no Brasil

A Rainha, em São Sebastião da Gramma, é uma das cinco fazendas do Grupo Sertãozinho, reconhecido por seus cafés especiais, da marca Orfeu. Apesar da boa produção, algumas áreas em regiões mais altas e frias estavam inativas. O proprietário, Roberto Irineu Marinho, pediu para que uma nova cultura fosse plantada e a sugestão do engenheiro agrônomo e atual diretor das Fazendas Sertãozinho, José Renato Gonçalves Dias, foi apostar na produção de azeite, um produto pouco explorado pelo Brasil na época.

Em 2009 foi feito o primeiro plantio de oliveiras e, em 2013, a primeira colheita, de apenas 100 kg. Cinco anos depois, a produção saltou para 140 toneladas. Hoje o azeite Orfeu acumula prêmios internacionais e duas medalhas de ouro no concurso italiano EVO International Olive Contest.

O engenheiro agrônomo da Rainha, Alexandre Marchetti, atribui o sucesso dos azeites Orfeu, 100% extravirgem e com acidez abaixo de 0,2%, a vários fatores, como o terroir, o conjunto de condições de solo vulcânico, a topografia e o clima da região, as variedades de suas oliveiras e a extração a frio, em menos de duas horas após a colheita, o



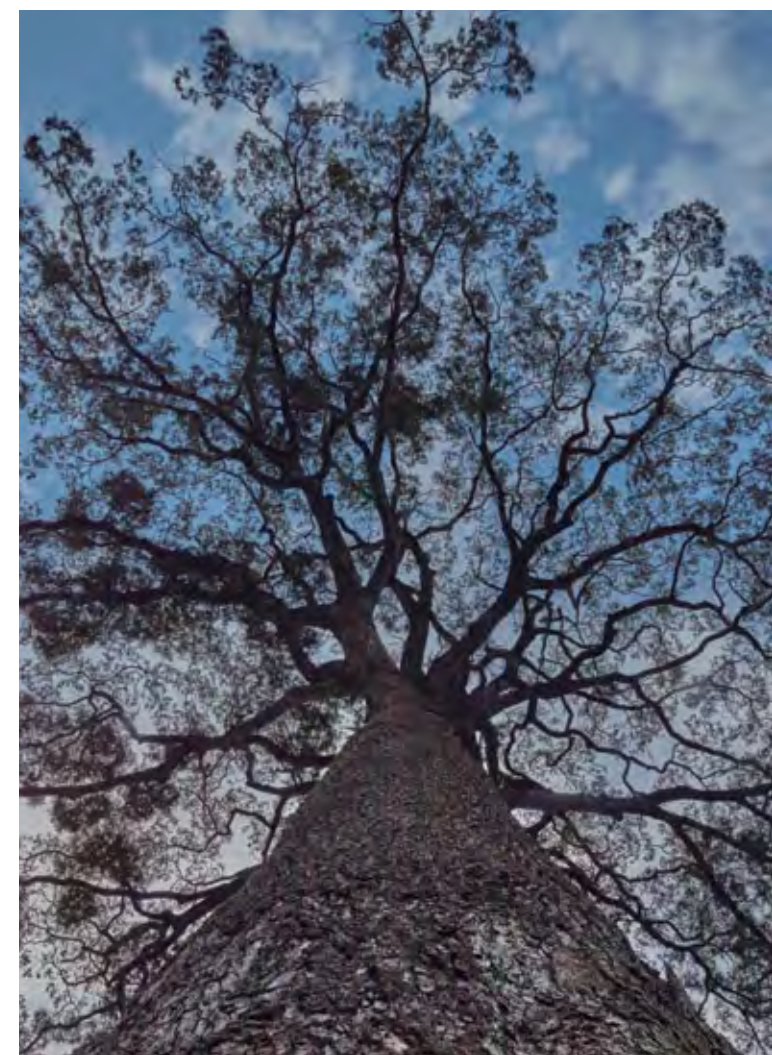
que exige uma logística primorosa. O resultado do esforço compensa. O Orfeu está no segmento premium de azeites e sua embalagem sofisticada é um item de design, ideal para ser presenteado.

CAPELA PROJETADA POR NIEMEYER E JEQUITIBÁ-ROSA DE 1.500 ANOS

No alto de um morro da Fazenda Rainha fica a Capela Santa Clara, uma das últimas obras de Oscar Niemeyer. Inaugurada em 2008, ela é inteiramente branca, contrastando com o verde da paisagem. Seu interior é simples e, atrás da porta, há uma frase assinada pelo arquiteto: “Trata-se de um homem a olhar, surpreso, este universo fantástico que nos cerca. Neste, uma cruz se destaca, a lembrar aos que chegam a ideia de Deus, que tudo criou”.

Da capela, o administrador, Lucas Franco, nos levou para visitar um jequitibá-rosa de 1.500 anos, com quase 50 m de altura, que se ergue majestoso numa encosta íngreme, entre os milhões de pés de café de outra fazenda do grupo, a Sertãozinho, na cidade de Botelhos. O jequitibá fica numa área de propriedade privada e a visitação é restrita a convidados, para preservar a árvore. Mesmo de longe é possível apreciar sua grandiosidade.

cafeorfeu.com.br





Acima, Murillo de Albuquerque Regina, criador da técnica da poda invertida, e os rótulos da Vinícola Estrada Real



A cave da Estrada Real, a Pajero Sport em ação e as vinhas da Vinícola Barbara Eliodora



VINICOLA ESTRADA REAL

A revolução que gerou os vinhos de inverno

Até o ano 2000, os estados do Sudeste e Centro-Oeste só produziam uvas e vinhos de mesa. As regiões eram inadequadas ao plantio de uvas viníferas, cuja colheita acontece no verão, a estação em que as chuvas encharcam o solo e trazem doenças para os frutos.

Em 2001, porém, o agrônomo Murillo de Albuquerque Regina, pós-doutor em viticultura e enologia pela Université de Bordeaux, na França, e pesquisador da Epamig (Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais), criou a técnica da dupla poda: uma primeira poda é feita em agosto e uma segunda em janeiro. A planta reinicia seu ciclo e as uvas são co-

lhidas entre o final de julho e o início de agosto, escapando das chuvas. Murillo “hackeou” as videiras forçando um *reboot* no ciclo de produção da plant.

Murillo implantou a dupla poda em sua vinícola, em Três Corações (MG) e, em 2003, colheu sua primeira safra. O resultado foi um sucesso: nascia o “vinho de inverno”, uma revolução na vitivinicultura do Brasil.

O primeiro vinho produzido por dupla poda a entrar no mercado foi o Primeira Estrada Syrah safra 2010. Desde então, a Vinícola Estrada Real coleciona prêmios. Em 2020, o rótulo Primeira Estrada Syrah Gran Reserva 2018 foi premiado como o melhor Syrah brasileiro na Wines of Brazil Awards.

A visita à Estrada Real, em Caldas (MG), é uma experiência completa, das videiras à cave de espumantes e *wine bar* e restaurante, com uma vista belíssima da região e um menu criado especialmente para se harmonizar com os principais rótulos da vinícola.

AVENTURA RURAL COM CHUVA E LAMA

Saindo de Caldas pela BR-459, encontramos uma interrupção no km 68, entre Ipuina e Senador José Bento. Pegamos o desvio pelo bairro dos Florianos, uma estrada rural inteiramente de terra. A chuva intensa, porém, tinha transformado a estradinha, sinuosa e estreita, em um lamaçal, com carros nos dois sentidos, e alguns atolados. Foram 5

km de muita atenção, mas nenhuma tensão. A Pajero Sport Mitsubishi tem um Off Road Mode, com quatro opções de piso. Acionamos o botão “lama” e vivemos uma aventura segura, de belas paisagens, até voltar ao asfalto.

vinicolaestradareal.com.br

VINÍCOLA BARBARA ELIODORA

O melhor do enoturismo em São Gonçalo do Sapucaí

O endereço é simples: km 788 da Rodovia Fernão Dias. O destino é sofisticado. A Vinícola Barbara Eliodora fica numa área privilegiada, um “terroir mineiro”, que proporciona aos vinhos finos ali produzidos sabores e aromas únicos. O visitante se depara com uma imensa alameda, sombreada por árvores que formam a entrada principal da propriedade. Ali começa a visita, guiada pelo professor de sociologia e geografia Franklin Batista Pedro, que conta que a vinícola surgiu em razão da amizade entre Guilherme Bernardes Filho e Murillo Albuquerque Regina, o criador da dupla poda e proprietário da vinícola Estrada Real.

Em 2010, Murillo serviu uma garrafa da primeira safra de uvas Syrah para o amigo provar. Guilherme ficou surpreso com a qualidade do vinho – era inacreditável que fosse o fruto de uma produção local. Animado com a descoberta, Guilherme deci-

A aventura rural é temperada por novos sabores de vinhos e azeites em cada propriedade





diu criar a sua própria vinícola, com a supervisão de Murillo, em 2015 se iniciava a história da Vinícola Barbara Eliodora, cujo nome homenageia a poetisa e heroína da Inconfidência Mineira, que morou em São Gonçalo do Sapucaí.

Três anos depois, a vinícola produziu o primeiro vinho. Em 2020, ela participou do International Wine Challenge 2020, ganhando a Medalha de Bronze para o Barbara Eliodora Syrah 2018 e a menção honrosa para o Barbara Eliodora Sauvignon Blanc 2019.

Tudo na propriedade é sustentável, reciclável ou adaptável. A área do restaurante é a única estrutura construída para a vinícola. Todo o resto foi reaproveitado de antigas instalações usadas na produção leiteira, incluindo a capela e a futura sala de cinema. Eucaliptos plantados na propriedade viram serra-gem, que é misturada ao adubo. Se qualquer árvore precisar ser removida, novas árvores são plantadas, e 70% de toda a energia da fazenda vem de energia solar. A visita vai das videiras à produção e culmina com a degustação de três rótulos comercializados

pela vinícola, servidos com queijos especiais. Terminado o tour com o competente Franklin, o ponto alto é almoçar no charmoso Winebar Barbara Eliodora, cujo menu oferece ao visitante uma experiência gastronômica que desperta o desejo de voltar.

vinicolabarbaraeliodora.com.br

Toda viagem produz memória, aprendizado, contemplação e reflexões sobre a nossa presença no planeta. Foi surpreendente descobrir que cruzamos uma área onde milhões de anos atrás existiu um vulcão, ver o Sol se pondo sobre a imensidão de um vale repleto de pés de café, dimensionar o tempo ao lado de um jequitibá milenar, aprender que o azeite é extraído das azeitonas em tão poucas horas, caminhar entre as videiras e acompanhar o processo que transforma suas uvas em bons vinhos.

O mais incrível é pensar que tudo isso está ao nosso alcance e começa bem ali, na garagem. É só abrir a porta do carro, partir e viajar, com a mente pronta para descobrir e a certeza de poder voltar. 📍

Acima, as punjantes videiras da Barbara Eliodora. Na página ao lado, o professor Franklin Batista Pedro em visita à cave da Barbara Eliodora, e Maurício de Carvalho Dias com seu premiado azeite da Fazenda Irarema



CULTURA

O FASCINANTE VALE DE

Kat- man- du

Ponto de convergência de tradições ancestrais e um dos lugares mais sagrados do planeta para muitas crenças, o Nepal promove uma viagem fascinante, multissensorial e espiritual, repleta de aventuras e de diversidade cultural e arquitetônica

POR ARTHUR VERÍSSIMO





Amanhece no Nepal e desperto ao sabor de um revigorante *nepalese masala tea* na varanda do restaurante Mayur, em Bhaktapur, uma das três cidades dos antigos reinos do Vale de Katmandu, juntamente com a capital, Katmandu, e Patan. A cidade está encravada no centro cultural e geográfico do Nepal. O vale onde Bhaktapur está localizada é Patrimônio Mundial da Unesco. Suas praças, as Durbar, são o epicentro da vida e história nepalesas.

O Nepal é um país espremido por duas potências, a China e a Índia, e parte da Cordilheira do Himalaia está em seu território. Das dez maiores montanhas do mundo, oito estão ali.

O Vale de Katmandu é uma meca das tradições tântricas. Repleto de lugares sagrados, é visto como a imagem do lótus da suprema realização que emerge do cotidiano samsárico e do emaranhado sistema político nepalês. Porém a profundidade dessas raízes vai além de cenas cotidianas congeladas no tempo: ela revela uma memória de reinados que serviram como pano de fundo de momentos históricos conhecidos pela vida de seres realizados, de Padma-sambhava (século VIII) a Gorakhnath (século XVII).

O JANTAR MACABRO E O NOVO NEPAL

Meus pensamentos borbulham com o tonificante chá masala. Leio a história da última monarquia nepalesa no jornal local. A dinastia Shah, que encerra o ciclo monárquico moderno do Nepal, foi criada em 1769, dando início a uma era em que os reis são considerados nada mais nada menos que encarnações do deus Vishnu. Em 2008, o Nepal aboliu a monarquia e se firmou como uma república parlamentarista, após um episódio violento, que deixou o povo nepalês e o mundo estarrecidos e derramou sangue sobre essa derradeira realeza.

No dia 1 de junho de 2001, o príncipe herdeiro Dhirendra, em um acesso de fúria e delírio, dizimou a família real num jantar de confraternização. Na carnificina, morreram o venerado rei Birendra, a rainha Aishwarya, dois irmãos, tios e tias. O Nepal ficou em estado de choque. Com o país no caos, foi coroado Gyanendra, irmão de Birendra, como o 11º rei da dinastia Shah. Muitas versões desconstruídas foram investigadas sobre o que aconteceu nos bastidores do jantar macabro. Rumores de conspiração reverberam até hoje. Os astrólogos e oráculos da corte ficaram em péssima situação por não terem detectado ou previsto o episódio fatídico.

Nas ruas, longe dos bastidores da política, o povo nepalês demonstra, com o fim da monarquia, a es-



Acima, o templo Dattatreya, em Bhaktapur. Na página ao lado, a Praça Patan Durbar, em Patan, a primeira capital do Nepal

perança de uma reviravolta na qualidade de vida e, especialmente, na promessa de paz entre os nepaleses.

TÚNEL DO TEMPO

Depois de terminar o chá, saio caminhando pela Bhaktapur Durbar (a entrada custa 1.500 rúpias, aproximadamente 10 dólares). O trânsito de veículos é proibido e o passeio é um espetáculo para os sentidos: essa magnética praça medieval é cercada por uma arquitetura fascinante, onde contemplamos os trabalhos dos artistas e artesãos nepaleses (indígenas do Vale de Katmandu) ao longo dos séculos. São templos, pagodas, tanques de água, palácios, portas esculpidas e muitas esculturas de pedra.

Dali se pode vislumbrar um monumental palácio de 55 janelas. Logo na sequência, o impactante templo retangular de Dattatreya, juntamente com a Pagoda de Nyatapola, nos deixa em estado de real encantamento, aguçando nossos sentidos como numa viagem em um túnel do tempo. Vale a pena conhecer também a “praça de cerâmica”, onde muitos artesãos vendem potes e vasos feitos em suas olarias.

Vale dizer que estive no Nepal em muitas aventuras antes do terremoto, em 2015, um acontecimento avassalador, que deixou o vale em escombros, com perdas irreparáveis. Porém a mobilização da população, de arqueólogos e demais autoridades possibilitou a restauração de muitas regiões devastadas.

PLURALIDADE ORIGINAL

De volta ao impecável hotel Aloft, no distrito de Thamel, me sinto em uma verdadeira Torre de Babel em Katmandu. O bairro oferece um emaranhado de restaurantes, lojas, cafés, antiquários, hotéis, livrarias e uma feira livre, dia e noite, que mais parece um bazar. Esse inquieto músculo cardíaco é povoado por um turbilhão de raças de todos os cantos do mundo: mochileiros, artistas, estudantes de budismo e aventureiros ávidos por montanhismo e esportes de ação.

Explorar o Vale de Katmandu é reviver uma história repleta de crenças e misticismos

Com o apetite de um Yeti (o Abominável Homem das Neves), encontro no tradicional restaurante Baithak deliciosos pratos da culinária hindu-nepalesa. Com energias renovadas, a bordo de um riquixá, sigo pelas vielas até a Durbar Square de Katmandu. No agitado centro de Hanuman Dokha, a estátua de 3,50 m de Kal Bhairav-Mahakala, o deus do tempo e da justiça, magnetiza como um ímã qualquer criatura que por ela passa, com seus seis braços e sua guirlanda de cabeças ao redor do pescoço. A estátua foi esculpida em um único bloco de pedra e tem mais de mil anos. O santuário é um vórtex de devoção ao protetor de Katmandu.

No dia seguinte, o plano era conhecer Parphing, que fica a 25 km de Katmandu: é um pequeno vilarejo no extremo sul do Vale de Katmandu. Sajan, meu amigo newari, há décadas é o mestre de cerimônias dessa aventura. A brisa do Himalaia e o cenário das montanhas, logo pela manhã, inspiraram nossa visita ao templo de Kali e à Caverna de Asura. Na entrada, senti uma vibração, uma força estranha, que emanava de dentro. O local foi onde o guru Rinpoche (Padmasambhava) meditou e se iluminou. Ao abandoná-la, ele começou a propagar seus ensinamentos sobre o budismo vajrayana pelo Tibete, no início do século VIII.

SOB A PROTEÇÃO DAS DEUSAS

Algumas nepalesas fazem suas orações no interior da caverna. As rochas são escuras, pois velas são acesas 24 horas por dia e imagens do guru Rinpoche se encontram com muitas oferendas, incensos e tecidos. Uma marca impressa da palma de sua mão, logo acima da entrada da caverna, como se a rocha tivesse sido derretida, chama a atenção. Sajan percebeu a minha sintonia e me levou até o alto da colina onde

a caverna está localizada para conhecer um antigo templo de Vajrayogini.

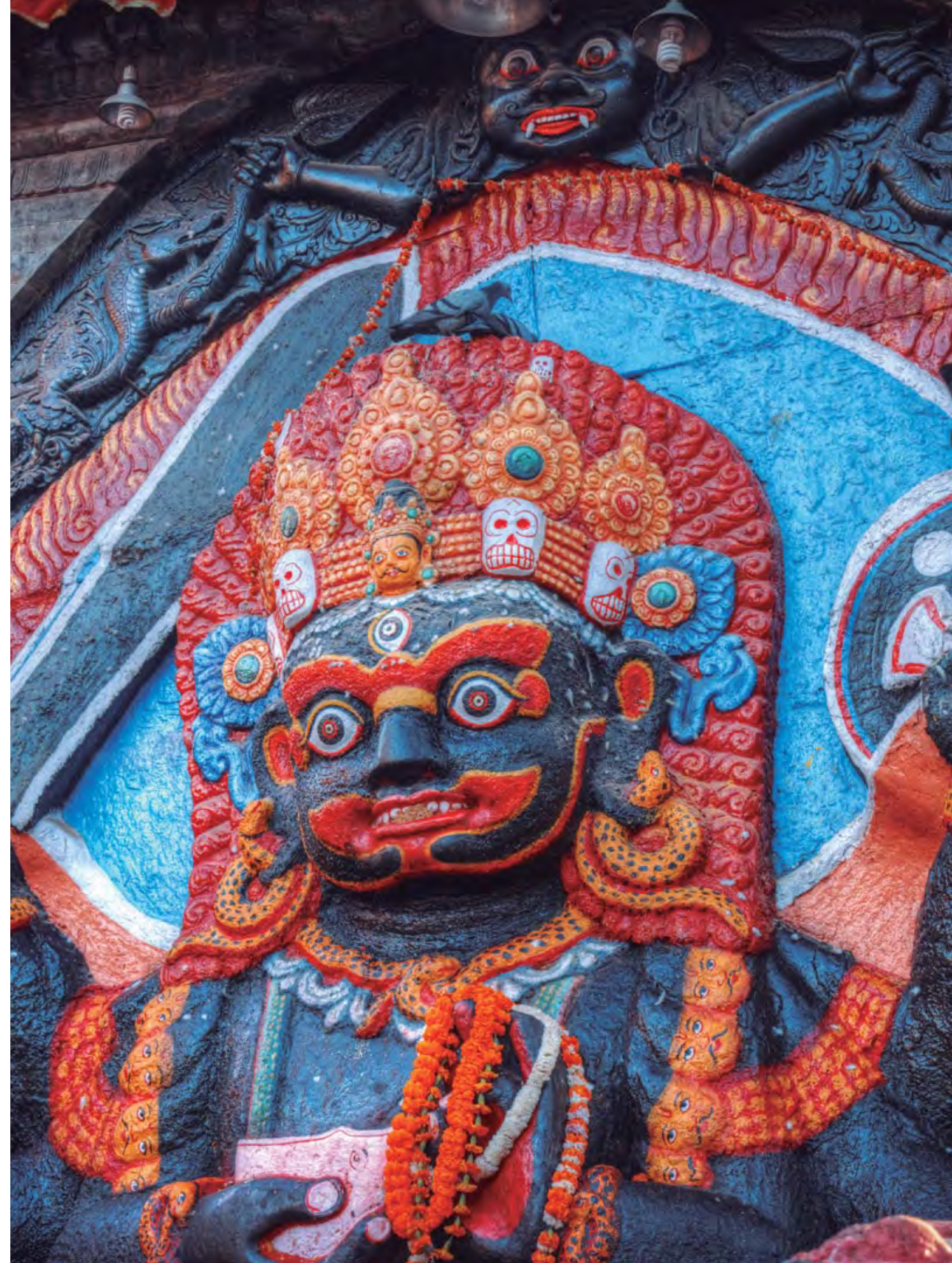
Pertinho da Caverna de Asura, fomos visitar o templo de Dakshinkali, que é cercado por uma densa floresta. O local é dedicado à deusa hindu Kali, a reencarnação da deusa Parvati. Kali é uma representação feminina renovadora e seu amor é tão intenso quanto sua ira. Ela protege seus devotos de calamidades e infortúnios. Era uma quarta-feira, e o templo tinha alguns visitantes, todos recebendo bênçãos dos sacerdotes. Às terças-feiras e sábados, o templo de Dakshinkali fervilha: devotos e peregrinos sacrificam animais de pequeno a grande porte. Abatidos ali, eles têm a carne levada pelas famílias para ser cozida e comida em suas residências. Os mais bucólicos fazem seus pratos com temperos à sombra das árvores...

Seguimos para Patan, a primeira capital do Nepal, que fica a poucos quilômetros de Parphing. Patan, também chamada de Lalitpur, foi fundada no século III a.C. Cidade de história milenar, ela possui centenas de templos e monumentos budistas com tamanhos e formas diversos e trabalhos artísticos dos mais variados materiais, como metal, pedra e terracota.

Na manhã seguinte, eu partiria para o complexo de Pashupatinath, o vórtice da religiosidade nepalesa. Pashupatinath fica à margem do Rio Bagmati: um complexo repleto de templos, estátuas, crematórios e santuários, um dos locais mais sagrados para os hindus. Seu guardião e protetor é Pashupatinath, uma das manifestações do deus Shiva.

Subimos o morro e passamos por muitos santuários, onde a juventude nepalesa fumava seus pequenos *chillums* e peregrinos realizavam rituais, derramando leite em *lingans*, estátuas, e queimavam incensos. No alto, havia alguns alojamentos e

Na página ao lado,
a divindade de Kal
Bhairav, de 3,50 m,
na Durbar Square





barracas. Os discípulos de Gorakhnath são também conhecidos como *kanphata-yogis* e são fáceis de serem identificados, pois possuem enormes brinços perfurados na cartilagem da orelha. Essa ordem é devota do deus Shiva, o Deus Supremo, e a conexão consiste na união com a divindade mediante a prática da ioga. Eles são conhecidos e respeitados sobretudo por seus poderes mágicos, controle de respiração e alquimia. Muitas lendas e histórias contam as passagens desse personagem, que viveu no século XII e foi o criador da hatha-yoga.

Fomos recebidos com bênçãos e xícaras de chá e, no ato, nos ofereceram *chillums* estufados de haxixe. Do grupo de mais dez *naths*, dois falavam inglês e traduziam as fantásticas histórias da saga dos gurus e iogues ancestrais da tradição dos *gorakhnaths*. No espaço de duas horas deste mundo controlado pelo tempo e relógio, aprendemos séculos de lendas e histórias dos ancestrais dos *naths* e ainda sobre as plantas, o tantra, as peregrinações, os minerais e os

locais sagrados no Himalaia.

Saímos flutuando do local, descendo a ribanceira, onde a multidão explodia à beira do Rio Bagmati em seus *ghats* (plataformas de pedra), onde muitas cremações de corpos aconteciam. Algumas pessoas se banhavam e uma senhora permanecia estática no meio do fluxo da água. Perguntei para um *sadhu* o que acontecia. Ele disse que a mulher estava em *samadhi*, em completo êxtase. Saímos da celebração e voltamos para o hotel em sintonia com as montanhas do Himalaia e suas tradições culturais e mágicas.

O professor de filosofia Guilherme Romano sintetiza: “O Nepal é peculiar. As vertentes mais místicas do hinduísmo tântrico e do budismo tântrico se mesclam, dialogam e produzem juntas uma gama de praticantes, de sábios e mestres sem igual. Esse perfume espiritual, essa força de transformação está ali, no Nepal, de forma crua, avassaladora e contundente. Pashupatinath é um desses lugares”.

Ao lado, homem *sadhu*, pessoa sagrada para o hinduísmo, e oferenda no templo Pashupatinath. Na página ao lado, vista do templo Pashupatinath





O ESPLendor DE BOUDHANATH

A estupa de Boudhanath é o epicentro do budismo tibetano e de todas as suas ramificações no Nepal. É fundamental conhecer e realizar o *kora* (a circum-ambulação) ao redor da estupa e entrar na sintonia dos devotos, peregrinos e locais, rodando em sentido horário, com os cilindros de oração em toda a circunferência da estupa. Há um comércio intenso na parte externa, com dezenas de lojas, de *thankas* tibetanas (pinturas), restaurantes, incensos e antiquários.

O estudioso Vitor Shin esclarece que “Boudhanath é um dos mais importantes ‘destaques’ budistas no planeta”. A estupa de Boudhanath é um vórtex devocional que, segundo as linhagens budistas, purifica as impressões de ações negativas do passado. A sua imponente estrutura contém relíquias de budas do passado e milhares de rolos de mantras e textos sagrados. A estupa, que passou por consagrações por mestres de várias linhagens ao longo de muitas gerações, representa os três *kayas*, ou os três aspectos do corpo búdico. Ao redor dela, devotos de todas as partes do mundo circum-ambulam para receber bênçãos e assim poderem um dia realizar esses atributos dentro de si.

O Vale de Katmandu sempre foi uma passagem obrigatória para exploradores e aventureiros, pois ali estão vivos os contrastes e a coexistência entre o samsara e o nirvana desse vale sagrado. Venha conhecer!



Acima, interior do templo Boudhanath. Na página ao lado, a cúpula da estupa do mesmo templo



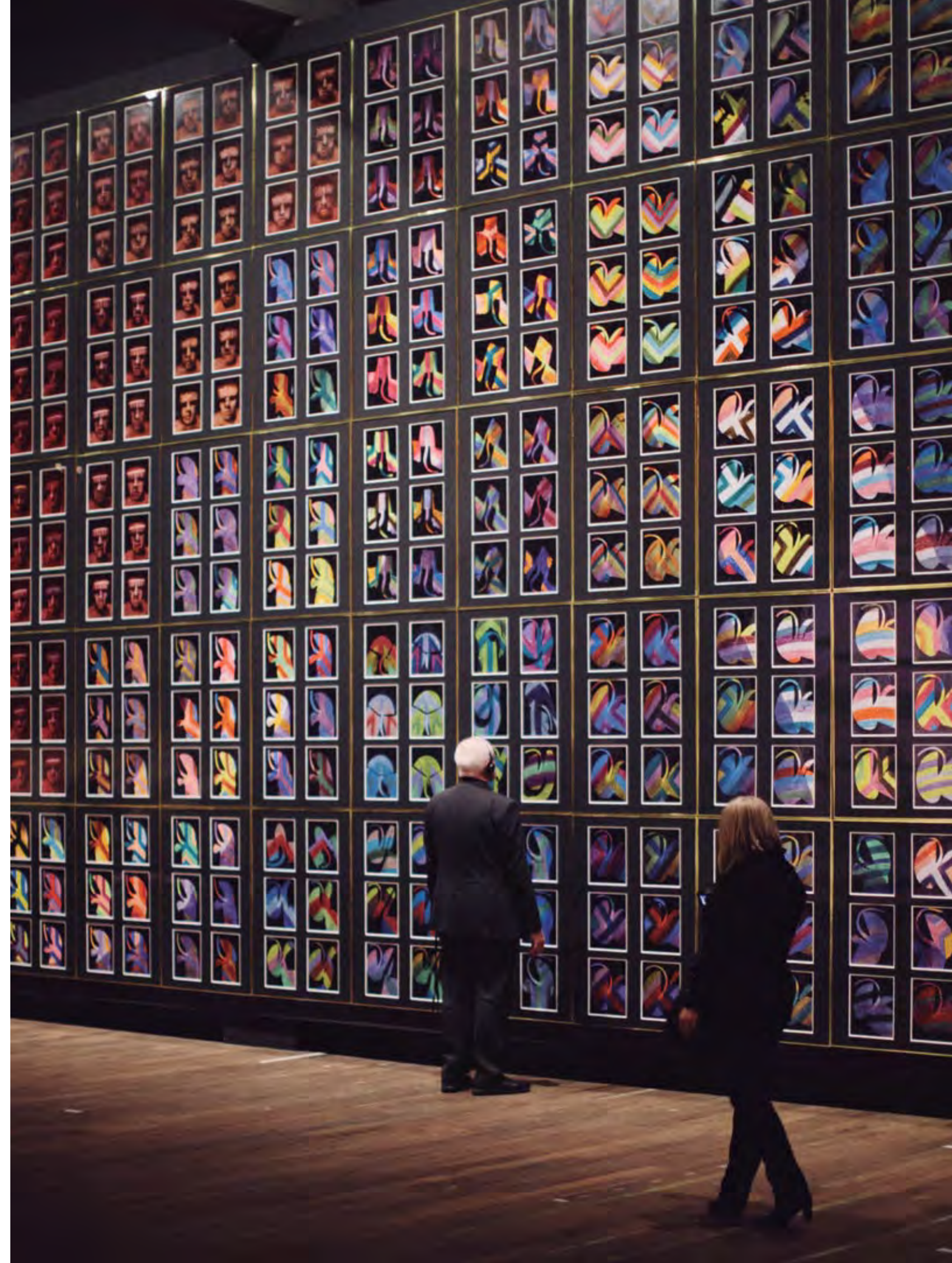
ARTE

Museu

reflexivo

*Há algo de mítico, e sombrio,
no MONA, o extraordinário centro
de arte e cultura inaugurado pelo
empresário australiano David Walsh
na Tasmânia, o pequeno território
da ilha continente*

POR ERIK SADAQ





A arte, arquitetura e natureza em harmonia são a receita de alguns dos melhores novos museus do planeta. Mas parece irreal que eu finalmente esteja pisando aqui. O MONA, o maior ícone da Tasmânia, o excepcional centro de arte e cultura idealizado por David Walsh, esteve na minha *bucket list* por muito tempo.

Como quase todo mundo, fui apresentado à segunda maior ilha da Austrália pelo Taz, o diabo mais adorável dos *cartoons* e um embaixador informal de sua terra. Foi para saber um pouco mais sobre a espécie do meu personagem preferido que fiz uma das primeiras pesquisas da vida na enciclopédia de casa, num tempo em que internet e inteligência artificial só existiam nos *Jetsons*.

Décadas mais tarde, quando comecei a pesquisar sobre David Walsh, já havia aposentado a Barsa e colecionava museus a céu aberto na bagagem. A Wikipedia me apresentou o perfil de um bilionário quase excêntrico, cuja fortuna fora conquistada após o desenvolvimento de um *software* utilizado nos centros de apostas de corridas de cavalo e outros esportes. Apesar de a sigla para Museum of Old and New Art soar um pouco pretensiosa, a pegada disruptiva dos eventos e festivais com sua assinatura davam a ele uma aura de *enfant terrible*, quase um diabo-da-tasmânia.

Minhas impressões se desconstroem quando abordo o assunto com os amigos que me acompanham na visita ao MONA, em um drinque no novíssimo The Tasman, um charmoso hotel boutique, inaugurado há apenas um ano na charmosa Hobart. A capital da Tasmânia tem um quê de Reykjavik (a hypada capital da Islândia) e exala uma aura cosmopolita, apesar das dimensões diminutas. *Habitués* da Tasmânia e dos festivais e da bienal de arte organizados pelo museu me contam entusiasmados que David pode ser visto bebendo em *pubs* da ilha ou circulando entre os palcos de seus festivais de música no bom e velho descompromissado jeito de ser australiano. Todo mundo aqui parece

ter alguma história que envolve uma esbarrada no fundador do MONA.

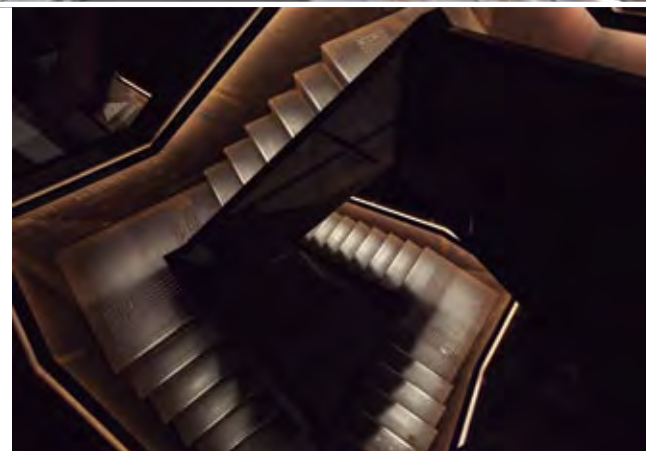
EXPERIÊNCIA ARTSY COMPLETA

Apesar da diferença de fuso horário, reforçamos as xícaras de café antes de seguirmos em direção ao píer de onde sai o MR-I, o *ferry* que nos levará ao museu. O barco, coberto por uma camuflagem de pegada moderna, não passa despercebido no Rio Derwent. As escadas que levam ao deck superior, onde um bar serve vinhos das propriedades de David, são decoradas com grafites de artistas da urbaníssima Melbourne. Estátuas de ovelhas fazem as vezes de bancos panorâmicos, vigiadas por uma imensa vaca, que parece admirar a vista.

A paisagem é impactante e a duração do minicruzeiro foi planejada para garantir que se explorasse a arte do barco, brindando entre amigos com um surpreendente vinho australiano. O desenho das colinas de Hobart, com a baía formada pelo encontro do Rio Derwent e o mar, é de tirar o fôlego, e a primeira vista da ilhota do museu revela a arquitetura contemporânea de concreto armado, misturada à vegetação e às rochas de uma montanha que vai dar na água. Uma passagem secreta se abre e um grande corredor, saído das memórias de algum arqueólogo egíptólogo, se revela. É através dela que chegamos ao elevador que nos leva ao piso subterrâneo do MONA.



Acima, a arquitetura contemporânea do MONA. No detalhe, os MR-I, os *ferries* que levam os visitantes até o museu



A grandiosa construção em uma caverna de diversos níveis abriga obras que evocam temas sombrios

Em sentido horário, as obras *The Grotto* e *Girls Rules*, os túneis e a escada interna do complexo. Na página ao lado, a obra *White House*

IMERSÃO NO UNIVERSO DE DAVID WALSH

A experiência do MONA é uma viagem ao universo de David Walsh. O visitante é tragado por sua estética hiperbólica e, possivelmente, se sentirá incomodado por sua fascinação pela morte. A grandiosa construção, em uma caverna de diversos níveis, abriga obras que remetem a temas, por vezes, sombrios. Por isso, os bares, *lounges* e áreas para descanso são fartos. Algumas são verdadeiras instalações, com artistas ao piano, em bandas ou DJs, produzindo música em tempo real, o que parece ser a especialidade dos australianos, vide o pavilhão do país na última Bienal de Veneza, assinado pelo celebrado Marco Fusinato, presente aqui também. No MONA, David Walsh utiliza a arte sonora para nos dar espaço para refletir sobre suas inquietações.

Preciso mencionar que não há painéis ao lado das obras. Assim que chegamos, é preciso baixar o The O (mona.net.au/museum/the-o), um aplicativo que dá acesso às informações e também reserva algumas exposições com limite de visitantes. Logo na entrada, uma área escura revela esculturas de grandes nomes contemporâneos, incluindo algumas do belga Jan Fabre, um dos meus artistas preferidos. Nas paredes, fotos de fotógrafos sul-americanos e asiáticos abordam o erotismo e, claro, a efemeridade. No meio de imagens contemporâneas, um Monet e um Matisse aparecem em destaque. O MONA foi projetado como uma passagem das trevas ao céu, como os tons desde o *chiaroscuro* até a Luz, usando os termos dos pintores do século XVII.

Uma galeria de Cindy Sherman surge para trazer um pouco de lu-

minescência em meio à crítica dos costumes, como se nos convidasse a refletir sobre as idiossincrasias do dia a dia. *Cloaca Professional*, do belga Wim Delvoye, remete a um sistema digestivo mecânico, capaz de transformar comida em fezes artificiais, em uma crítica à cultura do consumismo e ao excesso de desperdício do nosso modo de vida. *Snake*, da australiana Patricia Piccinini, é hiper-realista, uma cobra coberta por pelos, e com olhos humanos e expressão intimidadora, parece nos desafiar sobre a ideia de perfeição estética.

A instalação de *The Grotto*, do americano Matthew Barney, é composta de sete salas, com objetos elaborados e simbólicos, que exploram a mitologia, o corpo e o simbolismo cristãos da cultura eurocêntrica. Já *Black Balls*, do festejado britânico Anish Kapoor, é formada por milhares de esferas pretas, de efeito hipnotizante e imersivo, confundindo nossa noção de profundidade e perspectiva. E *Untitled*, de Ai Weiwei, o chinês mais popular da atualidade, convida a experimentar um pouco das condições desumanas experimentadas por presos políticos de todo o mundo ao se transitar em 21 celas prisionais, moldadas à mão pelo artista.

Quando chego ao andar superior, imagino que a experiência catártica e sombria se esvaiu. De repente, reconheço a batida de *Proud Mary* em uma instalação posicionada em uma iluminada sala de estar. Nela, o australiano Daniel Mudie Cunningham dança o *hit* de Tina Turner em três cenários, incorporando três personas distintas. Sem perceber, me sento em um sofá que faz parte de outra obra, chamada *My Beautiful Chair*, assinada por Greg Taylor, também australiano. De propósito, instalada bem na frente da solar *Proud Mary*, uma máquina real de eutanásia indica os sintomas experimentados pelo corpo durante a prática do procedimento que leva ao término da vida. Fico hipnotizado, entre os movimentos de dança frenética e a tela, que indica que, a partir daquele momento, meu cérebro acaba de morrer.

Quase atordoado, sigo buscando a luz e dou de cara com uma sala com 30 monitores antigos, nos quais as vozes de fãs de Madonna entoam *Open Your Heart* e *Like a Prayer* à capela. Trata-se de *The Queen*, assinada pela sul-africana Candice Breitz. Meus amigos recomendaram que, se a experiência pesasse, essa instalação cumpriria o papel de animar. E é para lá que eu e muitos retornam para ver e ouvir a



cantoria desafinada e apaixonada, típica dos fãs, que alternam hits da Rainha do Pop em *loop* eterno.

O The O alerta que chegou a minha vez de ver a múmia e o sarcófago de Pausiris, uma relíquia do período ptolemaico, que data de 100 anos de Cristo. O monitor me avisa para tomar cuidado na entrada porque o tanque de água onde a múmia flutua é realmente profundo. A sala é escura, com iluminação rebatida, e recebe somente um visitante por vez. Ao lado do sarcófago, uma instalação visual reflete pergaminhos e um holograma com imagens da múmia em seu estado original. Completamente cercado por água, foi preciso me manter alerta para não pisar em falso, enquanto assimilava projeções em reverência aos restos mortais de Pausiris.

Sigo por outro labirinto até dar de cara com o sol. Incomodado com a luz forte, vejo de longe as famosas estruturas do americano James Turrell. O caminho entre elas é conectado por passarelas, que cobrem áreas verdes abundantes. Perto dali, alguns bares e restaurantes dão vista para o palco principal do MONA. É aqui que grande parte dos visitantes vem passar o final do dia.

PROVOCAÇÃO E DISRUPÇÃO DA ARTE E DA VIDA
Meu aplicativo deixa claro que passei por quase todo

o acervo, cruzando intermináveis labirintos, que formam deleites visuais e, como toda boa arte, geram incômodo e reflexão. Meus amigos estão curiosos para saber sobre a minha experiência e só consigo dizer que é peculiar que um bilionário tenha se envolvido tanto na experiência de seu centro de artes. Ficou claro que a essência de David Walsh foi incluída em cada detalhe do museu. Do momento em que embarcamos no *ferry*, na Baía de Hobart, aos restaurantes e bares de extrema qualidade. Do número impressionante de obras, abrangendo praticamente todos os períodos da história da arte, aos temas que costuram sua curadoria, com ênfase na reflexão da efemeridade.

Parafraseando o filósofo Byung Chul-Han, em seu ensaio *A Salvação do Belo*, algumas experiências artsy parecem ter sido criadas para gerar conteúdos em rede, com instalações visuais e com um alto compromisso com a estética do belo, sem atrito, arredondadas e feitas para refletir o reflexo do espectador. O MONA, de David Walsh, proporciona justamente o contrário. O belo está aqui para gerar pequenos alívios e, por que não, doses de dopamina, necessárias para que a reflexão sobre a nossa própria existência não nos torne niilistas.

Graças a essa jornada, além do Taz, tenho na Tasmânia agora dois diabos preferidos. 📍



Acima, o terraço no *rooftop* e a sala de estar da Pavilion Suite, do The Tasman Hotel. Na página ao lado, a obra *Crucifix*, de Sidney Nolan

UM HOTEL ENTRE DOIS TEMPOS

Na atraente Hobart, capital da Tasmânia, o The Tasman, a Luxury Collection Hotel, funciona como ponto de convergência das muitas qualidades que a pequena cidade reúne. Localizado à beira-mar, o hotel habita edifícios georgianos e art déco da década de 1840 instalados entre o moderno Pavilion Building, onde fica a suíte Aurora, na cobertura com terraço e vista para o porto, e o Heritage Building, onde a arquitetura original foi preservada, entre lareiras restauradas, móveis de época e obras de arte. O hotel conta, ainda, com um restaurante de inspiração italiana, o Peppina, que prestigia ingredientes locais e frescos no melhor estilo *farm to table*, e um charmoso bar.



BENEFÍCIOS
EXCLUSIVOS UNQUIET



Aponte a câmera
do seu celular para
acessar o QR code ou
revistaunquiet.com.br

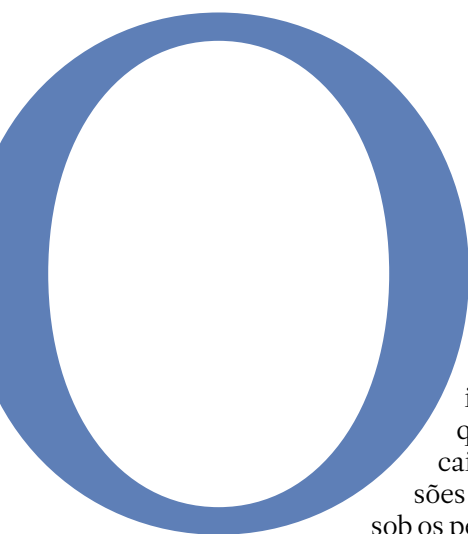
ESPORTE

Adrenalina abaixo de zero

*Com opções que vão desde o snowkite à
escalada em gelo, o Canadá é um verdadeiro
paraíso para os amantes dos esportes na neve*

POR KARINA OLIANI





O inverno no Canadá é uma época mágica, especialmente para quem gosta de uma boa aventura. Assim que a neve começa a cair, o país se transforma em uma espécie de parque de diversões para os amantes do *outdoor*. O barulho da neve fofa estalando sob os pés e o ruído de esquis e *kites* rasgando céus e montanhas soam como música para os ouvidos. Essa seria a minha quarta temporada por lá, mas a primeira na região mais ao norte da província de Quebec, conhecida por ser um dos destinos mais nevados do mundo. Apesar de temperaturas que facilmente podem despencar para -30°C , Quebec consegue ser incrivelmente convidativa na estação mais fria do ano. Seria uma oportunidade perfeita para testar a sorte em esportes como *snowkite*, escalada em gelo, *hiking*, esqui e *snowboard*.

O itinerário, de 15 dias, incluía cidades como Montreal, Sacacomie, Alma, Saguenay, Saint-Gedeon, Quebec e, claro, Mont Tremblant. Além de explorar os cantos mais selvagens desses lugares, o objetivo também era curtir bons momentos em família, já que o Max e minha filha, Kora, que completou 1 ano na viagem, seriam os meus companheiros. Melhor parceria impossível, pois a Kora topa tudo, é curiosa, ágil, esperta (será que é papo de mãe coruja?), enquanto Max ama os mesmos esportes que eu, adora montanha e encara todas.

Depois de um longo voo, a empreitada começou em Sacacomie, um luxuoso resort localizado entre Montreal e Quebec. O hotel foi construído sobre uma colina, às margens do Lago Sacacomie, um lugar cercado por natureza, ideal para descansar, contemplar a paisagem e “tirar a viagem do corpo”. Mas a verdade é que não conseguimos ficar muito tempo parados. Fomos logo experimentar o *dogsled*, aquele trenó puxado pelos cães, bem famoso nos filmes. Além de uma atividade superdivertida em família, o passeio foi uma maneira diferente de apreciar o lago, absolutamente congelado (assim eu esperava), da região.

Nos despedimos dos nossos amigos de quatro patas e aproveitamos o embalo para encerrar uma sessão de esqui *cross-country*, conhecido no Brasil como esqui de fundo. Além de toda a beleza natural, Sacacomie oferece uma grande variedade de lazer para os hóspedes. O resort fica aberto o ano inteiro e ainda conta com passeios de caiaque e *trekking* com as raquetes de neve, além de vários restaurantes, que servem a deliciosa comida franco-canadense. A vontade era ficar um pouco mais, mas ainda tínhamos muita estrada pela frente.

ESCALAR UMA DESAFIANTE CACHOEIRA DE GELO

Com as energias renovadas, pegamos o carro rumo à cidade de Quebec, uma das maiores cidades do Canadá e onde a maioria da população fala francês. Na temporada de inverno, Quebec parece se transformar em um cenário de conto de fadas, com ruas cobertas de neve, luzes brilhantes e decorações festivas. Por lá, a missão era escalar em gelo a Cachoeira de Montmorency, uma queda de 83 m, que fica a cerca de 13 km do centro da cidade. Durante os meses mais frios do ano, com as baixas temperaturas, a água para de fluir e a cachoeira se transforma em uma linda coluna de gelo. Condições ideais para a

Na página ao lado, Karina escala a cachoeira congelada Montmorency, em Quebec





prática do *ice climbing*, um dos esportes mais fascinantes – e perigosos – do mundo.

Diferente da escalada em rocha, em que usar os dedos é fundamental, a escalada em gelo conta com duas piquetas (uma em cada mão) e os *crampons* (nos pés) como ferramentas para subir. É um jogo de xadrez, onde o frio é um duro oponente. Para quem vai se arriscar pela primeira vez, o parque oferece uma sessão de orientação, na qual os participantes também conseguem alugar os equipamentos necessários. Já para os mais atirados, a cachoeira congelada é um verdadeiro *playground* a céu aberto. As paredes de Montmorency oferecem uma variedade incrível de rotas e, à medida que escalamos, fomos surpreendidos pela beleza do Rio Saint Lawrence ao fundo e o lindo horizonte de Quebec. A vista é espetacular e demos muita sorte no dia: sol, céu azul, pouco vento e um dia épico de escalada no inverno quebequense.

Para baixar a adrenalina, nada melhor do que uma boa caminhada pelo centro histórico de Quebec. Patrimônio Mundial da Unesco, Old Quebec é um ponto turístico eferescente, um mix de culturas, com as arquiteturas francesa e britânica do século XVII refletindo toda a complexa história da cidade. Os blocos de gelo gigantesco fluíam pelo rio, enquanto a gente admirava o pôr do sol refletir seus últimos raios dourados no topo do famoso e charmoso Château Frontenac.

DE VENTO EM POPA

As pessoas adoram perguntar qual é o meu esporte favorito, mas a verdade é que nunca quis me limitar a apenas uma atividade. Desde cedo faço *wakeboard*, escalada em rocha, esqui, canoagem, mergulho, SUP, hipismo, mergulho e por aí vai. Acho que esse mundo tem muita coisa boa para experimentar e ficar em um lugar só. E para mim o *kite* é um ótimo exemplo de toda essa “inquietação”. É um jeito perfeito de explorar o mundo, conhe-

Acima, a beleza gélida do Lago Sacacomie. Na página ao lado, Karina com a filha, Kora, e o marido, Maximo, em Quebec



cer novos lugares, culturas, pessoas, usando apenas a força do vento, uma prancha no pé e uma pipa no céu. Assim, de Quebec, partimos novamente para o norte, em busca do *snowkite* na região de Saguenay, onde lugares como Lac Saint-Jean e La Baie prometiam ventos constantes, poucos obstáculos e planícies perfeitas para o esporte.

Pouco conhecido no Brasil, o *snowkite* vem ganhando cada vez mais popularidade no Canadá, um país abençoado pela neve. A técnica utilizada é parecida com o *kitesurf*, com pequenas adaptações no equipamento, mas ele pode ser praticado tanto com esquis como em uma prancha de *snowboard*. Usamos a mesma pipa, a mesma barra, o mesmo trapézio, e a principal diferença sem dúvida é que substituímos a prancha de *wave*, ou a bidirecional no pé, pelos esquis ou pelo *snowboard*. E essa escolha depende muito da experiência pessoal de cada um. Eu recomendo fortemente que primeiro você domine os esquis ou o *snowboard* antes de tentar juntar isso a uma pipa e rajadas de ventos que chegam a 25–30 nós. Para quem deseja aprimorar as habilidades, cidades como Saguenay e Saint-Gedeon contam com algumas escolas. A que eu recomendo

No inverno, Quebec é ideal para praticar *snowkite*, esqui, escalada em gelo, *hiking* e *snowboard*

é do Hugo Garon e se chama Progression Kite (www.progressionkite.com).

Quem pratica há mais tempo sempre fala que o *snowkite* pode ser ainda mais perigoso que o *kitesurf* e acho que é fácil imaginar o porquê. Com muito respeito e uma boa dose de humildade, peguei meu *snowboard*, armei um *kite 11* e saí velejando pelo enorme Lago Saint Jean, completamente congelado. Em vários momentos, quando me afastei do *kite center*, senti que estava isolada no meio do Ártico. Foi uma delícia!

Nos arredores de La Baie, na charmosa Chicoutimi, fizemos uma pausa nos esportes de inverno para ficar alguns dias curtindo uma cabana ao melhor estilo “quebequense”. Feitas de madeira e com toda sofisticação e conforto, elas se localizam no meio da floresta nevada.

PARTIU, MONT TREMBLANT

Pernas zeradas e após uma merecida noite de descanso na simpática e pequena cidade de Trois-Rivières, era hora de matar a saudade de dois esportes que pratico desde criança e estão entre os meus preferidos: esqui e *snowboard*. Assim, partimos para Mont Tremblant, uma das estações de esqui mais fantásticas de toda a América do Norte. Com mais de 96 pistas, ela é um lugar ideal para esquiadores de todos os níveis. Durante o inverno, são inúmeras as faces da montanha que podem ser dropadas com toda a segurança. Além disso, é uma vila supercharmosa, multicultural, conhecida pela famosa cena *après-ski*, com diversas possibilidades para comemorar e se socializar depois de um dia exaustivo (e lindo) de esportes na montanha.

Nessa viagem, eu já estava carregando muitos equipamentos, então resolvi alugar esquis, bastões e botas novinhos em Tremblant e não me arrependi.

Equipamento incrível, encerado, afiado, ajustado perfeitamente aos pés: que alegria!

Deu para rabiscar a montanha até as pernas pedirem socorro. Mont Tremblant realmente justificou a fama. A montanha é particularmente agradável para esquiadores de nível intermediário, com mais de 50% do terreno classificado como pista azul (intermediária). Mas há também muitas opções de pistas verdes (iniciantes) e pretas, para aqueles que estão em busca de mais adrenalina. Tudo bem sinalizado.

Uma ótima dica por lá é usar o seu Ikon Pass, que dá acesso a mais de 50 destinos no mundo, incluindo Tremblant, Aspen/Snowmass, Deer Valley, Mammoth Mountain, Palisades Tahoe, Jackson Hole, Steamboat e Valle Nevado.

O passe sai muito mais barato do que comprar os *lifts* diretamente em cada resort visitado. E subimos no *lift* juntos para almoçar no Grand Manitou, um restaurante localizado no topo do Mont Tremblant, que oferece uma vista panorâmica dos Montes Laurentides, esplêndidos, com todas as suas tonalidades de inverno.

Depois de muitas sessões de esqui, *snowboard* e passeios de teleférico, fomos curtir uma tarde na piscina aquecida do Fairmont Tremblant, um hotel bastante conceituado, perfeito para um momento relax com a família. Foram alguns dias nessa rotina mágica em Mont Tremblant, que definitivamente entrou na minha lista de lugares preferidos no Canadá.

A cereja do bolo veio com um passeio de helicóptero oferecido pela Heli Tremblant, onde conseguimos gravar imagens sensacionais dos Laurentides para a minha produtora, a Pitaya Filmes. Uma saída perfeita desse parque de diversões de inverno! A melhor dica para quem quiser conhecer essa estação de esqui tão charmosa é que a Air Canada tem um voo diário e noturno que sai de GRU e pousa diretamente em YUL (Aeroporto de Montreal) cedinho. De lá, uma linda estrada, que em menos de duas horas, nos leva diretamente para a base da montanha. Um destino que oferece conforto, desafios, muita adrenalina e acolhimento, tudo ao mesmo tempo, e que cabe na programação de todo tipo de viajante. O Canadá é sempre uma boa surpresa.

THE EXPLORERS CLUB

Correr atrás de seus sonhos sempre foi um desafio que moveu Karina Olini. Ela queria explorar o mundo, ajudar pessoas e deixar uma marca positiva no planeta. Foi através da formação em medicina, quando se especializou em *wilderness medicine*, que viu a chance de realizar tantos desejos. Tudo isso enquanto se aventurava pelo planeta afora em mergul-



lhos, escaladas, travessias e tantas outras façanhas: ela foi a única mulher latina a escalar o Everest pelas faces sul e norte, a primeira brasileira a ter escalado o K2, tem um recorde, registrado pelo *Guinness Book*, como a primeira pessoa a atravessar o maior lago de lava do planeta e mais de 5 mil mergulhos como instrutora do esporte. Karina também é fundadora da Sociedade Brasileira de Medicina de Áreas Remotas e Esportes de Aventura e *fellow* honorária da World Extreme Medicine (WEM), no Reino Unido.

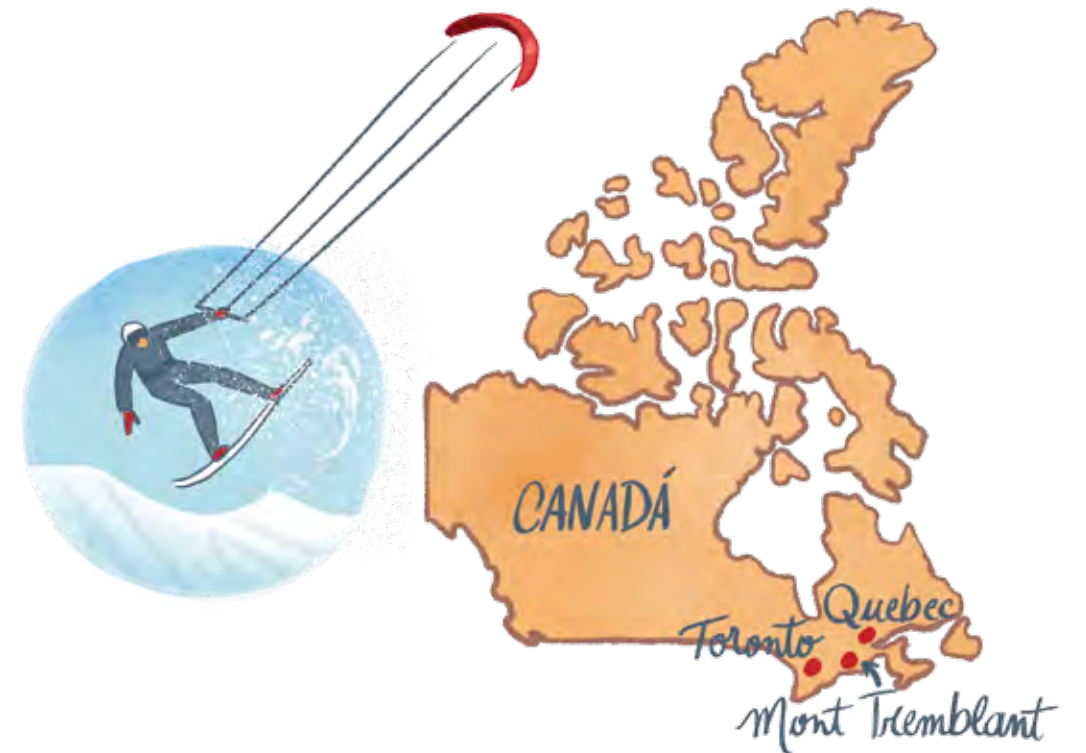
O reconhecimento de seu trabalho e esforço chegou recentemente, com a nomeação entre os 50 maiores exploradores do mundo cujas trajetórias são reconhecidas por causar impacto socioambiental. O reconhecimento pelo Explorer Club, uma sociedade internacional fundada em 1904, em Nova York, com o objetivo de fomentar estudos de campo e explorações científicas em todo o mundo, confirma Karina no olimpo dos exploradores mundiais – além dela, outras 27 mulheres aventureiras foram nomeadas nessa edição. Mais uma prova de que não há limites, no esporte, na aventura ou em qualquer campo, para a força feminina.

Acima, a estação de esqui de Mont Tremblant, que oferece inúmeras atividades ao ar livre

BENEFÍCIOS
EXCLUSIVOS UNQUIET



Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou revistaunquiet.com.br



DESCANSO MERECIDO EM MONTREAL

O Four Seasons Montreal atende como um dos endereços mais sofisticados da província de Quebec. Na maior cidade da região canadense, o hotel fica na área mais nobre de Montreal, a chamada Golden Square Mile. Seus ambientes refletem a elegância atemporal e o tom cosmopolita que são marcas registradas da rede que, aliás, é originária do Canadá. Entre os destaques, além de restaurantes gastronômicos e um bar, o spa oferece hidroterapia e massagens terapêuticas, opções ideais para quem quer se recuperar de um dia de esportes radicais na região. 📍

BEM-ESTAR

A ilha do concheiro coriano

Despretensiosamente, o arquipélago autônomo português se destaca como destino de wellness dos mais completos, com experiências em águas termais, spas com tratamentos inovadores e intensos momentos de integração com a natureza terrestre e marinha – além de uma deliciosa gastronomia pontuada pela herança cultural lusitana

POR ERIK SADAQ





Acima, a Praia dos Mosteiros, em Ponta Delgada. Na página ao lado, o mergulho com baleias é um dos destaques da ilha de São Miguel

Dos Açores só conhecia a história dos portugueses que chegaram ao sul do Brasil Colônia para habitar as áreas que se tornaram estados como o Rio Grande do Sul. Quando me preparava para desbravar as principais ilhas do arquipélago português, nova sensação do circuito *wellness* europeu, é que descobri que colonizadores lusitanos só aportaram por aqui no século XV, um pouco antes do nosso descobrimento.

A julgar pelas belezas e paisagens naturais das nove ilhas vulcânicas do arquipélago, com florestas, montanhas, grutas e ilhotas, reflito sobre a inquietude da nossa espécie. Teria sido irresistível parar aqui? O solo fértil da região foi logo aproveitado. E, sem as intensas ondas migratórias da Península Ibérica, não teríamos a proliferação de frutos tropicais nem a base do que viria a se tornar a agricultura moderna. O famoso ananás, para nós abacaxi, onipresente nas ilhas açorianas, é só uma das heranças que o passado mercantil trouxe para cá.

Seculares lavouras de chá Gorreana, primeira e única plantação de ervas para infusão do continente europeu, se entremeia a pastos montanhosos, com vista para o revoltado mar do Atlântico,

repletos de rebanhos de ovelhas e cabras. As áreas verdes se confundem com árvores preservadas em parques nacionais onde grupos de *hikers* começam a aparecer, principalmente, no entorno de grandes lagos que formam a região de Furnas, minha primeira parada.

TERMAS DA MODA

A julgar pelo tráfego no aeroporto, uma nova onda migratória parece aportar por aqui. As águas termais de Furnas, localizada a uma hora e meia de Ponta Delgada, a maior cidade da Ilha de São Miguel, tornaram-se atrações concorridas e novos hotéis começaram a surgir no entorno do Parque Terra Nostra, onde as maiores piscinas públicas se concentram.

O Octant Hotel Furnas é a pedida para quem busca combinar dias de bem-estar com ótima gastronomia. Já no check in, feito no simpático bar do hotel, decorado com vinis clássicos e uma pequena biblioteca, descubro o sabor amadeirado dos gins produzidos em Portugal. O produto é utilizado como base pelo mixologista em martinis com os sabores de especiarias que valiam ouro no século XVII, como canela, mostarda e açafrão.

A gerente do hotel aparece para repassar meu programa, deixando claro que o segredo do bem-estar

açoriano é relaxar e comer bem. Os programas do hotel, nada rígidos, são desenhados para o público português e europeu em geral, que, quando viajam para relaxar, não abre mão de boas bebidas e da mesa farta. Fico sabendo que a distância até o parque, com os cenários mais bonitos para *hiking* pode ser percorrida a pé. E que em menos de quinze minutos caminhando é possível chegar ao centrinho, cortado por pontes onde águas escaldantes transbordam em canais de água doce.

Sou encorajado a planejar dois dias de exploração ao redor, seguindo o ritual de retornar ao hotel para aproveitar as duas piscinas com águas termais, que podem ser acessadas a qualquer momento do dia. A externa tem serviço de bar e comidinhas, com vista e acesso a um exuberante jardim, que cumpre o papel de cenário perfeito para a leitura. A interna se conecta a uma estrutura com saunas seca e a vapor, salas de tratamento e massagens e uma fonte interna de água termal. Apesar de boutique, o Octant Furnas tem uma aura de spa, com hóspedes transitando de roupão em todas as áreas.

CORPO SÃO, MENTE SÃ

Como é meu primeiro dia na capital das termas açorianas, corro para experimentar por mais de uma hora os banhos termais do hotel. Foi um pouco di-

fícil reunir forças para jantar, mas a reputação do À Terra Furnas havia me deixado curioso. Instalado em uma charmosa estufa, com mobiliário que mescla a simplicidade do mobiliário português com cadeiras de design internacional, ele serve pratos típicos dos Açores, como o famoso “cozido de Furnas”, à base de carnes e legumes, preparado na caldeira de pequenas crateras de águas termais.

O chef Henrique Mouro me avisa que o restaurante só utiliza produtos do campo, carnes e frutos do mar frescos. Tudo é preparado em um imenso forno a lenha, a verdadeira estrela do À Terra. Ele recomenda reservar o cozido com antecedência, para cumprir o ritual do prato. Faço uma reserva para o almoço do dia seguinte. No jantar, me delicio com uma massa preparada com frutos do mar, vindos da Ribeira Grande, uma das minhas paradas, acompanhada de uma salada que não deixa dúvidas da tradição *farm to table* dos Açores.

Pode ser que estivesse influenciado pelo clima, mas a primeira noite em Furnas foi das mais revigorantes que já tive. Após o café da manhã, passo na recepção para pegar uma toalha e sigo caminhando até o Parque Terra Nostra, o destino mais famoso das termas de Furnas. Já na frente do hotel, a água começa a brotar escaldante das rochas, formando uma combinação estranha com os belos jardins onipre-



sentes em todo o caminho. Plaquinhas indicam a temperatura e a rota que a água seguiu até desembocar ali.

No canal principal, avisto os primeiros banhistas, revezando-se na água gelada com pequenas piscinas montadas com a água termal que desagua ali. Mergulho os pés em uma delas para entrar no clima e sou surpreendido com a temperatura agradável, em torno dos 35 °C. Nesse ponto, as águas desaguam e se misturam às corredeiras.

PARQUE TERRA NOSTRA

As construções ao redor do parque não deixam dúvidas da herança lusitana. Casinhas brancas coloniais, muitas igrejas e mais jardins em ruas estreitas me levam até a entrada do parque. O Parque Terra Nostra já serviu de moradia para um abastado cônsul americano do século XVIII, mas só em 1848 ganhou a forma que tem, quando a área foi adquirida pelo Visconde da Praia. Sua família se interessava por plantas e, como bons herdeiros de navegadores, plantaram ali espécies vindas das Américas, da Austrália, da China e da África do Sul, dando ao parque ares de jardim botânico mercantilista. O clima atlântico dos Açores foi escolhido pelos portugueses como local de aclimação para espécies trazidas do mundo todo. As orquídeas encontraram aqui seu primeiro lar fora da Ásia.

Bem em frente da residência da família Visconde da Praia uma imensa piscina com água argilosa, mais amarronzada que um rio tropical, atrai uma verdadeira multidão. Gente de todas as idades nada e boia em busca dos benefícios comprovados das termas de Furnas. Além da hidratação da pele e do alívio do estresse, as fontes são procuradas por

Entre vales, montanhas e praias, Ponta Delgada é um destino para amantes de esportes



Ao lado, *stand-up paddle* em Ponta Delgada. Abaixo, a paisagem exuberante de Furnas. Na página ao lado, *mountain bike* é um dos diversos esportes possíveis em Ponta Delgada



quem tem problemas de sono ou de pressão arterial. Não espere um cenário de spa ou parque suíço elitizado. O Terra Nostra faz parte de uma rota de destinos democráticos e, com exceção das fontes particulares de hotéis, como as do hotel Octant, há pequenas multidões por todos os cantos.

MESA FARTA E HIKING

Após quase quatro horas explorando o parque, es-caldando a pele nas fontes que descobro, retorno ao hotel para experimentar o famoso cozido. O prato é realmente um evento. Já na recepção sou

informado que o meu está pronto. Um casal de Lisboa me diz que vou adorar e que é melhor que esteja com fome, porque os portugueses são conhecidos pela fartura à mesa.

Da panela enterrada por horas na terra brotam alguns dos vegetais mais saborosos que já provei. Couve, cenouras, inhame, batatas doce e da terra são colocados à minha frente com pedaços generosos de carne de galinha, porco, bovina e, para minha surpresa, bacon. Por um momento, penso se estou mesmo em uma viagem de bem-estar. O aroma toma conta do ambiente e eu, que não sou tão carnívoro,



Acima, a Caldeira das Lagoas, na ilha de São Miguel. Na página ao lado, o skyline de Ponta Delgada, uma das cachoeiras na mesma cidade e plantações de chá na ilha de São Miguel

peço para repetir porções bovinas e de porco.

No dia seguinte à experiência com o cozido, a equipe do Octant sugeriu uma caminhada até o topo do Pico do Ferro. No meu ritmo, subo até um mirante onde, finalmente, pude perceber a grandeza do vale das águas. A variedade de árvores e lagos e as pequenas fazendas confundiam meu olhar o tempo todo e a cordilheira, que dá forma à paisagem, finalmente se torna uma imensa cratera.

Depois de mais uma tarde relaxando nas termas do Octant Furnas – e de outra ótima noite de sono –, estou mais do que pronto para a viagem até Ponta Delgada, outro destino cada vez mais popular para aqueles que buscam uma fugidinha da vida cotidiana no continente.

PONTA DELGADA: PORTA DE NOVAS AVENTURAS

As muitas paradas que faço no caminho para apreciar as pequenas ilhas que surgem próximas da estrada costeira alteram minha previsão de chegada em mais de duas horas. Tudo bem, penso. Estou nos Açores! Mal pude acreditar quando vi da estrada a formação em ferradura e a lagoa natural do Ilhéu de Vila Franca, um dos principais cartões-postais que visitarei daqui a alguns dias.

Ponta Delgada é um destino popular para amantes

de atividades esportivas. Todo o centrinho dá acesso a trilhas para caminhadas – de todos os níveis – que entregam panorâmicas das montanhas, vales e praias da região. A equipe que me recebe no Octant Ponta Delgada, principal propriedade do grupo português nos Açores, me adianta um menu de experiências que desperta a inquietação. Ficou claro que vai ser impossível ver tudo em somente três dias.

Vou direto ao Whale Watching Bar, localizado no topo do Octant, para um lanche rápido antes do passeio de *mountain bike* que reservo para reconhecimento da área. A Ilha de São Miguel ostenta o título de melhor lugar para ver baleias da Europa, oferecendo a garantia de observação durante toda a temporada – entre a primavera e o verão – na costa sudoeste. Um simpático píer localizado bem na frente do hotel faz as vezes de ponto de encontro de mergulhadores e surfistas e reúne bares, restaurantes e um mini-shopping center. Seguindo pela ciclovía costeira, dou de cara com os resquícios de um impressionante forte, hoje museu, testemunha do passado colonial do arquipélago.

Já está anoitecendo quando retorno para uma massagem que deixei agendada no spa Octant. Gilda Martins, a gerente de bem-estar, me explica sobre os tratamentos à base de chás verde e preto

oriundos das plantações da ilha. Opto pelo chá-verde após descobrir suas propriedades intoxicantes em um ritual dos pés seguido de esfoliação. O chá é parte da identidade dos Açores, mas a estrela atual dos tratamentos do spa do Octant Ponta Delgada é o CBD. Nas massagens, a substância é misturada a um óleo vegetal ou a essências como a criptoméria. Gilda me conta que é possível utilizá-lo até mesmo nos tratamentos com pedras quentes. “O CBD nas massagens ajuda a desbloquear. O corpo se liberta e a mente se acalma, abrindo-se para o silêncio, permitindo-nos aproveitar melhor o momento.” Eu, ainda de roupão, aprovo mais esse uso do produto extraído da cannabis. Quando pergunto se há algum tipo de resistência dos hóspedes a respeito dos tratamentos com base de CBD, sou surpreendido com sua resposta: “Ainda que para muitos o CBD seja associado a uma droga, há quem se permita a conhecer o desconhecido”. Viajar é um pouco isso, penso.

MAR SORTIDO

Depois de outra ótima noite de sono açoriana, acordado com disposição para madrugar no píer para seguir de barco em busca das baleias. A expectativa é grande. Alejandro, guia e biólogo marinho espanhol, que aportou por aqui e nunca mais retornou à península,

me conta que das 83 espécies de baleias e golfinhos do planeta, podemos ver até 28 nadando na costa das ilhas dos Açores. Já na saída do píer, fico sabendo que a atividade nos mares está alta, mas que precisaremos viajar cerca de 30 minutos até que as primeiras apareçam. Não demora muito para que um dos muitos grupos de golfinhos force uma primeira parada, nadando exibidos à nossa volta.

A promessa de Alejandro se cumpre em menos de 30 minutos de navegação, quando somos surpreendidos pela primeira baleia-sardinha. A espécie está em perigo, mas vive tranquila e protegida da caça nos Açores. A desejada foto do mergulho com a imensa cauda para fora é conquistada logo nessa aparição. As baleias-sardinhas costumam ficar até cinco horas submersas antes de retornar à superfície. Outros pequenos grupos de mães com filhotes também dão a graça. Ficou faltando a gigante baleia-azul, habitante ilustre desses mares. Na viagem de volta, aprecio a beleza da paisagem com um sorriso no rosto. Esse tal de Açores não só é bom de marketing, como também entrega.

A sensação de um mar tão gelado quanto Cascais nas idas às praias de Santa Bárbara, superjovem, e da bela Pedreira, me desencorajou ao mergulho com os golfinhos na costa. Mas algumas piscinas naturais



De cima para baixo, prato do restaurante À Terra, preparo do típico “cozido de Furnas” e o edifício colonial do Octant Furnas

formadas ao longo da Praia dos Mosteiros me fizeram desejar mais dias por aqui. Quem diria que teriam que me tirar da água, me lembrando do *ferry* de volta, na visita que fiz ao Ilhéu de Vila Franca.

TESOURO NATURAL AÇORIANO

Quando ouvi falar pela primeira vez sobre o Ilhéu de Vila Franca, sabia que tinha que visitá-lo. Esse lugar magnífico, localizado a apenas 400 m da costa, é um verdadeiro tesouro dos Açores. Já na chegada foi impossível não me emocionar com a beleza natural que me rodeava. A formação vulcânica em forma de anel se eleva em meio a um dos pontos mais cristalinos do Atlântico, formando uma lagoa natural, com a cratera do vulcão se enchendo com a água do mar. A areia branquinha e o visual intocado são irresistíveis.

O Ilhéu é considerado um dos melhores lugares para mergulho da Europa, e trupes de *snorkel* nadam do oceano para dentro da lagoa em busca da vida marinha e da paisagem vulcânica submarina. Peixes, crustáceos e corais podem ser vistos de qualquer lugar, mesmo nas margens da cratera. Entre um mergulho e outro, fiz uma trilha íngreme até o topo da Vila Franca, onde uma vista da costa sul de São Miguel compensou o esforço extra.

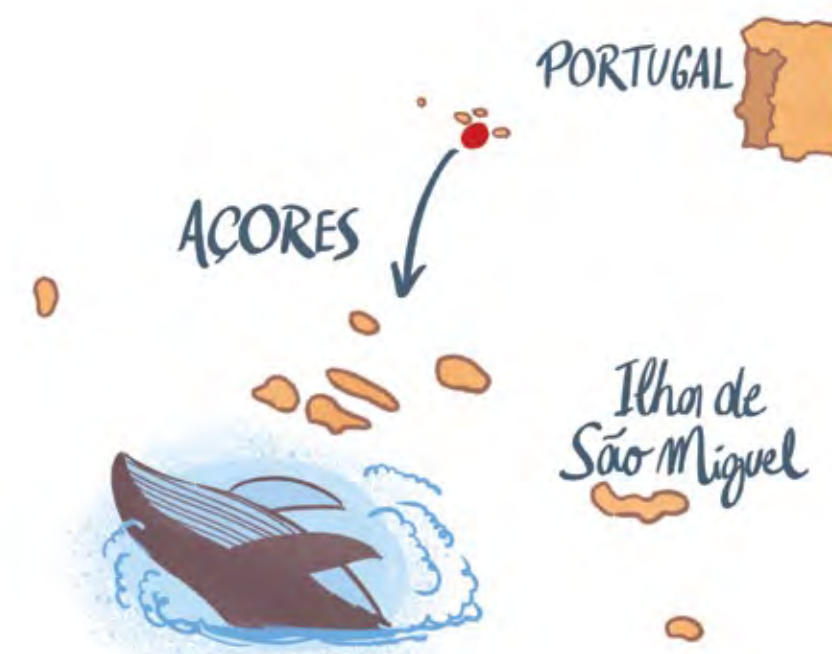
É daqui que os melhores mergulhadores do mundo saltam, realizando acrobacias até cair na água durante campeonatos como o Mundial de Red Bull Cliff Diving. A estrutura de salto não é aberta aos visitantes e somente um pequeno bar e café vende bebidas e

lanches por aqui, para manter a paisagem intocada.

Depois de uma tarde inteira na praia, foi difícil reunir forças e retornar ao hotel. Minha viagem continuaria no continente, com parada nas praias do Algarve e nas vinícolas seculares do Alentejo, mas já dava para sentir que as memórias das belezas naturais dos Açores já faziam parte de mim. O conceito *wellness* desse lugar especialíssimo não se limita aos tratamentos de spa e à boa alimentação. As paisagens que conquistaram desbravadores portugueses é que me trouxeram a sensação do que hoje chamo de bem-estar açoriano. 📍



Nesta página, piscina interna do Octant Furnas e salas de tratamentos do spa do Octant Ponta Delgada



Mais de um século de história

No mês que celebra o orgulho LGBTQ+, um giro pela trajetória de lutas, conquistas e desafios do movimento passa por grandes cidades, relembra os acontecimentos históricos e mapeia os melhores lugares gay-friendly para visitar

POR ANDRÉ FISCHER



O mundo já passou por muita coisa... Guerras, revoluções, epidemias e por aí vai. E uma das maiores transformações sociais ocorridas na história recente foi o movimento pela igualdade de direitos para as pessoas LGBTQ+. No Brasil e no mundo, essa luta teve (e ainda tem) muitos altos e baixos, mas é uma das maiores batalhas pela justiça social de todos os tempos.

Antes de seguirmos, vale um recado. Você já deve ter visto muitas versões da sigla usada para mencionar o grupo de pessoas gays, lésbicas, bissexuais, trans, travestis, não-binárias, queer, intersexo, assexuais, pansexuais, que vão de GLS a LGBTQIANP+, e outras que continuam surgindo quase todo dia. Vamos usar aqui a sigla LGBTQ+, alinhada ao entendimento da Parada do Orgulho LGBTQ+ de São Paulo, que propõe que, pelo menos por enquanto, o + agregado ao histórico LGBTQ contemple todas as possibilidades de identidade de gênero e orientação sexual. O objetivo é diminuir a necessidade de troca constante de sigla, que

na prática tem se constituído em uma dificuldade editorial, que inclusive dificulta a apreensão do significado da sigla para o grande público.

RESISTÊNCIA E LUTA

Pois bem, a história do movimento LGBTQ+ como conhecemos hoje tem suas raízes no final do século XIX e início do século XX, quando começou a surgir uma consciência crescente de que as pessoas LGBTQ+ eram vítimas de discriminação e preconceito. Berlim foi o primeiro lugar onde esse pensamento começa a se estruturar de forma consistente, graças ao trabalho do médico Magnus Hirschfeld, fundador, em 1897, do Comitê Científico-Humanitário e, em 1919, do Instituto de Pesquisa Sexual. As duas instituições ofereciam serviços médicos e educacionais para a comunidade e organizaram a luta contra o preconceito e pela descriminalização da homossexualidade na Alemanha. Até a ascensão do nazismo, em 1933, Berlim foi conhecida por sua cena noturna vibrante e diversificada, com clubes e bares que

atendiam à comunidade e uma pródiga produção artística que refletia temas relacionados à sexualidade e às identidades de gênero.

Em Paris, a vida LGBT+ floresceu nos anos 1920 e 30, quando a cidade atraiu artistas, escritores e intelectuais de todo o mundo. Embora as leis que criminalizavam a prática homossexual tenham sido revogadas em 1791, durante a Revolução Francesa, uma lei menos conhecida de atentado ao pudor, que frequentemente atingia a comunidade LGBT+, foi implementada em 1960 e só foi revogada duas décadas depois. Hoje Paris tem uma das cenas LGBT+ mais intensas do mundo.

Foi em Nova York, na noite de 28 de junho de 1969, que tudo começou a mudar, com a Revolta de Stonewall, um marco que impulsionou o movimento LGBT+ mundialmente. Na época, a homossexualidade ainda era considerada ilegal em quase todo os EUA e lugares gays, como o Stonewall Inn, no Greenwich Village, eram frequentemente alvo de batidas policiais. Naquela noite, a polícia invadiu o bar para, como sempre, achacar e prender pessoas que o frequentavam. Em vez de se dispersar, como normalmente acontecia, a multidão começou a resistir e confrontar os policiais. O fato repercutiu em todo o planeta e, a partir de então, começaram a surgir diversas organizações, grupos de ativismo e manifestações em defesa dos direitos LGBT+.

RECONHECIMENTO E CELEBRAÇÃO

Na comemoração do primeiro aniversário da Revolta de Stonewall, foi realizada a primeira Parada do Orgulho LGBT+, originalmente chamada de Christopher Street Liberation Day (Dia da Libertação da Christopher Street, rua onde fica o bar), que saiu do Christopher Park e subiu pela Sexta Avenida até o Central Park, ganhando uma imensa visibilidade. Por isso, o 28 de junho é atualmente celebrado em Paradas nas principais cidades do planeta e é conhecido como o Dia Mundial do Orgulho LGBT+.

No Christopher Park foi colocado um famoso conjunto de esculturas de George Segal, representando pessoas da comunidade da época, que é uma espécie de meca para turistas LGBT+: todo mundo precisa pelo menos uma vez na vida fazer reverência – e uma *selfie*.

O principal símbolo da comunidade, a bandeira do arco-íris, foi criada por Gilbert Baker para a Parada de San Francisco de 1978. A inspiração veio da canção *Over the Rainbow*, de Judy Garland, um ícone da comunidade gay e espécie de hino não oficial. As seis cores do arco-íris LGBT+ representam a diversidade das identidades e expressões de gênero dentro da comunidade.

A causa LGBT+ é uma das maiores batalhas pela justiça social da história



Acima, multidão celebra o orgulho na Parada LGBT+ de São Paulo. Na página ao lado, cenas das Paradas de Nova York, em 1980 e em 1971, em manifestação pelos direitos LGBT+.

CONQUISTAS NO BRASIL

No Brasil, o movimento LGBT+ começou a ganhar força nas décadas de 1970 e 80, com a criação dos primeiros grupos ativistas. O primeiro foi o Somos: Grupo de Afirmação Homossexual, em 1978, formado por artistas e jornalistas paulistas e cariocas (entre eles João Silvério Trevisan, Darcy Penteado, Agnaldo Silva e Jean-Claude Bernardet) a partir da publicação do jornal *O Lâmpião da Esquina*, seguido pelo Grupo Gay da Bahia, em 1980, a organização mais antiga ainda em atividade no Brasil. Na época, o contexto político era marcado pela ditadura militar e pela repressão aos movimentos sociais, o que tornava a luta pelos direitos LGBT+ ainda mais difícil.

Desde a redemocratização foi construído um longo caminho para o reconhecimento da cidadania plena no Brasil. Alguns dos passos mais marcantes dessa jornada foram a proibição da chamada “cura gay” pelo Conselho Federal de Psicologia, em 1999; a permissão do processo de redesignação sexual para mulheres trans pelo Conselho Federal de Medicina, em 2002, e, em 2010, para homens trans; o reconhecimento pelo Supremo Tribunal Federal, por unanimidade, da união estável entre casais de pessoas do mesmo sexo, em 2011; a aprovação pelo Conselho Nacional de Justiça de uma resolução que obriga os cartórios a realizar o casamento civil entre casais homoafetivos em 2013; o uso do nome social em órgãos públicos, em 2016; a autorização pelo STF para a mudança do nome de registro de pessoas trans, mesmo sem a necessidade de cirurgia de redesignação sexual, em 2018; e finalmente, em 2019, a tão aguardada criminalização da lgbt-fobia, equiparada ao crime de racismo.

As grandes cidades brasileiras têm animadas cenas LGBT+ e São Paulo e Rio costumam ser reconhecidas em publicações internacionais como algumas das melhores vidas noturnas para o público. Importante mencionar também as centenas de Paradas espalhadas



pelo país (a paulistana é a maior do mundo!) e o Festival MixBrasil, de longe, o maior evento cultural sobre a diversidade sexual na América Latina.

Mesmo com as tentativas nos últimos anos de implementar retrocessos sociais, o Brasil continua sendo um dos países mais avançados em termos de legislação em defesa dos direitos LGBTQ+. Apesar desses avanços, a luta pela igualdade de direitos ainda está longe de ser vencida. Ainda hoje as pessoas LGBTQ+ sofrem com a discriminação, a violência (o Brasil é o país que mais mata pessoas trans no mundo) e a exclusão social (na prática, muitos direitos não são reconhecidos no SUAS – Sistema Único de Assistência Social). Por isso o tema da 27ª Parada de São Paulo, realizada em junho de 2023, é “Queremos Políticas Sociais para LGBTQ+ por Inteiro e Não pela Metade”.

A luta pelos direitos não é apenas uma questão de justiça social. Também é uma questão de saúde pública. As pessoas LGBTQ+ enfrentam taxas de depressão, ansiedade, suicídio e outras condições de saúde mental muito maiores do que a média da sociedade. A discriminação e o preconceito limitam o acesso aos serviços de assistência social e saúde, sobretudo das pessoas trans, aumentando os riscos de doenças e problemas de saúde física e mental.

Ao redor do mundo, os direitos LGBTQ+ variam significativamente. Enquanto alguns países têm leis progressistas e proteções abrangentes, outros ainda negam direitos básicos e criminalizam a homossexualidade com castigos que vão desde a prisão até a pena de morte. Antes de viajar vale consultar a situação em cada país para evitar problemas. Eu, particularmente, evito visitar lugares onde minha integridade física e a de pessoas da minha comunidade estejam em risco.

Acima, Toronto está entre as cidades mais *gay-friendly* do mundo

CHELSEA,
MANCHESTER, UK, 1953.
EM MANCHESTER,
A DESCRIMINALIZAÇÃO
DA HOMOSSEXUALIDADE
ACONTECEU EM 1967.

BE UNQUIET SINCE EVER



Recriação feita com Inteligência Artificial de uma foto real feita em 1953.

UMA HOMENAGEM DA UNQUIET ÀS PESSOAS QUE NUNCA DEIXARAM DE SER INQUIETAS E LUTARAM PELOS SEUS DIREITOS E PELA LIBERDADE DE AMAR.

PROUDLY UNQUIET

Conheça o Guia de
Destinos Proudly UNQUIET:





ANTES DE VIAJAR, VALE SABER

Países como Canadá, Holanda, Suécia, Dinamarca, Islândia, Espanha, Portugal, Argentina, Uruguai e África do Sul são campeões em direitos igualitários, políticas antidiscriminatórias e leis de proteção a identidades de gênero. Outros, como Taiwan, México, Colômbia, Chile e Malta, têm avançado significativamente na promoção de direitos a pessoas LGBTQ+. No entanto estão indo na direção contrária Polônia, Hungria, Turquia e Rússia, onde, embora a homossexualidade não seja formalmente criminalizada, a comunidade enfrenta desafios significativos, com recentes implementações de políticas abertamente anti-LGBT por seus governos autoritários.

Entre os países que apresentam os maiores riscos para turistas e comunidade LGBTQ+ estão Uganda, Nigéria, Tanzânia, Sudão, Gâmbia, Irã, Arábia Saudita e Iêmen, devido a criminalização da homossexualidade, falta de proteção legal, discriminação generalizada e violência.

AMOR É AMOR

É preciso continuar lutando para que todas as pessoas tenham os mesmos direitos e oportunidades em todo o mundo, independentemente de sua orientação sexual ou identidade de gênero. O movimento LGBTQ+ é um exemplo de resistência e perseverança. A luta pela igualdade de direitos deve ser uma luta de todos e uma batalha pela justiça social e pelo respeito à dignidade humana. Afinal, amor é amor. 📍

Acima, Cape Town é sinônimo de diversidade

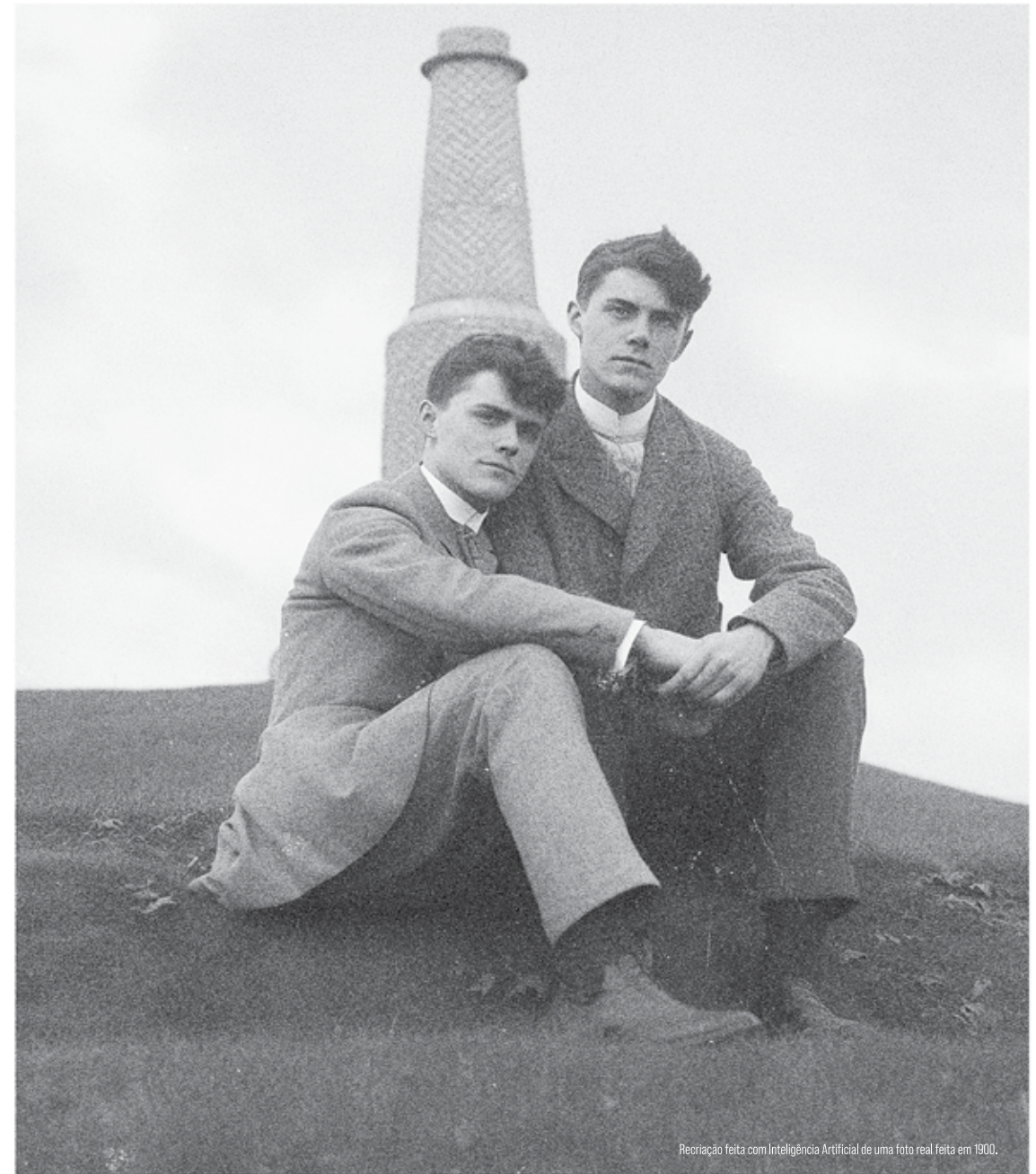
BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET



Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou revistaunquiet.com.br

CLEVELAND, OHIO, EUA, 1900.
NO ESTADO DE OHIO,
AS PESSOAS LGBTQIA+
SÓ PASSARAM A TER
DIREITOS A MANIFESTAÇÕES
PÚBLICAS DE AFETO EM 1974.

BE UNQUIET SINCE EVER



Recriação feita com Inteligência Artificial de uma foto real feita em 1900.

UMA HOMENAGEM AOS QUE SEMPRE FORAM INQUIETOS E ROMPERAM BARREIRAS ACREDITAM. LUTANDO PELO QUE

PROUDLY UNQUIET

Conheça o Guia de Destinos Proudly UNQUIET:





ENSAIO

O chamado da Floresta

Em centenas de incursões à floresta, que considera como sua segunda casa, Renato Soares registra a vida indígena e sua cultura







Uma inquietude, como uma voz que sussurrasse em seu ouvido, tocou a juventude de Renato Soares. Sem saber bem ao certo por que, o garoto, nascido na pacata Carmo de Rio Claro, em Minas Gerais, cismava em olhar para longe. Vivía de música e de sonhos, sem saber com o que exatamente sonhava. Foi aos 16 anos que resolveu: “Preciso conhecer a floresta”. A decisão definiria o curso de sua vida.

Em sua primeira viagem à Amazônia, na década de 1980, ele descobriu sua vocação e encontrou o sonho que tanto buscava. O encontro com grupos indígenas seria, a partir de então, o mote de sua vida e de seu trabalho. Renato começou a fotografar, registrando o dia a dia e a cultura dos povos originários, que, a cada nova incursão pela floresta, o encantavam mais e mais. “Quando entro em contato com uma tribo indígena, sinto como se um portal me transportasse para um passado remoto, um universo original e puro”, explica ele, que nos últimos 40 anos fez centenas de viagens a diversas regiões brasileiras, vivendo por longos períodos nas aldeias.

Autodidata, o fotógrafo teve no sertanista Orlando Villas-Boas um amigo e incentivador. Com seu trabalho, e a anuência dos indígenas, ele fotografa e reverte parte da renda para a sobrevivência das comunidades. “Tenho parcerias com diversos grupos. Minhas primeiras imagens foram utilizadas em livros didáticos, o que gerou um grande impacto positivo para a aldeia, e foram se disseminando por outros grupos”, conta ele, que tem mais de 500 mil imagens registradas, incluindo colaborações para revistas como *National Geographic* e *Scientific American*.

Além de valorizar, dar visibilidade e gerar renda para os povos originários, o trabalho de Soares reflete a riqueza e a diversidade da cultura indígena brasileira, com mais de 305 etnias e 274 línguas catalogadas. “Temos muito o que aprender com eles. Os índios não cultuam o acúmulo de riqueza. O que realmente tem valor para eles são suas crianças, seus idosos e o conceito de família. Eles são livres de pensamentos mesquinhos e valorizam a liberdade”, afirma o fotógrafo, que está prestes a lançar a coleção de livros *Povos Originários*, pela Editora Afluente, com cinco títulos previstos na primeira fase. 📍



GASTRONOMIA

SABORES BELGAS

Com uma cozinha original restrita, mas cheia de personalidade, a Bélgica é palco de um roteiro gastronômico que desbrava suas mais tradicionais receitas e visita mosteiros e abadias seculares, em busca das cervejas trapistas mais aclamadas do mundo

POR MARI SILVANI



Acima, os chocolates belgas estão entre os tesouros de qualquer roteiro gastronômico pelo país. Na página ao lado, a Grand Place, no centro de Bruxelas

VAMOS AO CHOCOLATE

Se você achava que os melhores chocolates do mundo estavam na Suíça, vale saber que a Bélgica é considerada a capital mundial do acepipe. *Oui*, foram os belgas que inventaram os bombons recheados e o chocolate branco. Mas o que diferencia mesmo todos eles é o sabor, um segredo que vem da alta qualidade da produção e dos ingredientes. São verdadeiros pedacinhos de paraíso que se evaporam na língua, deixando aquela marca no paladar. Para conhecer essas nuances, é preciso fazer o “enorme sacrifício” de provar diversos tipos, incluindo o chocolate artesanal de Pierre Marcolini e de marcas consagradas, como Godiva, Neuhaus, Galler e outras.

TRADIÇÃO CROCANTE

É difícil deixar de lado o chocolate belga. Só mesmo com a desculpa de provar outra delícia típica, o mundialmente conhecido Brussels Waffle, o doce mais tradicional da gastronomia belga – mais até do que o chocolate, pasmem. De formato retangular, as massas tostadas são mais leves e menos doces do que aquelas com que estamos habituados. Servido quente, o *waffle* pode vir polvilhado com açúcar e canela e acompanhado com chantilly, chocolate ou frutas. Em Bruxelas, experimente os *waffles* da Maison Dandoy Sablon, na Rue Rollbeek, onde os locais costumam comprar os seus. Em Bruges, siga até o Grote Market, no coração da cidade, e se delicie com a maravilha nas docerias em torno da praça. O Chez Albert, o I love Waffles e a House of Waffles estão entre os melhores dessa cidade medieval.

CERVEJA COM SELO

Findo o festival gastronômico que é esse pequeno notável país, é hora de falar do grande patrimônio nacional belga, um tesouro capaz de se harmonizar com todas as delícias acima: as verdadeiras e únicas cervejas trapistas. Isso porque, embora todas as cervejas belgas sejam celebradas e afamadas, as trapistas são alçadas a outra categoria. É preciso seguir rigorosos critérios e padrões para ostentar o selo da International Trappist Association: 1) a cerveja deve ser fabricada dentro dos muros de um mosteiro trapista, pelos próprios monges ou sob sua supervisão, 2) a cervejaria tem que ter uma importância secundária no mosteiro e deve seguir práticas adequadas ao modo de vida monástico, 3) a cervejaria não se destina ao lucro e a renda deve cobrir o custo de vida dos monges e a manutenção da propriedade e 4) as cervejarias trapistas devem ser constantemente monitoradas para garantir a qualidade irrepreensível de suas cervejas.

A andar pelas ruas de Bruxelas é quase um desafio. Das portinhas e janelas dos mais variados estabelecimentos, exalam aromas sedutores. Notas de chocolate confundem o estômago: é fome ou desejo? Tanto faz, pois qualquer motivo é bom para provar o legítimo bombom belga. Um pouco mais à frente, *waffles* dourados recém-preparados convidam a outra beliscada pelo caminho. Os “obstáculos” também chegam em forma de crocantíssimas batatas fritas, que, quando combinadas às encorpadas cervejas nacionais, se tornam ainda mais irresistíveis.

Uma vez na discreta (e quase tímida) Bélgica, unir a gastronomia ao bom copo é missão (deliciosamente) compulsória, ainda mais diante dos Big 4 do país – chocolate, *waffle*, batata frita e cerveja, as maravilhas da cozinha belga –, atrações gastronômicas cuja alcunha faz referência aos Big 5 da África.

A ORIGINAL

Não é preciso de muito tempo para perceber que a batatinha frita é o símbolo nacional. E que batatinhas... Nos carrinhos, nas esquinas e praças de Bruxelas, nos charmosos bistrôs de Bruges ou nos bares das pequenas cidades do interior, uma coisa é certa: elas serão sempre deliciosas. Como conseguem que elas fiquem sempre tão douradas e crocantes por fora e macias por dentro? Melhor continuar comendo e nem perguntar, pois ninguém revelará o segredo mesmo. Para começar um tour de batatinhas sem erro, chegando a Bruxelas, peça logo um cone na Fritland, pertinho da Grand Place, e comprove a delícia ali mesmo, de preferência numa das mesinhas ao ar livre para apreciar o movimento da cidade. Experimente também as da tradicionalíssima Maison Antoine, que funciona desde 1948 e é conhecida por servir as melhores batatas fritas do mundo.

Já que o assunto é batatinha, peço licença para outra delícia tipicamente belga, talvez o maior entre os símbolos da gastronomia do país, o *moules et frites*. Trata-se da combinação perfeita de mexilhões, sempre muito frescos, servidos em um molho cremoso magnífico, à base de manteiga, com as onipresentes fritas belgas.



FOTOS THAIS TAVERNA E ISTOCK



A sistemática lista de exigências autoriza apenas 11 mosteiros trapistas no mundo a marcar suas cervejas com o selo de autenticidade trapista. Seis deles estão na Bélgica, dois na Holanda, um na Áustria, um nos Estados Unidos, um na Itália e um na Inglaterra. A origem do nome não tem nada a ver com monges que renunciaram às roupas e andavam aos trapos. O termo “trapista” deriva do mosteiro da Abadia de La Trappe, na França, que em 1685 já possuía a sua cervejaria. A Revolução Francesa e o anticlericalismo do período forçaram o êxodo desses monges para a Holanda e a Bélgica, onde a maioria se estabeleceu.

Na Idade Média, a cerveja era tomada como remédio e prevenção. A água era de má qualidade e

muitas vezes contaminada. Os monges descobriram que a cerveja ajudava a evitar infecções e seus ingredientes faziam dela uma poderosa fonte de vitaminas. Ao longo dos séculos, a qualidade da água melhorou, mas a fabricação de cerveja e o consumo não diminuíram. Pelo contrário.

O ROTEIRO TRAPISTA

Ao embarcar rumo à exploração das cervejarias trapistas, é possível esperar mais do que sabores marcantes. Prepare-se para uma viagem cheia de histórias, cenários magníficos e sensações inesquecíveis. A maioria dos mosteiros fica em áreas rurais isoladas, lugares que são o sinônimo de paisagens maravilhosas para percorrer de carro e bike.

A primeira parada é La Trappe. A abadia está em território holandês, na cidade de Tilburg, a um passo da fronteira com a Bélgica. Logo na entrada, aprendemos o lema do mosteiro: “Prove o silêncio”. Ali vivem, oram e trabalham monges desde 1625. A programação deve incluir uma visita às dependências internas da propriedade e a degustação, uma experiência de raros sabores, acompanhada de conversas inesquecíveis com os monges. No restaurante do mosteiro, o cardápio é tentador. E somente ali, na sua parte interna ou no jardim a céu aberto, você terá a oportunidade de provar cervejas raríssimas e, se der sorte, a sazonal Bockbier (7%), a única trapista do tipo no mundo.

Seguindo adiante, cerca de 50 km separam La Tra-



Acima, a linda e preservada cervejaria da Abadia de Chimay. Na página ao lado, a variedade de cervejas em um empório em Bruges e uma das especialidade locais, o *Moules et Frites*

ppe da Abadia de Saint Benedict, a morada da discreta Achel. Parte do terreno está na Bélgica, parte na Holanda. É preciso ter em mente que algumas das cervejarias trapistas optam pela discrição, por produção e distribuição restritas e nada de visitas ao interior das fábricas. É o caso da pequena Achel, a menor das trapistas certificadas. As restrições não fazem perder a viagem, pois dá para ver o interior da fábrica por um janelão de vidro na taverna, onde são vendidos as diferentes versões da Achel e os deliciosos produtos da casa.

DIAMANTE LÍQUIDO

A viagem continua rumo a Antuérpia, mais especificamente Westmalle. A apenas 30 minutos do centro da “cidade dos diamantes”, em um trecho percorrido entre vilarejos coloridos e estradas verdejantes, avistamos a abadia, cercada por grandes árvores, que formam uma alameda, ideal para passeios de bike e a pé. Margeando a propriedade, um rio de águas cristalinas corre devagar, como o tempo que se passa por ali. Uma vez no lugar, inicie os trabalhos no Café Trappisten, bem em frente da abadia, degustando a Westmalle Extra, que só é acessível de duas maneiras: sendo um monge de Westmalle ou pedindo ali, no café. Cerveja do estilo Single, ela é produzida apenas duas vezes ao ano, para o consumo dentro do monastério. Desfrute lentamente esse privilégio e reserve lugar para o al-

moço, servido ali e que confirma o ditado popular: “A comida belga é servida na quantidade da culinária alemã, com a qualidade da comida francesa”. Antes de deixar Antuérpia, faça mais uma incursão local, dessa vez para provar uma trapista legítima no pessoalíssimo bar De Kulminator, um lugar especial, com uma decoração cheia de personalidade.

A próxima parada é a linda cidade de Bruges, cuja combinação de história, arquitetura e gastronomia salta aos olhos, como um lugar saído de um conto de fadas. Embarque em passeios pelos canais, ladeados por casas coloridas e floridas. Caminhe por ruazinhas tortuosas de pedras. Sinta no ar o delicioso aroma de chocolate e sorria: você está em Bruges. Como se isso não fosse o suficiente, a cidade medieval é o endereço de uma das mais famosas cervejarias trapistas do roteiro. Criada há mais de 500 anos, a cervejaria Halve Mann está localizada no centro de Bruges – um fato interessante é que, para ligar a cervejaria a sua engarrafadora, a 3,2 km de distância, foram criados dutos subterrâneos. Tudo para evitar a circulação de caminhões pelas ruelas da cidade, que é um Patrimônio Mundial da Unesco. É mesmo de se admirar, não é? Tome uma cerveja ou um vinho se estiver com saudade, perca-se por ruazinhas repletas de lojas de chocolates, atravesse a pracinha principal e encontre pratos deliciosos nos diversos bistrôs.



FOTOS THAIS TAVERNA E ISTOCK

A MELHOR DO MUNDO

Saindo de Bruges, é preciso dirigir outros 70 km por uma estrada bonita e bem sinalizada para conhecer aquela que é reconhecida como a melhor cerveja do mundo. Produzida na Abadia de Saint Sixtus, a Westvleteren 12 tem aroma generoso e sabor complexo. Trata-se de uma cerveja extremamente equilibrada, escura, encorpada, com uma espuma densa e persistente. Mas é melhor provar, mais do que tentar descrever. A Westvleteren 12 é um ícone, um objeto de desejo da maioria dos apaixonados pela bebida, que se tornou lenda quando o site especializado Ratebeer a classificou como “a melhor cerveja do mundo”. A dificuldade de conseguir uma garrafa e, claro, seu alto custo lhe renderam o apelido de “ouro líquido”. Para comprar um exemplar no mosteiro, é preciso fazer um pedido antecipado pelo site, com hora marcada para a retirada na entrada do café e restaurante da abadia, o In De Vrede. Uma vez ali, vale se sentar nas mesas do jardim e apreciar a paisagem e as cervejas. Para acompanhar, peça os queijos e patês da casa. De volta ao percurso, Poperinge, a capital do lúpulo, vai surpreender. Se você nunca viu uma plantação do ingrediente que é base da cerveja, vai se extasiar com a visão da cervejaria St. Bernardus. Mesmo não sendo uma trapista, o moderno museu oferece, no *rooftop*, um bar e um restaurante com uma vista magnífica da plantação. O lúpulo é uma planta rasteira, que, para facilitar a colheita, tem as ramas suspensas por cabos, que conferem a elas o formato de árvore.

CERVEJA E MÚSICA

Entre os *spots* mais belos da viagem, Dinant, que fica a 100 km de Bruxelas, na divisa com a França, está às margens do Rio Mosa, na encosta de um enorme penhasco. Uma espécie de pórtico, formado por um ras-

go entre dois paredões de pedra, dará as boas-vindas. Dinant parece ter sido desenhada, com seu colorido casario, a igreja encostada na rocha e a cidadela no topo. A paisagem é simplesmente deslumbrante. Vale conhecer o forte no alto do rochedo e atentar para uma curiosidade: foi ali que nasceu Adolphe Sax, o inventor do saxofone. Há um museu dedicado a ele, que já atraiu grandes músicos, como John Coltrane. Na Rue Adolphe Sax, fica o Chez Bouboule, um dos restaurantes onde você pode saborear um inesquecível *moules et frites*.

Depois de jantar ao som de Dexter Gordon, Bobby Keys, Charlie Parker, Sonny Rollins e Stan Getz, é hora de seguir viagem para Chimay, onde, em 1850, os monges fundaram o Mosteiro de Notre-Dame de Scourmont, que produz essa famosa cerveja trapista. Uma das cervejarias mais bonitas e preservadas, a Abadia de Chimay produz também um queijo para lá de especial, feito com o leite da fazenda, refinado nas caves abobadadas do edifício.

RESISTÊNCIA E LÚPULO

Ali mesmo, nos arredores dessa linda região, Rochefort guarda uma das grandes joias do roteiro, o Monastério de Saint Remy, onde a abadia, fundada em 1229 por um grupo de freiras (que ali permaneceram por dois séculos), segue como uma atração impressionante. Antigos documentos mostram que a abadia já produzia sua cerveja em 1595, à época sob

o comando de monges cistercienses, e cultivava seus próprios lúpulo e cevada. A produção foi interrompida várias vezes, e a última delas durante a Primeira Grande Guerra Mundial, quando tropas alemãs usaram o metal para a produção de material bélico. Em 1920, a Rochefort voltou a produzir, relançando a famosa Tripel Extra. Na tampa da garrafa, é possível ver o lema da abadia, *Curvata Resurgo* (renascimento ascendente), para mostrar que, a cada “queda” sofrida ao longo do tempo, sempre houve – e haverá – um ressurgimento, ainda mais alto e forte.

A próxima parada é Orval, um belíssimo complexo arquitetônico com ruínas, museu e, claro, cerveja. Trata-se de outra história de superação, já que em 1793 um grande incêndio destruiu a Abadia de Notre-Dame d’Orval. Somente em 1931 o santuário foi reconstruído, preservando as ruínas das antigas instalações. O novo espaço foi projetado por Henry Vaes, que também projetou o exclusivo copo da cerveja Orval. Diferentemente de todas as demais cervejarias trapistas, a Orval produz apenas um único tipo de cerveja, um clássico mundial, com graduação alcoólica de 6,2. A cerveja Orval, vendida na abadia ou no café local, é amadurecida por seis meses. Tal qual um vinho, na garrafa, seu sabor pode evoluir com o envelhecimento, ao longo dos anos.

As trapistas são, afinal, cervejas nobres, que merecem rituais, muitos brindes e uma viagem pela Bélgica todinha dedicada a elas. *Santé!* 📍



A exploração das cervejarias trapistas envolve história e cenários de tirar o fôlego

Na página ao lado, as ruínas da Abadia de Notre-Dame d’Orval e o famoso queijo produzido pela Chimay



BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET

Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou revistaunquiet.com.br



A herd of antelope, possibly reedbuck, is captured in motion, running through a wet, grassy field. The animals are splashing water as they move, creating a dynamic and energetic scene. The background is a vast, open landscape with tall grass and patches of water, reflecting the sky. The overall tone is natural and adventurous.

AVENTURA

O CICLO DA VIDA

A experiência de conhecer Botsuana em seu aspecto mais selvagem é enriquecida pela hospedagem em três lodges do grupo Wilderness, que se encarrega de fazer de cada hóspede um espectador da natureza pura e imponente das savanas e proporcionar memórias eternas

POR LEILANE NEUBARTH

V

ida. Essa é a palavra que me vem à mente, ao coração e à alma depois dos dias magníficos que passei em Botsuana. Pode parecer curioso sentir a vida de forma tão intensa numa terra em que a morte é um evento natural, corriqueiro e cotidiano.

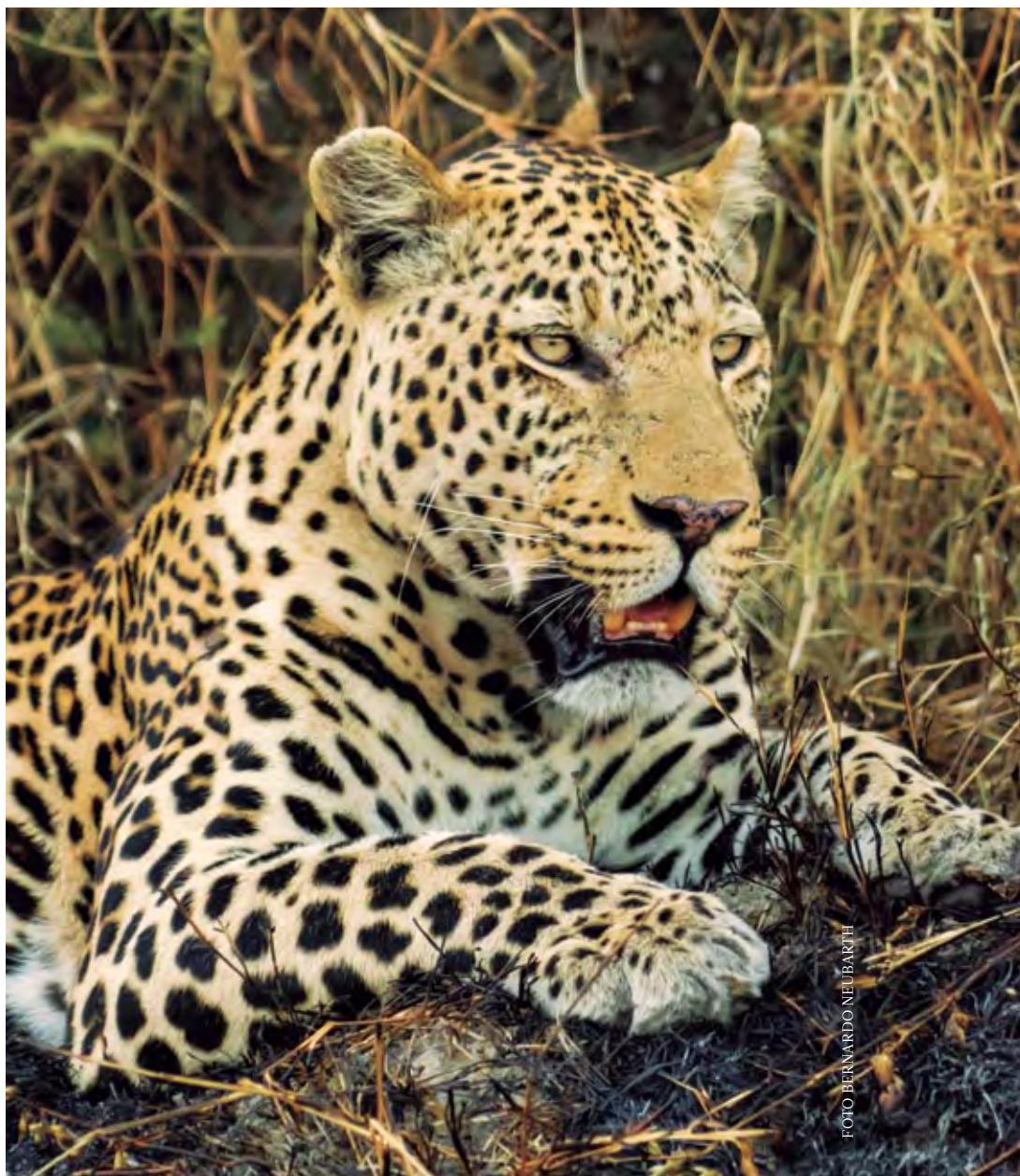
Aqui prevalece a lei da natureza.

Nesse pedaço do planeta, a cada minuto a vida pulsa intensamente, mostrando sua beleza, sua força, suas cores, seus cheiros e até mesmo seu lado brutal, que nada mais é do que seu próprio ciclo infinito: criação, desenvolvimento e finitude.

Minha primeira parada no país, que fica na África Austral, tem as áreas selvagens mais isoladas do continente e está entre os menos povoados do mundo, foi o lodge Wilderness Jao Camp. Esse era o primeiro entre os três *lodges* programados para a jornada, além do Wilderness Mombo e do Wilderness DumaTau, que completariam a tríade africana.

O PODER DA ÁGUA

É possível sentir a vida pulsando no instante que nos aproximamos do Jao Camp, que fica no coração do Delta do Okavango, o maior delta interior do planeta e Patrimônio Natural da Unesco. A região é formada por rios, canais, lagos, pântanos e ilhas, uma terra banhada pela água, a fonte da vida, que vibra na região, e a responsável pelo ciclo e pelas migrações dos animais.



Acima, um leopardo, um dos Big Five da savana africana. Na página ao lado, hóspedes observam uma manada de búfalos do jipe da Wilderness



Aqui a água não corre para o mar. Toda a água que atinge o delta “vive e morre” aqui. Isso porque ela nasce, transpira e evapora a partir das chuvas torrenciais, do calor e das leis naturais que regem todo esse ambiente extraordinário.

Chegamos ao Jao Camp numa época mágica. A água, trazida pela chuva ao norte, em Angola, tinha chegado dois dias antes. Tudo é alegria nesse período. Pessoas e animais em festa.

Vale saber que o Jao Camp, muito mais do que turismo, proporciona preservação e consciência a todos que o visitam e também aos moradores das tribos da região. Esse círculo virtuoso da sustentabilidade, o pilar fundamental da Wilderness (wildernessdestinations.com), se dá por meio de projetos ambientais e sociais promovidos pelo grupo, que é a maior empresa de conservação do mundo.

O hotel é um oásis de requinte, beleza, conforto e modernidade, num ambiente em que fica claro que a presença do homem é um privilégio, pois essa é a terra das águas, das plantas, dos pássaros e, principalmente, dos animais.

Com uma arquitetura premiada e fantástica, o Jao Camp se integra à paisagem de forma quase simbiótica. Concebido pouco antes da pandemia de covid-19, o *lodge* usa materiais reciclados em sua estrutura, o que o aproxima ainda mais da savana que o cerca.

O conceito é tão moderno e elegante que é preciso ver de perto para entender como foi concebida

toda a exuberância do espaço, que conta com um gigantesco pé-direito, o que torna os ambientes sempre frescos e belos.

Além da grande área principal, onde são servidas as refeições (deliciosas e muito bem apresentadas), o Jao Camp tem uma biblioteca, com um imponente e autêntico esqueleto de girafa, que associa toda a atmosfera do safári ao conhecimento que se pode adquirir nos livros ali oferecidos.

Cada uma das cinco suítes e duas vilas privativas para famílias tem sua própria estrutura independente, com piscina e todas as facilidades que um hotel cinco estrelas pode oferecer, num ambiente de luxo e extremo bom gosto.

A ROTINA DA SAVANA

Mas vamos ao que interessa. Vamos ao que nos trouxe a Botsuana: a vida selvagem!

Nessa região, ela é extraordinariamente abundante. Como em todos os *lodges*, as atividades são regidas pelo horário da natureza.

O dia começa bem cedo, pouco depois das 5 da manhã, antes de o Sol raiar. Depois de um farto café da manhã (para quem não tem fome, como eu, o hotel oferece lanches, que você pode levar no safári), partimos com o coração aos pulos, sempre na expectativa sobre o que o dia nos reservava.

Um bom safári exige, além de uma terra rica em vida, um pouco de sorte e muita experiência dos guias. Os guias da Wilderness são, em geral, nasci-

dos e criados em tribos próximas. Em outras palavras, eles conhecem a terra, a vida e os hábitos dos animais profundamente.

Em Jao, vimos cachorros-selvagens em ação, caçando um pequeno antílope. A velocidade e a tática de caça desses animais impressiona. Eles trabalham em conjunto, cercando a presa sem que ela tenha chance de escapar. Caçam pela manhã bem cedinho, sempre em bandos de quatro a seis, e são maiores e mais imponentes do que eu imaginava. A caça, uma vez abatida, é imediatamente esfaqueada e dividida pelo grupo, de machos e fêmeas.

O mais estarrecedor ao presenciar uma cena dessas não é a morte da presa, já que nesse ambiente ela é apenas a refeição que permite a sobrevivência do caçador.

O que chama a atenção aos nossos olhos e ouvidos, pouco habituados a essa luta por comida, é a rapidez com que tudo acontece e o estalar dos ossos sendo devorados pelos cães. Em questão de minutos, do pequeno animal, que saltava na pradaria verde instantes antes, só resta a lembrança. Carne, pele e ossos... Tudo foi transformado em sobrevivência pela vida dos cães-selvagens.

Nossos momentos em Jao ainda nos reservaram a plácida e elegante visão de grupos de girafas, os mergulhos dos reservados, porém ferozes, hipopótamos, muitas águias e pássaros e os sempre numerosos antílopes.

Os dias em Jao nos permitiram também acompanhar uma manada de elefantes e zebras se dirigindo para beber água em um lago recém-formado.

São infinitas as maravilhas na savana. As zebras são de uma beleza ímpar, desenhadas por um divino e criativo artista plástico. Mas os elefantes... Ah, os elefantes, admito, são a minha paixão. Como é maravilhoso observar essas reuniões de família, em que esses majestosos gigantes se comportam de forma quase humana, protegendo as crias e se divertindo na água do Okavango.

Para coroar nossa passagem pelo Jao Camp, encontramos uma “rainha”: uma leoa cuidando de duas crias. Eram dois filhotes de aproximadamente 6 meses. A mãe estava tranquila, em momento algum se mostrou preocupada ou incomodada com a nossa presença no jipe. Mas o tempo todo a rainha esteve atenta aos movimentos de uma hiena que rondava por ali. Acompanhamos seu cuidado e carinho com os bebês e sua patrulha na savana para se certificar de que a vida dos pequenos estava protegida.

Uma das sensações que percebo é de que a vida na savana africana, mesmo para os grandes mamíferos, está sempre por um fio. Partimos, deixando a família bem. A hiena tinha decidido ir embora.



São infinitas as maravilhas da savana. Silêncios, cores e imagens que ficarão para sempre dentro de mim

Acima, passeio de *mokoro*, uma canoa típica local, promovido pelo Jao Camp. Na página ao lado, um grupo de hipopótamos se banha em uma das lagoas formadas pelas planícies alagadas



HIPOPÓTAMOS: OS DONOS DA ÁGUA

Nesse ambiente de água abundante, uma das atividades que você só encontra em Jao é o *mokoro*, um passeio de canoa entre canais e lagoas. Trata-se de uma canoa fina, que exige muito equilíbrio. Qualquer movimento brusco pode fazê-la virar e o tripulante cair na água.

Nosso maravilhoso guia, Gift (que privilégio um guia com esse nome!), explicou tudo o que poderíamos ou não realizar no passeio. O silêncio, a placidez da água, os aromas daquele momento vão estar para sempre na minha memória. Tudo corria em paz, quando Gift nos explicou que teríamos que mudar os planos: dois grandes hipopótamos, que não foram convidados para o *mokoro*, tinham resolvido se banhar justo naquelas águas. Os hipopótamos são os animais mais temidos pelos africanos.

Eles são muito territorialistas e perigosos. Apesar de se alimentarem apenas de vegetação, atacam os humanos para matar assim que sentem que seu território aquático está sendo invadido. Apesar da tensão, com destreza e rapidez, Gift deu meia-volta na pequena canoa. Nesse momento, confes-

so, eu mal respirava. Todos os guias são treinados e experientes para intercorrências de qualquer natureza. A ideia é que os hóspedes interajam com a natureza sem nenhum impacto, mas com toda a segurança, e os guias nos ajudam a sentir muito seguros quanto a isso.

TERRA DA FARTURA

O Sol já ia alto quando levantamos voo, deixando para trás toda a beleza da região de Jao. Um voo rápido, de 15 minutos, nos levou ao nosso novo destino, o Wilderness Mombo Camp, um dos mais cobiçados em Botsuana. Logo percebi por quê: ao pousarmos em Mombo, senti mais uma vez que a palavra “vida” era mais forte e poderosa do que qualquer outra.

Vale saber que o Mombo Camp é um lugar muito especial, mas é bem diferente de Jao. Trata-se de uma faixa de terra seca, rodeada de grandes áreas alagadas.

Justamente por ser mais seca, a região de Mombo tem como característica ser uma área preferida pelos grandes mamíferos predadores. Eles não gostam de áreas inundadas, nas quais precisam se molhar para caçar. Aqui basta que esperem até a presa vir beber água.

O majestoso baobá Bob, na região de Mombo, tem 1,2 mil anos. Na página ao lado, uma família de girafas cruza a savana em busca de água

FOTO BERNARDO NEUBARTH



O Mombo Camp é a “terra da fartura” e perceberemos rapidamente. Logo no primeiro safári, lá estavam eles, majestosos, tranquilos, seguros de sua potência. Encontramos primeiro um leopardo macho, um dos Big Five, e depois acompanhamos um cheetah macho, que circulava por uma área, marcando o território com sua urina. Esses animais precisam de grandes espaços. Em Mombo, eles se sentem confortáveis, percorrem extensas áreas e deixam suas marcas. Uma forma de dizer aos outros felinos: “Essa área é minha”.

As extensas savanas de Mombo são perfeitas também para abrigar imensas manadas de búfalos, outro dos Big Five da África. Esses animais têm cara de poucos amigos e, se confrontados, enfrentam até mesmo leões, os predadores mais mortais. Em geral, andam em grandes grupos como uma forma de proteger os búfalos jovens, os doentes e os mais velhos.

Voltar para o lodge depois dos safáris é sempre uma festa. Somos recebidos com muitos sorrisos, carinho e alegria pela equipe, que na chegada oferece uma toalha fresquinha, úmida e cheirosa. No calor da África, esse gesto simples tem um valor inestimável.

Entrar na suíte do Mombo Camp é como entrar numa máquina do tempo e voltar ao início do século XX. Toda a decoração nos remete aos safáris do princípio do século passado. Sofás e cama de couro, espelhos de cristal, uma grande banheira antiga de

bronze e latão, chuveiro, as torneiras e ferragens fazem a gente sentir como vivia a aristocracia inglesa dessa época. Mas não se engane, pois nesse clima total de *Out of África* (se você não viu esse filme, corra agora para assistir e volte depois para continuar lendo), o hotel oferece o luxo e as comodidades da vida moderna, e a tecnologia do século XXI.

Outra coisa muito positiva, e que nos traz a sensação de pertencimento, é que cada hóspede *Wilderness* ajuda a proteger os lugares selvagens que visita: 12% do valor de todas as reservas é destinado a conservar e proteger essas áreas. A *Wilderness* financia e apoia vários projetos de proteção da vida animal, como elefantes, leões e cães-selvagens. Mais de 90% de suas equipes vêm de comunidades adjacentes. Tudo para retribuir à terra o que ela oferece e garantir um futuro mais verde e próspero.

VIDA SELVAGEM NUA E CRUA

Foi em Mombo que vi os mais extraordinários baobás, a árvore sagrada da África, que me emocionam desde que eu era criança, quando li pela primeira vez *O Pequeno Príncipe*.

Aqui eles são tão especiais a ponto de receber nomes. Meu preferido foi o Bob, um majestoso espécime, que tem suas raízes fincadas nesse solo há mais de 1,2 mil anos.

Também em Mombo, vivemos outra experiência



de tirar o fôlego. Seguindo as trilhas de patas marcadas na areia, nosso incansável guia, Olie, buscava os leões. Eles continuavam lá, preguiçosamente deitados no mesmo arbusto.

A paz e a preguiça que eles emanam assim, deitados na sombra, fazem com tenhamos vontade de nos deitar ao lado deles. Estar tão perto desses felinos magníficos, sem que se incomodem com a nossa presença, me deu a sensação de que o safári é, sem dúvida, o mais próximo que podemos estar do paraíso.

Nesse paraíso, em que podemos sentir como nossos ancestrais viviam. Aqui, a qualquer momento, a vida vira a morte, morte essa que se transforma em vida para os animais que dependem dela para continuar vivendo.

Nesse paraíso, o que me dói não é a morte – que é parte da vida. O que esmigalha meu coração é ver a dor em alguns animais. Presenciei uma girafa fêmea observando, a pouca distância, uma hiena devorando um bebê girafa morto. Posso garantir: ela tinha no olhar uma dor ainda mais profunda que a minha diante daquela cena.

Mas, se a morte é o cotidiano, a vida é o que garante a eternidade. Nosso último dia em Mombo foi mágico! Nosso guia, mais uma vez ele – sempre experiente e atento –, nos levou a um ponto da savana onde a vida estava brotando. Presenciamos um momento raro: a chegada da preciosa água, que vinha de Angola e transformava ali, diante de nossos olhos, toda a secura em vida. Compartilhamos a alegria dele e nos emocionamos ao ver aquele pequeno filete de água escorrendo sobre a terra ressecada. Era a primeira água em Mombo em 2023.

Os animais em bando – girafas, zebras, antílopes, marabus – já estavam lá, reunidos em perfeita harmonia, celebrando. Era a vida chegando à Terra da Fartura!

Para comemorar, a equipe do Mombo Camp preparou uma festa no meio da savana. Todos os hóspedes e guias reunidos, compartilhando as experiências vividas naquele dia. A celebração aconteceu sob um céu magnificamente estrelado, com drinques e muitas comidinhas, numa mesa linda, muito bem-posta, entre conversas em várias línguas, com pessoas de todas as partes do mundo. Antes de encerrar, erguemos um brinde fi-

Acima, uma matilha dos cães-selvagens, que sempre andam – e caçam – em grupo, avistados durante safári em Jao. Na página ao lado, a grandiosidade e doçura de uma família de elefantes se banhando no Rio Linyanti, em DumaTau



FOTO BERNARDO NEU BARTH



FOTO BERNARDO NEUBARTH

nal, em setswana, o dialeto mais falado em Botsuana: “Pula!” (saúde!). Assim se brinda aqui, no meio da África.

REINO DO LEÃO

Partimos rumo ao DumaTau Camp, cujo significado é “o rugir do leão”, que seria nosso derradeiro *lodge* em Botsuana. O deslocamento, mais uma vez, foi feito de avião, num voo de aproximadamente 30 minutos. Aliás, é impressionante a logística da Wilderness para coordenar a movimentação dos hóspedes nesses traslados aéreos, em aviões Cesna de 12 lugares. Tudo feito com muita precisão de horários e absoluta segurança.

Na chegada a DumaTau, o que mais impressiona é a exuberância da vegetação. Estamos na Bacia do Rio Linyanti, uma região abundante em água, formada por várias lagoas, canais e rios, sendo os principais o Kwando e o Linyanti.

O Wilderness DumaTau Camp é uma celebração ao safári de observação. O lodge, que existe há mais de 20 anos, foi todo renovado em 2020 e já recebeu muitos prêmios internacionais. O hotel fica na margem do Linyanti, numa paisagem de beleza extraordinária.

As oito suítes e a vila, ideal para uma família de quatro pessoas, ficam maravilhosamente posicionadas de frente para o rio. Todas têm piscinas pri-

vativas e decoração de extremo bom gosto, uma ode aos animais selvagens. Nesse, como em todos os outros 58 *lodges* da Wilderness na África, a energia e o aquecimento da água são à base de painéis solares. Além disso, existem sistemas especiais para um aproveitamento eficiente e sustentável de toda a água usada nos hotéis. A Wilderness utiliza um modelo sustentável de negócio, que não compromete o meio ambiente e oferece empregos, treinamentos e esperança ao grupo social em que ela se insere. E isso vale para toda a operação, das instalações às propostas de experiências dos hóspedes.

Adoro os aromas daqui. Em DumaTau, assim como em Jao, conseguimos sentir o cheiro fresco da água cristalina. Tudo provoca os sentidos. Com uma localização privilegiada, o hotel oferece, além do safári, passeios de barco. Entre os diversos programas, tivemos um almoço maravilhoso a bordo de uma embarcação, de onde pudemos ver bem de perto como os magníficos elefantes-africanos, um dos Big Five, se comportam na água. Eles amam o frescor que o Linyanti proporciona. Os elefantes são uma das estrelas do *lodge*: os que passam por DumaTau fazem parte da maior população do continente africano. Sem se importar com fronteiras, são a última grande manada da África.



Além do prazer raro de observar esse momento, cada viajante aqui ajuda na conservação desse pedaço de terra crucial, a Área de Conservação Transfronteiriça Kawango-Zambezi. O Linyanti é o lar dos elefantes e de muitas outras espécies da vida selvagem. Para minha alegria, vimos dezenas de elefantes. Famílias inteiras!

Em outro programa de barco, avistamos muitos hipopótamos. Também estivemos na fronteira de Botsuana com a Zâmbia e aprendemos com nosso guia sobre a importância do Bacia do Linyanti, seus rios e canais e todos os projetos (são muitos) apoiados e promovidos pelo grupo Wilderness para a proteção e preservação da vida selvagem e das comunidades que vivem na região. Os projetos sociais apoiados pela Wilderness são fundamentais para os africanos que vivem nas vilas e comunidades das regiões dos Camps. Hoje, eles ajudam a conservar e proteger 2,3 milhões de hectares de terra. Para isso, concentram seus esforços em programas de conservação e capacitação da comunidade em



Acima, o avistamento de animais próximos às tendas é um dos destaques do Mombo Camp, e suíte do mesmo lodge.

Na página ao lado, um leão desfila sua majestade em DumaTau



três pilares: educar, capacitar e proteger.

Trabalham com energia solar (100%), estações de tratamento de esgoto para proteger os lençóis freáticos e dizem não ao desperdício de comida e aos plásticos de uso único (como água engarrafada e copos descartáveis).

Além de uma terra rica em vida e de uma experiente equipe de guias, um bom safári depende de sorte. Afinal, a natureza rege o tempo por aqui. Em DumaTau, fomos abençoados com uma experiência absolutamente inesquecível, embora dura e triste.

Um novo e lindo dia raiava em DumaTau e nenhum de nós imaginava o que a manhã nos reservava. Logo depois de o Sol nascer, nosso guia, DK, avistou duas leas e seus três filhotes (tão fofos que temos vontade de pegar no colo e levar para casa). Pois bem, tudo corria às maravilhas, e passamos a segui-los. Até que DK nos chamou a atenção para o olhar e os movimentos das leas: elas estavam tensas e todo o tempo muito atentas. Os filhotes, como qualquer criança, apenas seguiam as mães, felizes e despreocupados.

Não demorou muito e entendemos o porquê de tamanha preocupação: um enorme macho, que não

era o pai dos leõezinhos, estava à espreita. DK nos explicou que os machos não querem e não aceitam a competição de filhotes de outros clãs. Eles encaram a sobrevivência de filhotes que não são seus como uma ameaça.

Acompanhamos, por mais de uma hora, a perseguição lenta e persistente até que, de repente, o macho atacou um dos filhotes, que estava distraído. Um ataque rápido e preciso, sem chance de defesa. Presenciamos tudo, surpresos e aterrorizados.

O cruel e eterno ciclo da vida bem diante de nossos olhos. Mais uma vez, a natureza selvagem se impondo de forma suprema.

Diminutos diante da realidade, nos restou aceitar que a magnífica vida selvagem da África segue seu curso há centenas, milhares e milhões de anos.

Voltamos para o Brasil com o coração carregado de lembranças e com uma grande certeza: é preciso preservar e conservar tudo o que a natureza caprichosamente criou.

A vida no continente africano, nossa pátria mãe, é preciosa, única, belíssima e segue seus ciclos de forma equilibrada.

Viva a vida selvagem da África! 📍

Acima, suíte e deck com piscina do Wilderness Jao ao entardecer. Na página ao lado, hóspedes fazem observação da vida selvagem no Wilderness DumaTau, às margens do Rio Linyanti, e a piscina social do Wilderness DumaTau



ENTREVISTA

Sonu Shivdasani

Ao ressignificar o conceito de luxo e basear a operação na sustentabilidade, o fundador e CEO do Soneva destaca seu grupo hoteleiro pelos bons exemplos e pela excelência, além de manter alguns dos paraísos mais desejados – e responsáveis – do mundo

POR NATHALIA HEIN

É com a eloquência e o entusiasmo dos apaixonados que Sonu Shivdasani conhece cada detalhe que tange o grupo Soneva, do nome dos funcionários aos pratos do cardápio de cada resort.

Fundador e CEO da marca, ele divide com a esposa, Eva, a missão de fazer dos hotéis da rede um exemplo de sustentabilidade e alto padrão na arte de receber. Juntos eles comandam um pequeno império, regido segundo as necessidades da natureza, já que as propriedades foram concebidas para causar o mínimo impacto nos ambientes em que estão inseridas. Mais que isso: todas têm a missão de fazer de sua permanência um fator positivo, colaborando com as comunidades locais, incentivando seus hóspedes a práticas

de preservação e ressignificando os conceitos de luxo.

Desejo de dez entre dez viajantes, os hotéis da rede – Soneva Fushi e Soneva Jani, nas Maldivas, Soneva Kiri, na Tailândia, e o barco *Soneva in Acqua* – atendem aos mais rigorosos critérios ambientais e são formatados para surpreender com experiências exclusivas, criadas para que o hóspede experimente uma sinergia singular com a natureza.

Na entrevista a seguir, Shivdasani, que também fundou o grupo Six Senses, elenca as diversas ações da Fundação Soneva para garantir um planeta melhor, revela a abertura de um novo resort nas Maldivas até o fim de 2023 e discorre sobre como hospedar com sofisticação e elegância tem absolutamente tudo a ver com simplicidade, originalidade e sustentabilidade.





Vista sobre o resort Soneva Fushi, nas Maldivas

UNQUIET _ Como nasceu o conceito do grupo Soneva?

Sonu Shivasani: Decidimos que queríamos abrir um resort como nenhum outro, garantindo também a proteção do meio ambiente. Acreditamos que uma empresa deve ter um objetivo claro, além de gerar lucro. Ela deve servir e contribuir para a sociedade em que opera e não deve causar impacto negativo no local em que está localizada. Juntos, combinamos nossas respectivas experiências em gerenciamento, estilo e design para desenvolver um resort que satisfizesse nosso desejo de oferecer um destino dos sonhos para aqueles que gostavam de viajar com sofisticação. Compramos um resort abandonado em uma longínqua ilha de 100 acres de Kunfunadhoo, no Atol de Baa, e começamos a criar nosso sonho. Fomos o primeiro resort de luxo nas Maldivas, que,

na época, era um paraíso para os mergulhadores. Construímos os resorts um depois do outro e também fundamos o Six Senses Resorts and Spas, bem como a marca Evason, que vendemos em 2012. A marca Soneva sempre foi a nossa marca premium.

Quais são os conceitos fundamentais do Soneva ao projetar as propriedades?

Nossos conceitos estão centrados em nossa filosofia de luxo inteligente e *slow life*. Entre os princípios que incorporamos estão o design sustentável e ecologicamente correto, o *barefoot luxury*, que visa oferecer uma experiência sofisticada em um ambiente descontraído e casual, a conexão com a natureza, já que os nossos resorts se localizam em alguns dos locais mais belos e remotos do mundo, um serviço excepcional, com todos

os resorts projetados para serem isolados e íntimos, com anfitriões altamente treinados para garantir que cada hóspede receba uma atenção personalizada, e finalmente experiências exclusivas, de restaurantes em copas de árvores a jantares sob as estrelas. Tudo é voltado para a criação de experiências raras.

O que o hóspede nunca encontrará em um Soneva?

Nossos hóspedes nunca encontrarão plásticos descartáveis, pois estamos totalmente comprometidos com a redução de nosso impacto ambiental. Também não há alimentos embalados e produzidos em massa nem ingredientes de origem insustentável. Trabalhamos com ingredientes orgânicos de origem local, que, muitas vezes, são cultivados nos jardins do resort. Nossas vilas e as áreas comuns dos hóspedes não tem tecnologias

Acreditamos no dever de contribuir para a sociedade em que operamos sem causar impactos ao meio ambiente

barulhentas e intrusivas, pois o objetivo é proporcionar uma experiência tranquila e relaxante.

O que ele sempre encontrará?

Queremos que nossos hóspedes possam se desconectar completamente de sua vida diária. Nós os convidamos a mergulhar na beleza de nossos resorts e nas experiências que oferecemos e, o mais importante, a se conectar uns com os outros. No Soneva, somos ricos em experiências de aprendizado, em nosso observatório, por exemplo, aprendendo a mergulhar livremente ou a fazer *snorkel* com nosso biólogo marinho. Há também oportunidades de aprendizado com visitantes interessantes, como um astrônomo, artesãos, um campeão mundial de mergulho livre, um autor famoso, um chef com estrelas *Michelin*, um vinicultor ou um campeão de tênis do Grand Slam, como Jonas Björkman.

Como o grupo consegue receber com alto padrão sem renunciar à sustentabilidade?

Acreditamos que o luxo é definido como algo que é raro ou incomum para os viajantes. É algo novo e autêntico, que toca o coração das pessoas quando é experimentado. Buscamos o “luxo inteligente”, com o desejo de desafiar e entender completamente o que esse conceito realmente significa. Nos últimos 30, 40 anos, houve uma grande mudança na demografia das pessoas. Elas vivem em cidades onde a poluição está presente em todas as suas formas: ambientes sujos, barulho e excesso de luz. Não estão tão em contato com a natureza, mal têm tempo para se sentar e respirar, e muito menos conviver com a família e os amigos. Com isso em mente, a experiência que criamos é a mais distante possível de um cenário urbano, permitindo que todos se entreguem a coisas que raramente conseguem fazer na vida diária.

E como isso se dá na prática, no dia a dia da hospedagem?

Quando nossos hóspedes chegam, a primeira coisa que fazemos é perguntar se eles gostariam de tirar os sapatos. Nosso mantra, “no news, no shoes”, permite que sintam a areia entre os dedos dos pés. Alguns não voltam a calçar os sapatos durante toda a estadia conosco. Algumas das minhas características favoritas do Soneva são os cinemas ao ar livre, nossos observatórios e os grandes banheiros ao ar livre. Acreditamos que estes são verdadeiros luxos: assistir um filme sob o céu estrelado, explorar as maravilhas do espaço e tomar banho cercado pela natureza.

Em relação às ações de sustentabilidade do grupo, como elas são concebidas?

A sustentabilidade sempre esteve

no centro dos valores do Soneva, desde o fornecimento de materiais e práticas pioneiras de “desperdício para a riqueza” até o trabalho em parceria com as comunidades locais. Sempre nos esforçamos para sermos pioneiros no setor de hospitalidade e temos muito orgulho de sermos 100% neutros em carbono desde 2012. Ainda nos esforçamos continuamente para sermos pioneiros em iniciativas que protejam nosso ambiente natural e nossos recursos. A Fundação Soneva apoia o desenvolvimento de projetos que tenham um impacto ambiental, social e econômico positivo. Sempre que possível, ela usa princípios de investimento de impacto, buscando recuperar os gastos por meio de financiamento de carbono, que, por sua vez, serão realimentados em projetos para ajudar a estender o alcance e os benefícios a mais famílias.

Como a gastronomia dos resorts se encaixa nesse conceito?

Fazemos o possível para obter o máximo de produtos locais, de nossas hortas orgânicas, do mar que cerca nossas ilhas ou de países vizinhos. O abastecimento local tem dois benefícios principais: primeiro, nossos ingredientes não precisam viajar tanto para chegar ao prato dos hóspedes, mantendo assim seus valores nutricionais intactos. Segundo, isso também reduz as emissões de carbono. Não há absolutamente nenhum impacto prejudicial ao meio ambiente e nossos hóspedes saboreiam suas refeições sabendo que os alimentos que consomem são livres de produtos químicos, provenientes de comércio justo e de origem sustentável. Outros exemplos são o chocolate amargo em nossas salas de chocolate e os vinhos biodinâmicos e orgânicos, que dominam nossas cartas de vinhos.

Como a comunidade local participa das atividades e da rotina de



Ação de retirada de plásticos da natureza nas Maldivas. Na página ao lado, fazenda de regeneração de corais e o trabalho de reflorestamento estão entre as ações sustentáveis do grupo

cada resort? E como ela é impactada pelos hotéis?

Lançamos o Soneva Namoonu em 2019, uma ONG nas Maldivas, sem fins lucrativos, com o objetivo de trabalhar com as ilhas locais no gerenciamento de resíduos e na eliminação do plástico descartável e resolver um problema que atormenta as Maldivas há uma geração: como descartar o lixo de forma adequada. Atualmente, as comunidades das ilhas queimam o lixo em fogueiras abertas e tóxicas. Enquanto isso, quantidades significativas de resíduos, especialmente plásticos, vão parar nas praias, sujando e sufocando os recifes de coral. Nossa ambição é criar um modelo para comunidades com zero desperdício, centrado em três componentes principais: reduzir, reciclar e inspirar. Logo após o início, instalamos o primeiro centro de engarrafamento de água de vidro, numa ilha regional, o que seria o início de muitas outras inovações. Tradicionalmente, a água consu-

mida pelo público nas ilhas vem de garrafas plásticas de uma empresa de engarrafamento de água em Malé, a capital das Maldivas. A Soneva Namoonu Water filtra e mineraliza a água dessalinizada da ilha e a coloca em garrafas de água de vidro esterilizadas. Quando as garrafas são devolvidas, o usuário obtém uma economia de 20% na compra de água. Portanto, a situação financeira fica melhor. No momento em que escrevo, a primeira fábrica da Soneva Namoonu evita o descarte de 10 mil garrafas plásticas por mês. Uma segunda está sendo construída em Kudafari, no Atol de Noonu, onde o Soneva Jani está localizado, e a terceira será construída em breve em Makunudhoo, onde nosso novo resort será inaugurado, no fim do ano. Em fevereiro de 2020, comemoramos outra novidade nas Maldivas: Maalhos se tornou a primeira ilha do país a acabar com a prática de queimar seu lixo em fogueiras abertas. Isso foi possível graças à abertura do centro de

resíduos e riqueza Eco Centro, que foi financiado pela Soneva e se inspirou no Eco Centro do próprio Soneva Fushi.

Como os hotéis incentivam seus hóspedes a serem mais conscientes?

Os hóspedes do Soneva vêm de todas as partes do mundo e mais da metade deles são hóspedes recorrentes. Eu diria que cerca de metade de nossos hóspedes se preocupa com a sustentabilidade. Nossos entusiastas do Soneva certamente fazem. Eles ficam muito impressionados com o que alcançamos: seja pelo fato de termos banido a água de marca, os plásticos descartáveis e os canudos de plástico, seja pelo fato de nossa taxa ambiental obrigatória ter arrecadado mais de 9 milhões de dólares para os projetos de compensação de carbono da Fundação Soneva. Também reciclamos 90% de nossos resíduos, e as instalações do Eco-Centro Waste to Wealth

estão constantemente inovando. Os hóspedes percebem nosso compromisso total de sermos guardiões do planeta e a maioria deles, ao voltar para casa, começa a viver de forma mais consciente.

Quais são as ações mais relevantes já tomadas que você poderia mencionar nos resorts Soneva?

Em 2008, percebemos que nossa abordagem em relação à medição das emissões de carbono era limitada. Operar em locais remotos exige que nossos hóspedes viajem longas distâncias. Em média, a viagem de ida e volta de um hóspede resultará em emissões de cerca de 1 tonelada de CO₂. Nossos hóspedes têm pouca escolha a não ser voar para chegar a nossos locais remotos. Assim, decidimos medir o escopo 3 (*emissões pelas quais a empresa é indiretamente responsável*). Para a nossa grande surpresa, descobrimos que 85% das emissões de CO₂ do Soneva Fushi são provenientes do escopo 3, que o setor em geral não

mede. Assim, tomamos a simples medida de adicionar uma taxa ambiental obrigatória de 2% às contas de nossos hóspedes para compensar todas as nossas emissões. Foi uma pequena mudança e uma cobrança relativamente pequena, que nossos hóspedes aceitaram de bom grado. E as recompensas têm sido ótimas.

Por que você escolheu as Maldivas e a Tailândia para a implementação dos hotéis do grupo?

Visitei as Maldivas pela primeira vez com Eva em 1987 e me apaixonei. Eu nunca tinha visto nada igual. Eva, que vinha para cá para fazer ensaios de moda desde o final de 1980, adorou o modo de vida simples, o mar azul-turquesa e as ilhas intocadas. Abrimos o Soneva Fushi em 1995. O mesmo amor à primeira vista aconteceu com Koh Kood, uma das ilhas mais despovoadas da província de Trat, na Tailândia, com as maiores selvas, as praias mais brilhantes e águas cristalinas. A combinação

de beleza natural e a possibilidade de criar resorts sustentáveis, que não prejudicam a natureza, a riqueza cultural das Maldivas e da Tailândia e as infraestruturas de turismo existentes, mesmo em 1995, tornaram esses países destinações atraentes para nós dois.

Vocês têm alguma ação social ou ambiental planejada para o futuro?

Continuaremos a nos superar. Nosso novo resort será 95% movido a energia renovável. O Soneva Fushi e o Soneva Jani terão um pouco mais de 50%. Certamente, até 2030 os três resorts descarbonizarão suas operações, embora tenhamos sido neutros em carbono como organização desde 2010. Continuaremos a ser líderes em hospitalidade sustentável e ampliar os limites de como podemos reduzir nossa pegada ambiental. E continuaremos a promover práticas de turismo responsável. 📍

soneva.com/foundation

A jornada que virou o destino

De Araguari, uma pequena joia original do Triângulo Mineiro, ao Rio de Janeiro, um caminho de encontros, surpresas e grandes alegrias

POR GREGORIO DUVIVIER ILUSTRAÇÃO AMANDA PINHO

Por um ano e meio, Giovanna e eu seguimos à risca as recomendações da Organização Mundial de Saúde. Vivíamos aquela série de abstinências: os amigos, a família, o trabalho e, além de tudo isso, a viagem. Sentia uma saudade gigante de sentir saudades de casa. Foi Alexandra, minha sogra, quem deu a ideia: “Quando é que vocês vem para Araguari?”

Giovanna, minha companheira, nasceu no Triângulo Mineiro, onde seus pais moram até hoje. O leitor talvez conheça sua cidade por esta piada batida. “O Triângulo Mineiro”, diz o engraçadinho, fazendo sotaque caipira, “tem três Bs: Bera-ba, Berlândia e a bosta de Araguari.” A piada, além de velha, é injusta. Arrisco dizer que, das cidades do Triângulo, Araguari é a mais charmosa, justamente por não almejar o status de metrópole – que Uberlândia sempre almeja, sem grande sucesso.

Ao contrário das irmãs mais populosas, Araguari preserva sua natureza exuberante. Ela está cercada de cachoeiras por todos os lados. Reza a lenda que são 150, só no município. Além disso, sua população negra produz uma das festas de congado mais bonitas do país. Vale conferir, em outubro, no Dia de Nossa Senhora, ou Dia das Crianças. Como se não bastasse, o Bosque JK, uma homenagem dupla, a John Kennedy e a Juscelino Kubitschek, garante um espaço de floresta densa no coração da cidade, com um ótimo parquinho de crianças e um restaurante delicioso.

Dito isso, resolvemos fugir da pandemia para visitar a avó em Araguari, e aproveitar para trazer de lá um carro que o meu sogro tinha dado de presente à filha. Fazia tempo que precisávamos trocar nosso Fiat 500 por algum carro que não nos obrigasse a ficar de cócoras para entrar. Giovanna e eu somos baixinhos, então aguentamos por um tempo. Mas a chegada da Marieta foi a gota d’água. Não havia

bebê-conforto que coubesse espremido no banco de trás. O Fiat 500 é um carro que funciona para um solteiro baixinho e contorcionista, e não para uma família com uma criança de 3 anos.

De Araguari ao Rio de Janeiro, de carro, são 14 horas, segundo o Google... Mas a gente fez em uma semana. Primeiro paramos por três dias na Serra da Canastra. Você talvez conheça a serra só pelo queijo. Já bastaria para visitá-la. Além disso, também nasce ali o Rio São Francisco. E não nasce discretamente, mas com uma queda-d’água monumental: a Cachoeira Casca d’Anta.

Dali descemos para Tiradentes, não pela BR, mas pelas MG, estradas sinuosas que cruzam o estado de cabo a rabo. Passamos um dia inteiro zanzando em ziguezague – perder-se faz parte da experiência mineira. Não tem nenhuma cidade em Minas que não tenha uma especialidade imperdível que não se encontra em nenhum outro lugar. Almoçamos uma carne de lata inesquecível na cidade de Formiga, lanchamos um delicioso pão com linguiça num bar em Morro do Ferro e no final do dia jantamos um leitão no Ateliê Gastronômico, em Tiradentes – peço desculpas aos veganos, mas o mineiro é movido a proteína animal.

Empanturrados, fomos dormir em Desterro do Melo, onde amigos fizeram uma comunidade chamada Refazenda. A casa coletiva abriga toda sorte de exilados da cidade grande: artistas, ativistas, foragidos. Passamos dois dias intensos, ouvindo e contando histórias, e jogando jogos sem tabuleiro.

Voltamos para casa preenchidos de histórias (e leitão). A pandemia ainda duraria alguns meses. Mas tínhamos ganhado um tesouro. Sabíamos que, quando estivéssemos cansados da cidade grande, sempre teríamos as montanhas mineiras e sua gente iluminada. Como diz o filme: “We’ll always have Minas”. 📍



Inspiradores



GUILHERME VIZANE

GLÓRIA MARIA POR LEILANE NEUBARTH

Querida amiga, os meses passam e eu não me acostumo.

Sigo na esperança quase infantil de que você apareça, de repente, pra contar sobre essa última viagem.

Tá difícil, Glorinha, aceitar que, dessa vez, eu não vou saber o que você achou do lugar pra onde você foi...

Tantas vezes, por tantos anos, eu e tantos brasileiros aprendemos a conhecer lugares e suas culturas pelo seu olhar, pela sua observação amorosa de espaços e pessoas.

Suas palavras, sua emoção, sua coragem de desafiar seus próprios limites e medos nos levaram mundo afora.

Dessa vez, você foi pra bem longe, um espaço onde todos nós estaremos um dia, e sobre o qual temos tanta curiosidade.

E eu me pego aqui, ansiosa, aguardando um contato seu para saber um pouco sobre o que nada se sabe, sobre a última viagem.

Agora que você está em outra dimensão, me faltam sinais e notícias desse mundo, e sonho com sua narrativa.

Você, que dezenas de vezes abriu portas e caminhos.

Você, que nos mostrou que se jogar na emoção é mais importante do que ter palavras para descrevê-las. Você, que nos inspirou a romper espaços e acreditar que devemos dançar o baile da vida, tragando firme todas as emoções.

Você, que corajosamente desafiou estruturas e preconceitos para mostrar que tudo é possível.

Você, que tanta falta faz para os milhões que sempre tiveram na sua imagem o farol luminoso que indicava a esperança de uma vida melhor.

Sua habilidade em mostrar um mundo tão rico e diverso nos ensinou sobre resiliência, respeito e empatia.

Amiga, aproveite essa viagem como você aproveitou todas as outras. Suas filhas estão bem cuidadas. Elas seguem seus ensinamentos e nos enchem os olhos de lágrimas tamanha a emoção quando falam de você.

Da minha parte, decidi que vou viajar mais e mais, e sempre mais, porque tenho a certeza de que em cada uma das viagens vou encontrar você!

Vou encontrar sua coragem, sua generosidade e suas risadas.

Me despeço como sempre nos despedimos: "Te amo". 📍

Certified
B
Corporation


GOYA
BY COPASTUR



Respire Explore Transforme Vivencie Relembre



Viagens únicas que ajudam mostrar o que há além do horizonte.
Goya by Copastur uma agência Virtuoso.



* A inspiração da escrita

MONTBLANC

INSPIRE WRITING*
montblanc.com